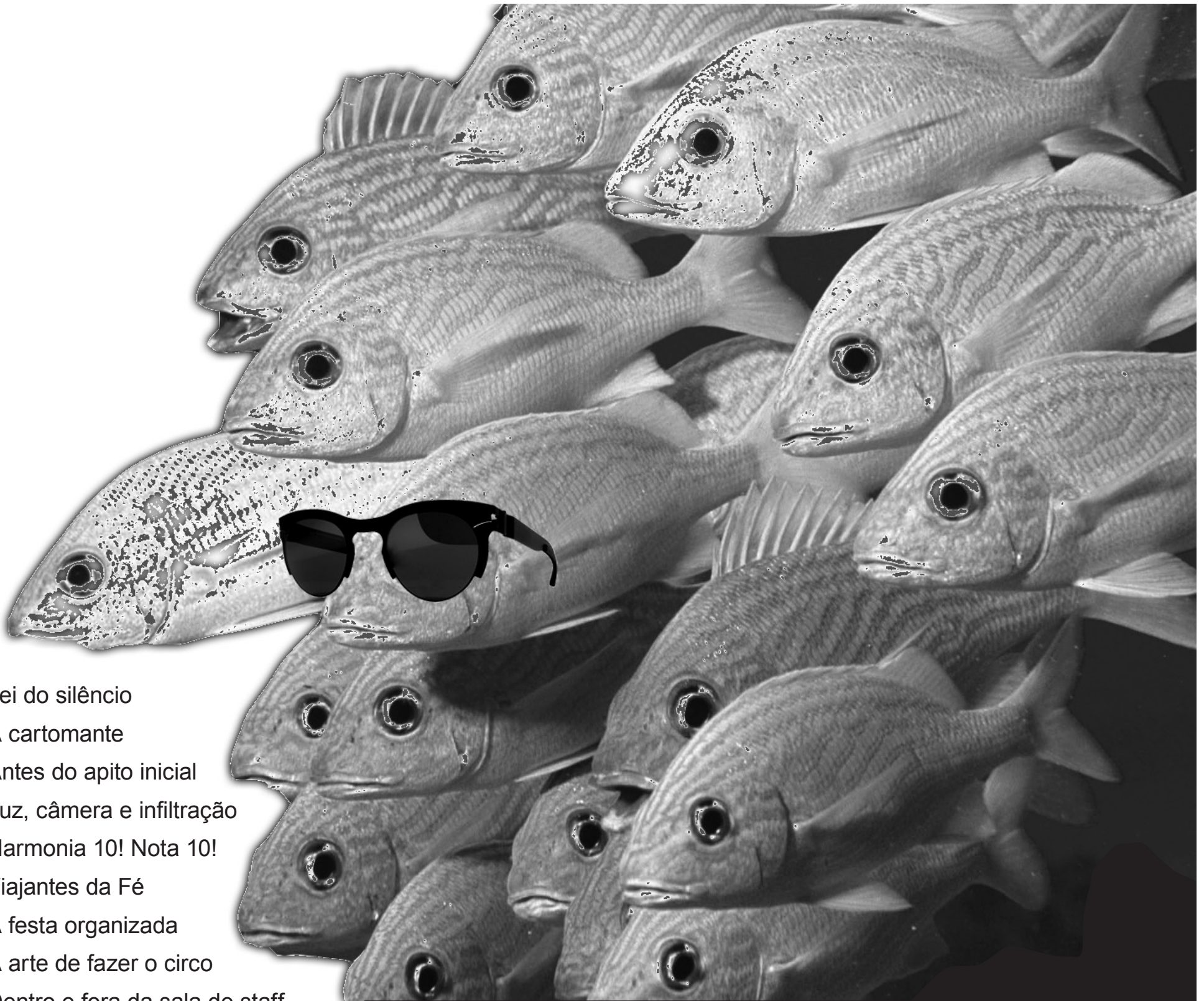


nº ZERO

JORNAL LABORATÓRIO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ - número 21



- o Lei do silêncio
- o A cartomante
- o Antes do apito inicial
- o Luz, câmera e infiltração
- o Harmonia 10! Nota 10!
- o Viajantes da Fé
- o A festa organizada
- o A arte de fazer o circo
- o Dentro e fora da sala de staff
- o Apenas uma delegacia
- o A pirâmide do consumo
- o Prevenção de perdas em Orlando
- o A estética da dor
- o Um novo olhar sobre a favela
- o Morro Santo Amaro é tomado pela Força Nacional
- o A religião da vida real
- o Eu sou o povo
- o Quatro histórias de amor
- o Meu Carnaval já começou
- o O homem invisível
- o Os filhos do Dono
- o Quero ser Miss Brasil
- o Profissão de risco

OS INFILTRADOS

Antes do apito inicial

O caminho que o árbitro precisa percorrer para apitar uma partida de futebol profissional



Fotos: Arthur Santana

Luiz Antônio Muniz (à esquerda), João Ennio Sobral (ao centro) e Eduardo Cordeiro (à direita): árbitros ganham de R\$ 900 a R\$ 7.500 por partida de futebol

Arthur Santana

Antes de subir ao gramado e apitar o início de uma partida de futebol, um árbitro tem um longo caminho a seguir. No Rio de Janeiro, o primeiro passo a ser dado por aquele que deseja se tornar um árbitro de futebol é se inscrever na Escola de Arbitragem da Federação (Eaferj).

Com o ensino médio completo, idade máxima de 26 anos e uma taxa de R\$ 350, o aluno recém-chegado recebe um livro com todo o conteúdo didático do curso e se submete a aulas todas as terças e quintas. Aulas de português, inglês, espanhol, regras de arbitragem e de como redigir uma súmula são alguns exemplos das 13 disciplinas ministradas no curso.

“O aluno chega à Escola em busca de um complemento de renda. São professores, militares, funcionários públicos que vêm na arbitragem uma forma de melhorar

sua condição financeira. Mas a primeira coisa é gostar de futebol. Quem chega, invariavelmente, gosta de estar perto do campo”, conta Carlos Elias Pimentel, diretor da Escola de Arbitragem do Rio.

Conciliar o emprego e o curso não é uma tarefa fácil. O principal critério de avaliação de árbitros é a preparação física. Ser aprovado nos testes físicos, que incluem “tiros” de 50 e 60 metros em poucos segundos, exige do aluno a presença nos treinos ministrados por Paulo Barroso, preparador físico da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, na pista do Estádio Célio de Barros, no Maracanã.

A vida regrada em termos de saúde implica no fim, ou pelo menos na pausa, de algumas paixões. “Para me preparar fisicamente para a atuação de árbitro de futebol, tenho que deixar de lado aquela pelada do fim de semana. Se eu me lesiono,

eu não sou escalado e, se não sou escalado, eu não recebo”, diz Eduardo Cordeiro, árbitro profissional. Em termos salariais, um árbitro profissional da Ferj recebe R\$ 900 por jogo de clube pequeno contra outro pequeno, mas a quantia pode chegar a R\$ 7.500 para o árbitro que apita a final do Campeonato Carioca. Contudo, essa quantia só será recebida se o árbitro, dentre os 315 inscritos na Federação, for sorteado para a partida.

Eduardo Cordeiro, aos 30 anos, é árbitro de futebol profissional e vai estreiar em seu primeiro clássico como profissional no Fla-Flu. Diferentemente de jovens jogadores como Neymar, que alcançam a fama antes de completar 20 anos, um árbitro precisa primeiro passar por um período longo atuando em divisões inferiores. Em caso de destaque, o árbitro profissional pode chegar à primeira divisão após cinco anos de formado.

EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Carlos Levi



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Direção

Ivana Bentes

Coordenação do Curso de Jornalismo

Cristiane Costa

Núcleo de Imprensa

Elizabete Cerqueira coordenação executiva

Cecília Castro programação visual



número 21

Informativo produzido pelos alunos da Escola de Comunicação da UFRJ na disciplina de Jornal Laboratório

Coordenação Acadêmica

Cristiane Costa

Coordenação gráfica e design

Cecília Castro

Revisão

Fernando Ewerton

Este número foi produzido com matérias elaboradas pelos alunos da disciplina Jornal Laboratório.

TIRAGEM: 500 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

“Quando saiu a escala na quinta-feira e vi que apitaria um Fla-Flu, tive certeza de que esse era o jogo da minha vida. Uma final de Copa do Mundo para Eduardo Cordeiro Guimarães”, afirmou.

Hospedados em um hotel na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o sexteto de arbitragem tem de passar por um período de 24 horas de concentração antes de uma partida, tal qual um time de futebol. Assistir aos jogos de sábado, participar de uma atividade com o psicólogo Ricardo Portella e receber instruções táticas do técnico José Carlos Santiago são algumas das atividades do árbitro e seus auxiliares durante o período de concentração.

Logo, o grande dia chegou. Na saída do hotel, Eduardo vestia terno e levava sua mala com o equipamento. De lá para o Estádio João Havelange, pouco mais de 30 minutos de carro, muitas ligações desejando boa sorte e um bate-papo descontraído sobre seu ex-clube do coração, o Botafogo.

“Eu era botafoguense, mas depois que você entra para a arbitragem essas coisas ficam de lado. Você perde essa paixão de torcedor. Não tem jeito, daí para frente o



Árbitros, assim como os jogadores, também se concentram antes de jogos decisivos e ficam isolados do contato público

único time que você torce é o sexteto de arbitragem. Já me peguei dormindo enquanto assistia a um jogo do Botafogo”, conta Eduardo.

Pouco antes de chegar ao local de jogo, uma simples pergunta gerou um bom tempo de reflexão. Afinal, qual o lance mais difícil para um árbitro de futebol?

“Acredito que o lance mais difícil é aquele que você não espera. Às vezes a bola vem pelo alto e você está olhando para

o peito ou para a cabeça dos jogadores e um deles dá um pancada por baixo. É difícil perceber isso. Se for um lance normal de disputa de bola no chão e você está olhando para o pé, pode acabar deixando passar uma agressão por cima”, afirmou Eduardo.

Sem precisar de credencial ou mostrar qualquer tipo de identificação, o repórter se viu onde nunca esteve. No vestiário da arbitragem. Ao lado de Luiz Antônio Muniz, Dibert Pedrosa,

Leonardo Moreira, Maurício Machado e João Ennio Sobral, Eduardo Cordeiro conferia as escalas e passava as estratégias para a partida.

Depois de cada um fazer a sua própria oração, um momento de união. Abraçados no centro do vestiário, rezaram e pregaram a confiança um no outro para obterem sucesso na empreitada que vinha a seguir. Recebidas as últimas instruções de José Carlos Santiago, os seis subiram as escadas

para os 90 minutos mais intensos que poderiam esperar.

Ainda sem credencial, vestiu uma camiseta da Ferj e assistiu a todo o Fla-Flu na beira do gramado. Como estava próximo à torcida do Flamengo, meu maior medo era comemorar algum gol ou lance do Fluminense enquanto vestia uma camisa da Federação. Mas a situação foi diferente. Percebi que Eduardo tinha razão e, durante aqueles minutos, o significado de torcer pela arbitragem ganhou forma.

Em um clássico que terminou com a vitória rubro-negra por 2 a 0, a arbitragem ficou marcada, positivamente, pela expulsão acertada de Ronaldinho Gaúcho. Enquanto no intervalo da partida o semblante dos árbitros era fechado e sério, após o jogo era de sorrisos e alegria por ter feito um bom trabalho.

O domingo havia, enfim, acabado. Mas a intensidade da vida desses profissionais teria apenas algumas horas de descanso.

“Vou sair para jantar agora e vou para casa. Amanhã tenho que estar na escola às 7h da manhã. Tenho uma turma de educação física em um colégio na Tijuca”, comentou o professor Eduardo Cordeiro.



Luiz Antônio Muniz (à frente) e Dibert Pedrosa: árbitros mostram sua fé individual durante oração conjunta antes do jogo

Luz, câmera e infiltração

O cinema adora explorar as peripécias de quem se disfarça e assume outra vida



Imagens de divulgação
Filmes que têm “infiltração” como tema principal: do drama *Um estranho no ninho* à comédia *As Brinquetas*

Antonella Zugliani

Máscaras, maquiagem, fantasias, mentiras, invenções, confusões e trapalhadas. Essa, além de ser uma frase típica de chamada de filmes da sessão da tarde da Globo, também é uma descrição coerente das obras cinematográficas cujo tema principal é a infiltração. A sétima arte aborda, nos seus mais diversos gêneros, diferentes formas de que um indivíduo dispõe para se infiltrar em um determinado ambiente.

Nesse contexto, fomos até Washington visitar o quartel-general de um dos organismos mais citados em obras que abordam a infiltração. É lá que trabalhamos dois protagonistas do filme de comédia *As Brinquetas*. Marcus e Kevin Copeland são detetives do FBI (*Federal Bureau of Investigation* — em português, a sigla significa “Departamento Federal de Investigação”) e andam encontrando problemas no trabalho. Um plano de sequestro vem para salvá-los do risco de demissão e as vítimas são duas jovens socialites que prometem não facilitar a missão. Escalados para escoltá-las até o aeroporto para um evento, os irmãos não contavam com um imprevisto. No caminho, sofrem um acidente de carro que provoca algo muito grave

para as jovens Wilson: um arranhão no nariz de uma e um corte no lábio de outra. Como julgam que não podem aparecer em público com aquela aparência, se recusam a ir ao evento. Dessa maneira, Marcus e Kevin não veem outra saída senão se travestirem de meninas brancas, loiras e vaidosíssimas. A história se desenrola durante toda a preparação para o evento e trabalha com os estereótipos americanos de brancos e negros.

Martin Scorsese também menciona o FBI na sua obra *Os Infiltrados*, lançada em 2006. Leonardo DiCaprio estrela em uma trama que exige total atenção para que se possa entender suas minúcias. Em Boston, Massachusetts, o chefe da máfia irlandesa, Francis “Frank” Costello, cria, desde pequeno, um espião para se infiltrar como informante dentro da Polícia Estadual. Ao mesmo tempo, a polícia planta William “Billy” Costigan na equipe de Costello. Antes que seus disfarces sejam revelados, tanto Billy quanto o informante de Costello, Colin Sullivan, precisam descobrir a identidade do outro.

Chega de violência, vamos à propaganda e ao amor. Em uma comédia romântica que, de fato, rende risos e vontade de se apaixonar, Mel Gibson faz o papel de Nick Marshall

no filme *Do que as mulheres gostam*. O publicitário, após sofrer um grave acidente, passa a ter o dom de ler os pensamentos das mulheres.

Acreditando que aquilo só poderia ter vindo para o bem, Nick usa o poder para agradar a sua rigorosa chefe na agência onde trabalha, Darcy Maguire, interpretada por Helen Hunt. Antigo “garanhão”, acaba por se conscientizar sobre as necessidades do sexo oposto ao conhecer as suas intimidades, inseguranças e belezas. Infiltrado nos pensamentos de mulheres de todos os tipos, ele se apaixona por alguém que nunca imaginaria — mas que você já deve desconfiar. A comédia romântica e sua previsibilidade...

Ainda falando de amor, é inevitável a lembrança de um dos desenhos animados mais queridos da infância. A beleza da jovem chinesa corajosa ficou na memória de todos com o filme *Mulan*, o 36º filme de animação dos estúdios Disney, lançado em 1998. No ano 450 d.C a China imperial é invadida, devido à revolta do líder dos Hunos com a construção da Grande Muralha. Nessa condição, o imperador ordena que todas as famílias devem enviar um homem para servir ao exército e auxiliar na expulsão dos invasores. Para a família

de Mulan, a situação estava bem complicada. Seu pai está velho e doente e não resistiria às batalhas da guerra. Assim, a fim de salvar a vida de seu pai, a heroína se infiltra como um homem no exército. Vestindo a armadura e segurando a espada de seu protegido, Mulan segue com a esperança de voltar para casa vitoriosa. E como todo bom desenho animado, o bem vence.

Fugindo do óbvio, não podemos deixar de citar *Zelig*, de Woody Allen. Utilizando-se de imagens reais de cinejornais de época, a narrativa documental se passa nas décadas de 1920 e 30. Leonard Zelig é um ser humano aparentemente desinteressante, mas que tem a capacidade de transformar sua aparência simulando a de pessoas que o cercam. Através do método de hipnose, a psicanalista Eudora Fletcher descobre que aquilo ocorre por um eterno anseio de Zelig por aprovação.

Recheado de ironias finas, o filme fala da necessidade de aceitação social, comum causadora de crises identitárias, mas que, em Zelig, também gera mudanças fisiológicas.

O filme *Um estranho no ninho*, de outro grande diretor, Milos Forman, também trabalha dentro do panorama da complexidade humana. No entanto,

a maneira como o tema é abordado é mais evidente e materializada num hospício. A obra se passa quase que inteiramente dentro de um sanatório e conta com uma atuação brilhante de Jack Nicholson. O premiado ator é Randle Patrick McMurphy, um prisioneiro que resolve bancar o louco para ser transferido para o manicômio. Infelizmente, a cada segundo que avança no relógio, McMurphy percebe que a sua ideia não foi lá muito sábia. Conviner apenas com loucos, de fato, se mostrou uma tarefa perigosa. O movimento antimanicomial é premiado nessa obra com argumentos claríssimos para acabar com a prática da lobotomia.

Para os que são fãs de um bom longa metragem policial, *O plano perfeito* não deixa a desejar. Estrelando grandes atores, como Denzel Washington, a trama gira em torno do trabalho de dois detetives que têm a missão de entrar em contato com o líder dos bandidos de um assalto planejado.

Por fim, vale lembrar que são muitas outras as obras que se valem do tema infiltração para elaborar um roteiro com muito suspense. Basta que se mantenha atento e não se deixe levar pelas primeiras aparências. No mais, curta a sua pipoca e deleite-se.

Harmonia 10! Nota 10!

Repórter vive a experiência de organizar um desfile na Marquês de Sapucaí

Pedro Leonardo

Sempre fui um grande fã dos desfiles. Mais do que o carnaval, ver as Escolas de Samba sempre me fascinou. Com familiares muito ligados a esse mundo, não foi difícil me infiltrar no meio. Morador de Niterói, sempre frequentei a Acadêmicos do Cubango, agremiação que participa do Grupo de Acesso. Assim, não foi complicado conseguir um lugar no desfile. Amigos me prometeram uma camisa para desfilar, não seria necessário nenhum tipo de fantasia.

Como me pediram para ir de calça e sapato branco, achei que fosse entrar na Ala da Diretoria, mas ao passar na quadra três dias antes do desfile vi escrito na camisa o título “Diretor de Harmonia”. Meu pai, com anos de experiência desfilar por diversas escolas, me disse que faríamos pouca coisa e conseguiríamos curtir os 60 minutos de Sapucaí com tranquilidade.

A “Academia de Niterói”, como é conhecida, estava prevista para desfilar às 3h da manhã. Tinha a certeza de que poderia ter um dia inteiro de sono e chegaria à concentração por volta de meia-noite. Sem chances. Os ônibus fornecidos pela escola para levar os componentes à Sapucaí estavam previstos para sair às 8h da noite.

Na chegada à concentração o clima era ótimo. Diversas barraquinhas vendendo cervejas, refrigerantes e aperitivos. Naquele momento, a terceira escola de samba da noite iniciava o desfile. Ainda com a camisa na mão, aproveitei para ver os carros alegóricos, saber até mesmo como as outras agremiações se preparavam para entrar no Sambódromo. Uma hora mais tarde resolvi colocar a camisa de Diretor de Harmonia. Foi aí que o trabalho começou.



Acadêmicos do Cubango inicia o desfile que resultou no 4º lugar do Grupo de Acesso do carnaval carioca tendo um repórter infiltrado

“Com muito esforço vesti uma baiana. Mais 20 me observavam com aquele olhar doce pedindo ajuda”

apontou com quem eu deveria falar. Com o serviço feito, fui procurar o meu pai antes que algum outro problema aparecesse.

No meio do caminho uma voz: “Menino, pode me ajudar aqui, está bem difícil de colocar a fantasia, está muito pesada”. Ao olhar para o lado vejo uma senhora bem magra segurando uma roupa que deveria pesar o dobro dela. Era da Ala das Baianas, parecia com a minha avó, como não ajudar? A ala é composta de senhoras de idade que talvez já tenham passado por diversos setores da escola. Já foram porta-bandeiras, passistas e, como não têm mais o corpo de outra, saem como baianas, rodando e levantando as anáguas Sapucaí adentro. O efeito visual é fantás-

tico. Ajudei a primeira, coloquei a anágua, vesti o chapéu, ajudei a amarrar o adereço. Foi só terminar com a primeira e vi que pelo menos umas 20 olhavam para mim com aquele olhar doce pedindo ajuda. Por sorte, meu pai passava na hora e me ajudou na missão. Uma hora depois, mais de 30 baianas vestidas, me senti cansado, mas com a sensação de dever cumprido.

O toque sonoro ecoa no setor 1 da Passarela do Samba, sinal de que a Acadêmicos do Cubango já poderia entrar na avenida e começar o esquentar da bateria. O intérprete fala palavras de incentivo, o samba de exaltação é cantado a plenos pulmões, os componentes começam a se animar, uns olham para as arquibancadas cheias e chegam a se emocionar. Os espectadores tremulam as bandeirinhas jogadas pelos integrantes da escola. Finalmente a Academia de Niterói tem a autorização para iniciar o desfile.

Posicionado entre uma ala e um carro alegórico, tenho que tomar cuidado para ninguém sair da fila ou parar para tirar fotos, peço para todos sorrirem e mostrarem animação. Isso tudo cantando o samba enredo. Nada que possa dar motivo para os jurados

descontarem pontos. Tudo ia muito bem, desfile bonito, todos se divertindo até que passam diretores correndo e com cara de pânico no sentido contrário. O último carro tinha problemas para entrar, era acoplado por cabos em um tripé que tinha um telão de cinema e vinha à frente. Empurra de um lado, volta, acerta e pronto, o carro está reto e pode passar. Todos voltando com tranquilidade aos seus postos. Menos eu, meu pai e mais umas oito pessoas. Ficamos com a ingrata missão de segurar os cabos de força do carro, com um medo tremendo de levar choque. Mas é carnaval, é o maior espetáculo do mundo, é só olhar para as arquibancadas e ver as pessoas cantando o samba de sua escola, dizendo que merecia ser a campeã.

A Cubango termina o desfile em 58 minutos, dentro do tempo estipulado. Hora de comemorar o trabalho feito. A experiência é única, a adrenalina vai a mil e a sensação de felicidade é de difícil descrição. Mas vestir baiana, achar esposa de presidente, segurar cabo de força... Gosto muito de carnaval, mas agora fico só na arquibancada assistindo. Como Diretor de Harmonia me sai um bom jornalista.

Viajantes da Fé

Histórias de romeiros que fizeram uma jornada de 18 horas em busca de experiência de fé



Fotos: Alyne Bittencourt

“Rincão do Meu Senhor”, o maior vão livre coberto da América Latina e local de missas, pregações e shows de artistas católicos

Alyne Bittencourt

Com o vento frio e o dia ainda escuro, às 3h30 da manhã, pelos quiosques da “Praça do Sete” havia gente bebendo e se divertindo de um jeito bem diferente daquele que era buscado pelas pessoas que formavam uma fila na porta de um ônibus fretado, estacionado do outro lado da quadra. O destino do coletivo parado na principal praça do bairro de Paciência – Zona Oeste do Rio de Janeiro – era a comunidade católica Canção Nova, localizada no município de Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba, a 212 km da cidade do Rio de Janeiro.

O grupo tinha representantes de diversas faixas etárias. Começando com as pequenas Luiza e Maria Eduarda de 2 e 3 anos, respectivamente, passando por Monique, de 17, e chegando à simpática dona Maria, com quase oito décadas de vida. Havia quem viajasse sozinho, quem fosse com a mãe,

e outros, como Maria Eduarda, que iam na companhia dos avós. Tinha também os “viajantes solitários” e maridos viajando com suas esposas.

A saída, inicialmente marcada para as 4h da manhã, foi anunciada como programada para as 3h, na tentativa de evitar atrasos. Porém, o ônibus só partiu às 4h15. “Infelizmente, excursão de igreja é assim”, justificava Silas Nogueira, que organizou a excursão com a esposa Maria José Nogueira, mais conhecida como Zezé. “A gente acaba aumentando a tolerância, esperando quem se atrasa. Se fosse em excursão normal, a pessoa ficava para trás e pronto.”

Iniciada a viagem, a adolescente do banco ao lado logo sacou seu celular e abriu uma playlist de músicas religiosas: o popular padre Fábio de Melo, e outros mais conhecidos entre os fãs de música religiosa, como Eliana Ribeiro e Adriana. O estilo da música

contrastava com o tom das brincadeiras e da conversa ambiente, que ia das expectativas para o dia até a desfeita de um amigo.

Para se proteger do frio, além dos casacos, houve quem levasse colchas e até coberta. Era só se enfiar debaixo delas e aproveitar que o dia ainda não estava claro para tentar compensar as horas não dormidas. Com todos acomodados, o motorista deu a partida e dona Zezé pegou o microfone do sistema de som do ônibus para uma oração inicial. Depois de uma mensagem e de lembrar a todos que o destino era o Acampamento de Pentecostes, ela rezou uma Ave Maria, um Pai Nosso e fez um anúncio que animou os passageiros: quando chegassem à Avenida Brasil, seria a hora de servir o café.

Para espanto de muitos dos romeiros, o café era relativamente farto. Principalmente se comparado ao que costuma acontecer

em outras excursões, em que cada um tem que levar seus próprios “suprimentos”. A gula é um dos sete pecados capitais, mas nada impede que os cristãos apreciem, com moderação, as delícias servidas. Além do café e do chá de cidreira quentinhos, para afastar o frio, o menu tinha ainda bolo de aipim com coco, bolo de banana e biscoito caseiro. Mais adiante, chegaria a segunda rodada dos lanches. Era a hora do empadão de frango, dos biscoitinhos caseiros e do refrigerante.

Às 7 horas o ônibus fez uma parada de 15 minutos em Itatiaia, no Sul Fluminense, que lembrava um cenário do filme “Silent Hill”, toda coberta pela neblina da manhã gelada. O objetivo era dar um tempo para que as pessoas “esticassem as pernas” e fossem ao banheiro. Muitos, apesar dos lanchinhos a bordo, aproveitaram para tomar mais um café e comer um salgadinho. Terminada a pausa, todos

voltaram para o veículo, foi feita uma contagem dos passageiros e o ônibus seguiu para mais uma hora de viagem até Cachoeira Paulista.

Quando o ônibus chegou ao portão da Chácara de Santa Cruz, da comunidade Canção Nova, dona Zezé se apressou em dizer: “Chegamos a um território sagrado”. Do fundo do ônibus alguém brincou, fazendo alusão ao Antigo Testamento: “O povo escolhido chegou à Terra Prometida.” Quando o ônibus parou, mais uma vez, dona Zezé fez alguns avisos antes de liberar a decida do pessoal. Lembrou a todos onde ficavam os banheiros e reforçou o horário da volta: às 18h, ou seja, após o final da missa, que seria celebrada às 16h. Depois da bênção final, todos deveriam se dirigir ao ônibus. Um detalhe, porém, deixou muita gente confusa.

Em importantes datas do calendário católico, a Canção Nova organiza os chamados



O padre Roger Luís faz uma pregação no “Rincão do Meu Senhor” com decoração especialmente montada para o acampamento de Pentecostes

acampamentos. São três dias (sexta, sábado e domingo) com pregações, missas e outras atividades relacionadas à data. Durante esses eventos, o terreno em Cachoeira Paulista costuma ficar bastante cheio. Embora o acampamento de Pentecostes não seja um dos que mais atraindo fiéis, não havia mais vagas no estacionamento de ônibus localizado dentro da chácara. E o motorista avisou: “Gente, o ônibus vai ficar

no estacionamento lá fora. No final, todos devem ir para lá.” Ignorando a dúvida de muitos, a organizadora da excursão se limitou a recomendar que as pessoas ficassem em pequenos grupos e não se atrasassem para o retorno.

Os pequenos grupos formados partiram para o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, uma espécie de auditório coberto construído entre duas encostas da Chácara de Santa Cruz.

Segundo a Canção Nova, é o maior vão livre coberto da América Latina, com capacidade para 100 mil pessoas. Como cada um tinha um interesse diferente, os grupos iam se separando, contudo, acabavam se reencontrando. Cada pregação (ao longo do dia foram três) era seguida de um intervalo. Os fiéis aproveitavam as pausas para se alimentar, para comprar lembranças na loja e nos quiosques da comunidade, ou ainda em

barraquinhas de outras comunidades religiosas espalhadas pela Chácara.

Terminada a terceira pregação, um breve intervalo para que uma equipe transformasse o palco do Centro de Evangelização em presbitério, com altar, cadeiras e tudo mais que manda a liturgia católica. Em seguida, iniciou-se a missa. Foram cerca de duas horas de cerimônia, das quais, pouco mais de uma hora foi dedicada à homilia (a reflexão feita pelo padre após a leitura do Evangelho). Alguns dos romeiros tiveram que lutar contra o sono, já que o cansaço teimava em tentar falar mais alto que a fé. A duração da homilia também incomodou quem achava que a missa tinha que terminar mais cedo, porque havia gente de longe que precisava voltar para casa.

O fim da missa era o indicativo do encerramento da excursão, com a bênção final. Era a hora de todos irem para o ônibus, que ninguém sabia ao certo onde estava. Ao invés de seguir junto até um dos estacionamentos, o grupo se dividiu. Uns foram lanchar, outros ao banheiro, alguns esperavam – e reclamavam – da organização, enquanto outros foram para o segundo estacionamento, localizado fora da Chácara.

Durante os 50 minutos de espera pelos integrantes “perdidos”, uma mostra de generosidade. Uma simpática senhora, bem simples, passou ofere-

cendo bisnaguinhas do pacote que havia levado para o lanche, mas tinha esquecido no ônibus. E a frase providencial viria em seguida: “Tem café também, a garrafa está fechadinha, você quer?”. Quando o ônibus iniciou a viagem de retorno, mais uma vez dona Zezé tomou o microfone e fez mais duas orações, pedindo proteção para a volta para casa.

A pequena Maria Eduarda se aninhou no banco e logo se rendeu ao sono. Ao mesmo tempo, era servida, com muito bom humor e brincadeiras, mais uma rodada de bolo de banana e refrigerante. As conversas à meia-voz foram abafadas por um filme que o motorista sugeriu que fosse exibido: “Karatê Kid”. Um pouco perplexa, mas sem coragem de negar o pedido, dona Zezé se limitou a dizer qual seria o filme e a observar que aquilo não teria muito a ver com o que foi ensinado ao longo do dia passado em oração.

Muitos logo dormiram. Chegando a Paciência, alguns desceram antes mesmo do “ponto final”, a Praça do Sete de Abril. Antes que o primeiro deixasse o ônibus, foi a vez de Silas pegar o microfone e anunciar a excursão seguinte. Por volta das 21h, o ônibus chegou à praça, de onde saíra ainda de madrugada, e os romeiros restantes puderam ir para suas casas. Enfim, todos chegaram em segurança. Graças a Deus.

Por trás das orações



Anualmente, a Chácara da Canção Nova recebe cerca de 1 milhão de peregrinos. Dos acampamentos realizados, o do PHN (sigla de “Por Hoje Não”, nesse caso, “por hoje não pecar”) é o de maior público. Cada edição atrai mais de 100 mil pessoas, a maioria jovens. Esse número parece ainda maior se comparado ao da população da cidade. De acordo com o censo 2010 do IBGE, Cachoeira Paulista tem apenas 30.091 habitantes. Juntamente com Aparecida do Norte e Guaratinguetá, a cidade de Cachoeira Paulista faz parte do “Circuito da Fé do Vale do Paraíba”. Boa parte das pessoas que participa dos acampamentos chega à chácara em excursões saídas de diversos estados do Brasil. Por trás de cada excursão está o esforço de quem a organiza. No caso dessa excursão da Paróquia Jesus Salvador do Mundo, o trabalho ficou a cargo do casal Silas e Zezé. Segundo Silas, seus motivos foram dois. Em primeiro lugar, a alegria que eles sentem ao ver as pessoas felizes com a excursão. “Sempre tem quem não gosta, mas o que importa é a maioria. Se a grande maioria gostou, então alcançamos o êxito”. Em segundo, o objetivo específico de algumas excursões (a de Pentecostes fora planejada para angariar fundos para o retiro “Encontro de Casais com Cristo” da paróquia).

A festa organizada

Torcida do Fluminense mostra que estádio também é lugar para grandes festas



Mosaico feito pela torcida tricolor em maio de 2009 contra o Corinthians, um dos jogos da reta final na luta contra o rebaixamento no Brasileiro

Carlos Felipe Falcão

Quando se fala em torcida organizada, logo se pensa em brigas e violência. No entanto, existe um “setor” de cada TO que é responsável por organizar algumas das festas mais bonitas vistas em eventos esportivos.

Tive a oportunidade de conhecer melhor essa parte da Torcida Young Flu, a maior organizada do Fluminense, nos dois jogos que vi no Engenhão, pela Copa Libertadores de 2012. Como tenho um amigo participante da organização das festas, minha “visita” às partidas foi mais tranquila.

A Young Flu foi criada no dia 12 de dezembro de 1970. No entanto, a ideia de fazer os grandes eventos em estádios surgiu de um movimento não organizado, entre 2006 e 2007, que se denominou Legião Tricolor.

A partir desse momento, um grupo entre 10 e 15 pessoas, liderados por João Paulo*, Bernardo* e Leandro Paes*, começou a se reunir antes dos jogos, nas Laranjeiras, para fazer churrasco, ensaiar músicas e ajudar com as faixas, bandeiras e bateria da torcida.

“O objetivo inicial era inovar e acho que conseguimos isso”, diz João.

Foi a partir desse momento que a Young Flu começou a participar do movimento. Os idealizadores procuraram os diretores e o presidente da TO, mostraram suas ideias e criaram o Núcleo de Festas da Young, conhecido como “O Ritmo Mudou”. A maioria dos cantos foram inspirados nas torcidas argentinas e do sul do Brasil.

De acordo com João Paulo, o auge do projeto foi em 2008, nas campanhas do Campeonato Carioca e da Copa Libertadores. Na época, várias músicas viraram sucesso nas arquibancadas, além da utilização de faixas transversais, reforma e criação de um novo bandeirão.

“Em jogos contra Palmeiras, Cruzeiro e Portuguesa chegamos a levar para o Maracanã, direto das Laranjeiras, mais de 100 pessoas”, disse João Paulo.

A arrecadação para as festas nos estádios e os churrascos nas Laranjeiras vinha da diretoria da torcida, com a venda de produtos, mensalidade e venda de ingressos repassados pelo Fluminense, além, é claro, da contribuição dos participantes do movimento. A maior parte das situações era resolvida em comunidade da rede social Orkut.

João Paulo considera a festa da final da Libertadores em 2008, contra a LDU, a mais bonita e marcante feita pela torcida.

“A Young Flu, em parceria com a Legião Tricolor e com patrocínios do Fluminense e da Unimed, espalhou fogos de artifício pelo teto do Maracanã”

João Paulo, um dos idealizadores do Núcleo de Festas da Young Flu

“A Young Flu, em parceria com a Legião Tricolor e com patrocínio do Fluminense e da

Unimed, espalhou fogos de artifício pelo teto do Maracanã. Cerca de 50 pessoas chegaram às 9h da manhã e trabalharam até o final do jogo”, lembra emocionado.

Para essa partida foram utilizadas 65 bandeiras-bambu, sinalizadores que formaram a palavra Fluminense (e, em caso de título, escreveriam “é campeão”) e 550kg de talco para fazer o “pó de arroz” (tradicional festa tricolor). Um caminhão e uma Kombi serviram para transportar tudo.

Outro destaque lembrado por João Paulo foi o que aconteceu em 2009. Na ocasião, o Fluminense estava lutando para não ser rebaixado e todos se reuniram na arquibancada verde do Maracanã para apoiar os jogadores e cantar durante os 90 minutos da partida.

Tanto a Legião Tricolor quanto a Young Flu ainda realizam grandes festas nos estádios, com mosaicos, balões de gás e sinalizadores. Torcidas organizadas de Botafogo (Fúria Jovem), Flamengo (Raça Fla, Jovem Fla e Urubuzada) e Vasco da Gama (Força Jovem e Guerreiros do Almirante) também fazem esses eventos em jogos de alta importância para seus clubes.

Ano passado a torcida rubro-negra fez um grande mosaico para recepcionar Ronaldinho Gaúcho. Já os torcedores do Vasco prepararam uma festa com balões de gás na final da Copa do Brasil contra o Coritiba.

Essas iniciativas demonstram o interesse dos torcedores de desvincular o nome das torcidas organizadas dos casos de violência. Em muitas conversas nos dois jogos em que estive presente e em outras partidas do clube para o qual eu torço, pude notar que realmente existem pessoas que fazem parte das organizadas apenas para ajudar o seu time nas festas, com apoio incondicional, e que são contra as brigas marcadas pelas redes sociais.

É claro que a violência e a brutalidade existem entre essas organizações e devem ser coibidas pelas forças policiais. Mas as enormes festas que demonstram a paixão e a entrega dos torcedores pelo seu time de coração também devem ser destacadas e louvadas por todos.

(*) Os nomes são fictícios, pois as pessoas não permitiram o uso dos seus nomes verdadeiros.

Brincadeira a sério

Alunos de todo o país vão à Escola de Circo buscando qualificação e inserção no mercado

Carolline Carvalho

Uma piada recorrente na minha infância era passar pela Praça da Bandeira e sempre ouvir dos familiares um “se inscreve lá, palhaça” ao passar pela Escola Nacional de Circo. Era apenas uma discreta placa escondida por trás de um dos vários viadutos da região. A Escola passava despercebida pela maioria dos apressados indo para o trabalho no Centro e na Zona Sul ou dos estressados voltando para suas casas na Zona Norte. Mas a imaginação de uma criança ia a mil com a ideia de uma Escola de Circo.

A Escola deu espaço para as obras do metrô e está há anos em uma estrutura temporária na desativada estação ferroviária da Leopoldina, a 500 metros da Praça da Bandeira. E em 2012, completou 30 anos de existência, que os alunos, professores e funcionários esperam comemorar em uma reconstruída sede na Praça da Bandeira.

Para me infiltrar na Escola não foi difícil: bastou enviar um email explicando a proposta da matéria e no dia seguinte eu já estava liberada.

Apesar de grande e aparentemente suficiente, a estrutura temporária tem um aspecto improvisado e pouco organizado, como se ninguém estivesse preocupado em decorar algo que é apenas temporário. Mas como um ano na Leopoldina viraram três, nota-se que muito já foi feito para dar um ar acolhedor ao local.

A Escola Nacional de Circo oferece diploma de técnico em circo e é a única instituição de ensino mantida diretamente pelo Ministério da Cultura. Atualmente, há cerca de 80 alunos regulares matriculados.

O ingresso é feito por concurso público, cujo edital regular é publicado

uma ou duas vezes por ano, com um número de vagas que varia — depende da viabilidade em receber novos alunos. Há também um edital anual para alunos de todo o Brasil, inclusive do Rio de Janeiro, que dá bolsas de incentivo por 10 meses.

“Tentamos fazer uma seleção bem ampla em relação aos conhecimentos dos alunos. Há provas de aptidão física, dança, teatro e de conhecimentos mínimos em habilidades circenses, além de uma dinâmica de grupo e mais uma prova de redação e interpretação de texto”, explica Bruno Gwyszewski, coordenador pedagógico.

O concurso é procurado por artistas de diferentes áreas e até amadores: “Vem gente que não tem absolutamente nenhuma experiência com o circo. É mais difícil de entrar, mas às vezes a pessoa ou tem muita força, se for homem, ou muita flexibilidade, se for mulher, e consegue passar. Mas o mais comum é a pessoa já ter uma experiência mínima com arte ou circo em academias e projetos sociais”, diz Bruno.

O curso tem três anos e meio de duração e é dividido em sete semestres, com aulas pela manhã ou à tarde. Além de aulas práticas, como malabares, acrobacia de solo e acrobacia aérea, há também disciplinas complementares, como teatro, dança, anatomia e nutrição. A grande maioria das atividades é realizada ao ar livre, sob uma enorme lona e nos



Foto: Carolline Carvalho

Alunos mostram o que aprendem na Escola Nacional de Circo: equilíbrio e acrobacia

seus arredores. Fora isso, há apenas uma sala de aula tradicional e uma sala de dança.

Mesmo com a precariedade das instalações temporárias, o aluno Hélder Vilela, que chegou à Escola em 2010, diz que suas expectativas foram superadas: “Pensei que o lugar seria menor, com um nível técnico inferior. Mas aqui é como um parquinho de crianças, tem muita coisa que eu nunca tinha visto na vida. Me encantei demais”

Hélder Vilela, aluno do 4º período

Nesses 30 anos em atividade, é natural que a Escola tenha passado por algumas transformações. A principal delas, de acordo com o professor Edson Silva, que entrou como aluno em 1983 e continuou como professor, é ausência das crianças. Desde que deixou de ser uma simples escola para se tornar um curso técnico, é preciso ter a idade

encantar com o ar da Escola. Em único momento, é possível olhar para a esquerda e observar um grupo de contorcionistas; à direita, duas pessoas estão suspensas a três metros do chão fazendo acrobacias em panos; e, mais à frente, três alunos se equilibram uns sobre os outros com uma força difícil de mensurar. Tudo feito com uma estranha naturalidade para pessoas como eu, que sofrem para dar uma simples cambalhota.

Desde que deixou de ser uma simples escola para se tornar um curso técnico, é preciso ter a idade

mínima de 14 anos para iniciar os estudos.

Edson entrou na escola aos 18 anos para acompanhar o irmão de apenas 8, que foi descoberto dando saltos na praia. “Essa história de começar aos 14 é completamente furada”, reclama Edson. “O Circo, como qualquer atividade física, tem que começar cedo. A escola era cheia de crianças correndo por lá é para cá. Essas crianças de antigamente são grandes artistas agora. Até hoje, sinceramente, não consegui me adaptar”, diz Edson.

Mas o que importa agora é olhar para o futuro, e o aluno Hélder é firme sobre os seus objetivos depois que se formar: “Quero entrar para o Cirque du Soleil, ou viajar pela Europa trabalhando com circo e arte”. A base ele já tem — quem entra em cena agora é a força de vontade.

Lei do silêncio

Quem são os anônimos que estão no ar tanto quanto as estrelas, sem pronunciar uma única palavra?

Isabela Dias

Sentados lado a lado, um maître e um capitão jogam conversa fora:

— Aqui a gente é bem tratado, pelo menos, e as pessoas sabem o nosso nome. Lá na outra você se sente como um bicho — diz o primeiro.

— Isso porque você não fez *Rei Davi*. A gente tinha que se esconder debaixo das árvores para se proteger do sol. Também não podia ficar na tenda, pois era reservada para os atores. Muitos passavam mal — retruca o colega, trajado inteiramente de um branco imaculado e ostentando uma insígnia da Marinha brasileira, em resposta à crítica do companheiro à maior emissora de televisão do Brasil, a Rede Globo.

Tal conversa não teria transcorrido da mesma maneira em um dia corriqueiro de gravação no complexo de teledramaturgia da Record, o Recnov, localizado na Estrada dos Bandeirantes na altura do número 23.000, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A imagem do estúdio F, imerso em um silêncio fúnebre atravessado apenas pelos ocasionais cantos das maritacas, remete à ausência de produtores, diretores, cinegrafistas, contra-regras e claro, os figurantes.

É uma sexta-feira da segunda quinzena de abril e o clima ameno não deixa incólume os aspirantes a atores que, ora levantam-se para pegar café e voltam a se espremer no banco, ora fecham os olhos em sinal evidente de exaustão.

Em 2010, após deixar São Luís do Maranhão para perseguir o sonho de ser atriz no Rio de Janeiro, a estudante Jéssica Bittencourt, 20 anos, acumulou em seu currículo participações em novelas globais como *Viver a vida*, *Cama de gato e Caminho das Índias*, além da mi-



Vista do Complexo de Teledramaturgia da Record, o Recnov, localizado em Vargem Grande, na Zona Oeste

nissérie musical *Dalva e Erivelto*. Aluna de teatro do Tablado, no Jardim Botânico, há 12 anos a jovem viu na figuração uma oportunidade de aprender como funciona a indústria televisiva. E não se decepcionou. “Durante um ano e meio eu estive em contato com o verdadeiro mundo da teledramaturgia. Pude observar os atores em cena, entender o posicionamento de câmera e ficar atenta a cada palavra e gesto do diretor”, explica.

Enfileirados junto à porta do refeitório ou sentados despojadamente nos canteiros que contornam o set de gravação, os figurantes podem ser facilmente identificados entre os mais de 2.500 funcionários empregados na Record. Não apenas porque são terminantemente proibidos de se desfazerem de seus crachás, mas também porque estão sempre reunidos em espécies de caravanas. “Eles não podem circular sozinhos pelo complexo. Seja para ir ao banheiro ou guardar os pertences em um dos 300 armários reservados à figuração, devem estar

sempre acompanhados do fiscal da agência”, conta Ainoã Lopes, coordenadora de apoio e figuração da empresa.

Aos 20 anos, casada e mãe de uma menina, Ainoã surpreende pela autoridade com que discorre sobre a própria função do alto de seu 1,58m. Responsável pela administração dos pedidos de figurantes das nove agências vinculadas à Record — Le Fashion, Trade, 35 mm, Keys, Atitude, Cine Zen 9, Mel, Ops, Karmaya e Firme na Rocha Produções e Eventos —, ela é figurinha fácil nos corredores do Recnov.

Atualmente com três programas na grade, sendo duas novelas e uma minissérie bíblica, a Record mobiliza em torno de 250 figurantes por dia. Não é à toa que cada etapa da organização deve ser realizada com muito rigor. Os pedidos de figuração são feitos invariavelmente até as 18h do dia anterior à gravação, à exceção de segunda-feira, quando o procedimento é antecipado para o sábado. Em se tratando de uma gravação externa e em caso de

cancelamento da frente, a emissora está isenta do pagamento do figurante.

Se as regras e diretrizes que controlam o dia a dia da figuração obedecem a especificações rígidas, a definição dos salários não segue a mesma lógica. Isso porque o cachê é diferente de acordo com uma classificação, que pode variar desde

um aspecto étnico ou de personalidade até uma profissão paralela. Os figurantes comuns, como transeuntes no centro da cidade, por exemplo, são remunerados com cerca de R\$ 60. Aqueles que se aproximam do ator ou tem um perfil distinto, seja pelo penteado black power ou pelo piercing, são considerados especiais. “Nós temos ainda os figurantes específicos, ou seja, garçons, bombeiros, babás e os ‘PP’, que apare-

cem em primeiro plano”, explica Ainoã. Finalmente, no topo da hierarquia,

se encontram os chamados “outros”, categoria na qual estão incluídos performers e profissionais circenses e o Dublê de Corpo, cujo cachê pode chegar a R\$ 350. “Esse último geralmente se aplica a cenas de nudez, amamentação ou parto”, ela exemplifica.

Existe, ainda, uma preferência no sentido de contratar figurantes maiores de idade para evitar os procedimentos legais a serem levados a cabo junto ao juizado de menores. Além disso, há uma questão prática e econômica envolvida, já que a criança necessita de um acompanhante durante o período de gravação, o que implica em mais uma pessoa para ser alimentada e fiscalizada.

Há um ano, sob

o escaldante sol da cidade cenográfica em Seropédica, um grupo de 38 figurantes decidiu abandonar o set de gravação da minissérie *Rei Davi*. Essa, no entanto, não foi a única intempérie a atingir as areias da falsa Jerusalém. Uma das razões pelas quais o confisco do celular da figuração tornou-se uma norma institucional, diz respeito a um episódio em que o telefone de um figurante tocou e atrapalhou a gravação.

Hoje, eles parecem se conformar com a determinação, apesar da importância fundamental do objeto no dia a dia da profissão. Sujeitos a receberem ligações a qualquer hora na forma de convocação para um trabalho, os figurantes costumam apelar para os fiscais, fazendo uso dos mais variados artifícios. “Eles argumentam com a gente: ‘Ah, e se algum parente morrer?’ Pode acontecer, então acabamos tendo um pouco de jogo de cintura, ficamos com o aparelho no vibra *call* e permitimos que, nos intervalos de 15 a 20 minutos entre as trocas de luz no estúdio, eles atendam o celular”, conta Sérgio Augusto Alves, 35 anos, fiscal da agência Trade.

A preocupação com o emprego da tecnologia

se intensificou diante da expansão das redes sociais. Ainoã ressalta que cenas não podem ser fotografadas, sob o risco de vazarem antes mesmo do lançamento da novela: “Às vezes, a pessoa não tem dimensão da gravidade do seu ato e de que isso pode gerar um processo em cima dela”.

Não é preciso ir muito longe para perceber o pouco caso na hora de lidar com a figuração. Em determinadas ocasiões, embora as agências estudem o próprio *casting* e estejam familiarizadas com as exigências do produto, o assistente de direção pode reprovar o perfil de um figurante. “Na Globo, por exemplo, é comum o assistente chegar e apontar o dedo para o figurante, dizendo: ‘Você não vale os R\$ 40 que eu estou pagando’”, conta Sérgio Alves. Em casos como esse, a agência fica responsável por reembolsar a pessoa ou reagendá-la.

Não é incomum, por outro lado, que os próprios figurantes desvalorizem o seu trabalho. “Para ser figurante é preciso ter perfil, disciplina e ganhar a confiança do produtor. Muitas vezes, eles se vêem como as piores pessoas do mundo, mas quando querem ser respeitados são

os primeiros a reclamar”, sentencia o fiscal.

Contratando cerca de 6 mil figurantes por mês, de 15 agências divididas em uma média de dez produções, a Rede Globo, no entanto, não possui um departamento próprio para a figuração. Para John Alex, de 23 anos, nascido em Santos e figurante há um ano e meio, a emissora, apesar do tratamento dispensado, continua a ser um projeto de futuro. “Na Globo é bom fazer parte do elenco, pois o figurante não é nada. Mas, se Deus quiser, eu entro lá um dia”.

A influência do ambiente no comportamento dos jovens também merece a atenção de John. É claro que tudo depende da postura adotada pelo figurante, o que pode ser determinado, entre outros fatores, pela sua condição social, objetivo de vida e idade. Para Ainoã, a imaturidade dos figurantes jovens que trabalham

na novela *teen Rebelde* é um exemplo claro de como a figuração pode ser encarada como um passatempo: “É uma galerinha muito nova, que não depende disso para viver e vem de onda, para fazer amizades”.

Há, no entanto, quem consiga arrecadar até R\$ 1.200 por mês através da

“A figuração feminina é muito mal vista porque acham que são garotas de programa. Algumas pessoas fazem e outras levam a fama”

Diego Farias, fiscal da agência 35 mm

o caso, por exemplo, de Júlio de Souza, 63 anos. Aposentado e fazendo figuração desde 1989, o ex-funcionário público optou por unir o útil ao agradável. “Depois de seis meses em casa, passou a ficar chato e decidi investir o meu tempo em outra atividade, além de

arrumar um dinheirinho extra para pagar as contas”, explica.

Mas nem tudo são flores. Uma reclamação recorrente entre os figurantes está relacionada à falta de padronização nos cachês oferecidos. Ao contrário da Record, a Globo promove uma distinção entre os perfis, ainda que as pessoas selecionadas exerçam exatamente o mesmo papel na tela. “Pode acontecer, por exemplo, de 20 pessoas receberem R\$ 80 e cinco serem agraciadas com R\$ 100”, afirma Bruno da Silva Neves, 34 anos, fiscal da agência Le Fashion.

Para Diego Farias, 32 anos, os figurantes se surpreendem com a rigidez da Record. “Eles chegam no Recnov e pensam que é a várzea. Quando impomos regras, eles ficam loucos e acham que estão em uma prisão. Mas é tudo uma questão de moldar as pessoas”, garante.

Em relação à compatibilidade de perfis para figurar em novelas como *Rebelde*, Diego, que estuda teatro desde os 12 anos, é sucinto. “*Rebelde* trabalha com pessoas entre 18 e 20 anos que aparentem ser mais jovens, oriundas da Zona Sul, brancas e de cabelo bom, pois se trata de um colégio de elite. Se amanhã, hipoteticamente, acabar a novela e começar uma nova trama ambientada em um spa, os gordinhos terão a sua vez”.

Familiarizado com o vai e vem entre agências e emissoras, Diego costuma denominar determinados membros do *casting* de “figurante prostituído”, e afirma que muitos são fiéis apenas ao dinheiro. Por outro lado, os fiscais de figuração não têm o hábito de trabalhar para mais de uma emissora simultaneamente por questões éticas. “É a mesma coisa que jogar em dois times diferentes”, postula.

Dono de um perfil mais do que ativo no facebook e constantemente bombardeado por fotos de jovens atraentes e auto-declarados disponíveis para trabalhar, Diego não nega suas raízes de figu-



Orientação de figurantes durante uma gravação da minissérie ‘Rei Davi’, da Record, na cidade cenográfica

rante. Fiscal e produtor da agência 35 mm, ele deixou São Paulo para viver no Rio de Janeiro, onde se dedicou à figuração durante dois anos e meio.

Com pinta de modelo e simpatia de sobra, Diego relembra como se destacou entre os demais jovens: “Na época em que eu gravava *Malhação*, sempre que alguém faltava, sugeria uma pessoa para substituir. A produtora, então, percebeu que eu tinha visão e disposição e, mesmo sem experiência, fui contratado.”

A função de fiscal pode ser tão, ou mais recompensadora do que a própria figuração. Foi o que descobriu Marcel Liberato, 25 anos. Tendo mais liberdade para circular entre os estúdios, é possível vislumbrar a possibilidade de entregar o próprio material para os produtores de elenco. Hoje, Marcel é titular do registro profissional intitulado DRT, obtido através de um curso de um ano e três meses de duração.

Residente desde 2008 no Rio de Janeiro, ele deixou Praia Grande, no litoral de São Paulo, com um sonho e, como muitos outros, percebeu que a realidade era mais difícil do que imaginava. “Muitos figurantes vêm de outros estados e cidades menores do interior. Eles montam uma caravana com a intenção de fazer figuração por duas semanas e chegam a pagar até R\$ 2.000. Alguns se apaixonam e decidem se estabelecer definitivamente”, conta Sérgio.

As dificuldades encontradas para se manter no Rio de Janeiro não foram poucas. Dos R\$ 100 que conseguiu espremer das contas da casa, R\$ 70 foram usados para pagar parte do aluguel e os outros R\$ 30 sobreviveram graças à boa vontade do amigo que pagou a sua passagem. “Eu só comia pão com mortadela e leite com Nescau. Acordava às 10h e andava até o Projac para não gastar dinheiro com a condução”, relata Marcel.

A decisão se mostrou acertada quando ele

conheceu Martha Helena Rapozzo, 21 anos, em uma gravação da novela *Ti Ti Ti*, na Estrada do Rio Morto. E o tiro foi certo, pois enquanto rodava um caderno na mão, Marcel atingiu Martha Helena na cabeça. Desde então, os dois começaram a se falar pelo Orkut e após um intervalo de três meses, quando ela voltou para sua casa no Recife, engataram um namoro.

Atualmente, eles dividem um apartamento de um quarto em um dos 16 prédios de cor bege do condomínio Village Sol, localizado na avenida Canal do Itaçambé, em Jacarepaguá. Conhecido amplamente como “espigão”, o edifício abriga figurantes no 2º, 3º, 4º e 8º andares. “É só perguntar lá, qualquer um sabe dizer onde moram os figurantes”, assegura Marta Helena.

Demonstrações de carinho entre os figurantes não são raras de se ver, principalmente nos intervalos das gravações. Sufocados por uma carga horária de 11 horas de trabalho, eles acabam construindo fortes laços de amizade e outras coisas mais. “A gente brinca que passa mais tempo aqui do que com a nossa própria família”, afirma Ingrid Calsonaro, 22 anos e figurante desde os 18.

A necessidade de contatos para se conseguir agendar trabalhos é quase uma exigência na carreira do figurante ou ator, mas, por vezes, essa condição pode se mostrar predatória para a profissão. Com um sorriso tímido, John Alex garante que já passou por muitas situações complicadas como figurante e modelo. “As pessoas dão indiretas e todo mundo sabe disso. Setenta por cento escolhem o caminho mais fácil e o restante opta pelo caminho mais justo, como eu”, confessa.

Já Diego admite não haver nenhum tipo de recomendação no sentido de evitar o relacionamento entre os figurantes e funcionários da emissora, mas adverte que esse tipo de situação pode fugir do controle: “A figuração fe-



Dona Vera Rosa, 76 anos, conheceu a figuração durante uma sessão de fisioterapia

minina, principalmente, é muito mal vista porque acham que são garotas de programa. Algumas pessoas fazem e outras levam a fama”. E acrescenta: “Existem lendas de pessoas que se envolveram com profissionais da empresa e depois foram dispensadas de qualquer trabalho futuro. Isso serve para acabar com a ilusão de que se aproximando de alguém é possível acordar no dia seguinte na novela das oito. Acaba que acorda e não garante nem a diária de figurante.”

Longe de se satisfazerem com os breves 15 minutos de fama, alguns figurantes chegam perto de atingir o status de celebridade. É o que acontece na novela *Rebelde*, que arrasta consigo um fã clube de milhares de adolescentes. “É um nível de invasão inacreditável. Tem figurante com dez mil seguidores no Twitter. Se para eles já era um barato aparecer no final da cena, onde às vezes nem a mãe conseguia ver, imagina ter essa visibilidade toda”, comenta Diego.

Embora o Facebook seja uma poderosa ferramenta na captação de novos talentos para o *casting* das agências, os

famosos olheiros ainda funcionam. Já Vera Rosa descobriu o mundo da figuração de uma maneira inusitada. Diagnosticada com LER, doença motora provocada pelo uso excessivo do computador, a senhora de 76 anos estava na fisioterapia quando a médica a aconselhou a procurar uma agência.

Aposentada e na ânsia de abandonar o ócio, Vera não hesitou e em pouco tempo se tornou a vovó da Páscoa do supermercado Mundial. “Eu faço muitos testes para comercial, já até perdi a conta de quantos fiz. Meu forte não é a figuração para novela, não”, afirma.

Longe do departamento administrativo da Bradesco Seguros e encarnando a bibliotecária de *Rebelde*, Vera adora o que faz, mas admite ter uma rotina cansativa: “A gente não para, não tem vida própria. Tem que saber o momento de parar, pois sou aposentada e também quero aproveitar a vida né?”

Carismática e expansiva, ela mantém cuidados com a aparência, mas é avessa a procedimentos cirúrgicos e agradece à figuração por não precisar ser mais escrava da

coloração de cabelo. “Tem quem diga: ‘Faz um botox aí’, e eu penso ‘Deus me livre! Não quero plástica, não quero ficar uma vovó toda esticada. As minhas ruguinhas são a história da minha vida’”, confidencia.

Submetidos a um voto absoluto de silêncio durante as gravações – caso contrário deixam de ser considerados figurantes e se tornam participação –, eles esperam pacientemente por uma oportunidade de mostrar seu talento, ainda que de boca fechada.

A jovem Jéssica Gomes, 19 anos, teve a sua chance. Durante uma gravação no clube Lajeado, inesperadamente, um ator a pegou pelo braço fingindo estar bêbado. Na dúvida se deveria falar ou não, ela se manteve calada com medo de ser repreendida pelo assistente de direção. “Tem muita gente que fala alguma coisa para ver se cola. Se ficar bom o diretor deixa a cena prosseguir”, explica. Sobre a diferenciação entre o ator e o figurante, Jéssica diz ainda: “Eles são pessoas como a gente. A única diferença é que são contratados pela Globo ou pela Record”.

Apenas uma delegacia

Espaços policiais estão cada vez mais distantes da imagem decadente do passado

Mariana Brandão

Muito exploradas em filmes, telenovelas e seriados, as delegacias, na maioria das vezes, são mostradas como ambientes escuros, sujos e com pessoas de mal humor. Pode ser que esses estereótipos realmente sejam verdadeiros em algumas das mais de 100 delegacias da cidade do Rio de Janeiro. Mas alguns casos, como o da 23ª DP do Méier, mostram como isso está longe da realidade.

Com sete visitas e infiltrações foi possível descobrir a verdadeira identidade de uma delegacia movimentada e, como poucos devem imaginar, agradável. Uma recepção clara, arejada e limpa recebe policiais, vítimas, intrusos e quem mais achar que pode encontrar alguma solução naquele local. Só de entrar, o atendimento coloca abai-



A verdadeira identidade da 23ª Delegacia de Polícia, no Méier, que é uma das mais movimentadas do Rio de Janeiro

Diferente de tramas policiais e telenovelas, não é qualquer um que tem acesso ao “todo poderoso”. Ao delegado, somente casos considerados urgentes e mais graves chegam, como forma de controle e organização do local. Há uma hierarquia bem respeitada para que cada caso possa ser solucionado da

melhor forma e não haja nenhum tipo de “confusão”. Segundo Fernanda, “essa forma é a melhor maneira para que casos mais simples não recebam a atenção que casos mais graves merecem”.

Os casos mais típicos da região são os assaltos a idosos e adolescentes, pelos pivetes da área. “Muitas pessoas vêm aqui registrar roubos de documentos, mas não sabem descrever como ocorreu o fato, porque ele não aconteceu de verdade, elas só querem o B.O. (Boletim de Ocorrência) para não pagarem o DUDA (taxa cobrada para a retirada de nova docu-

mentação pelo Detran) da nova identidade”, revela a recepcionista. Segundo a moça, casos deste tipo são tantos que é fácil reconhecer: “É muito complicado quando você percebe a situação, mas não podemos acusar a pessoa de estar mentindo”. Além deste tipo de caso, a delegacia também recebe frequentes denúncias de violência doméstica, mas a atendente prefere não comentar: “Não posso falar sobre isso”.

Outro ponto desconstruído nas visitas à 23ª DP foi o quesito limpeza. Dona Maria, 56 anos, trabalha no local há quase 11 anos, junto com mais dois profissionais que mantêm o asseio da delegacia. Ela afirma que nunca teve medo de trabalhar no ambiente: “Tenho mais medo das delegacias horribes das novelas!”, brinca.

Por essas e outras, uma delegacia pode ser considerado um ambiente como qualquer outro, principalmente para quem trabalha lá. Assim como outros profissionais, policiais e atendentes estão acostumados às suas delegacias e seguem suas rotinas como em uma clínica ou escola.

Gente normal no meio de um ambiente normal



Quem vê um psicólogo em um ambiente policial não imagina que ele também tem sua farda. Gilberto Fernandes da Silva é um policial formado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O interesse pela ciência que estuda o comportamento humano começou quando foi transferido para a DPCA (Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente) do Rio de Janeiro. Lá, lidava com muitas crianças e jovens que sofriam com maus tratos e abusos.

Em 1993, o policial conquistou seu diploma e começou a focar seu trabalho nesse público que, segundo ele, merecia uma atenção especial. Hoje, Gilberto trabalha em uma ONG que ajuda

mães a encontrarem seus filhos desaparecidos: “Não sei mais viver longe dessas pessoas, eu me encontrei em duas profissões e sou muito feliz de poder trabalhar nas duas ao mesmo tempo. Apesar de não atuar mais na delegacia, sempre consigo ajuda nos casos das mães da nossa ONG e isso não tem preço!”

Gilberto acredita que as duas profissões em muito se parecem e a união de ambas proporciona um trabalho mais completo: “As pessoas acham que a polícia só tem ligação com a violência e esquecem da parte investigativa que é extremamente importante na profissão. Por isso acho que tem uma ligação tão forte com a psicologia. Posso dizer que, para mim, uma complementa a outra.”

Acumulando duas funções essenciais na ONG Mães do Brasil, o policial não pensa em parar de estudar. “Apesar da correria da minha rotina, ainda penso em fazer uma faculdade de Medicina e me especializar em Psiquiatria.”

A pirâmide do consumo

A Forever Living, líder em venda de produtos à base de aloe vera, tem segredos revelados



Portão imponente da sede da Forever Living, em Botafogo: dentro, um jardim bem cuidado e carros de luxo

Gisele Motta

Lavagem cerebral e sociedade secreta são os dois termos mais fáceis de surgirem em uma conversa quando se fala da Forever Living. Difícil é saber como uma empresa de venda de cosmético à base de babosa conseguiu essa fama. A Forever tem como sua principal forma de divulgação o que é conhecido como “buzz marketing”, o vulgo “boca-a-boca”. Dessa forma, os catálogos oficiais usados nas propagandas são de pouca valia. O que realmente importa são as informações passadas pelos chamados líderes nas palestras de treinamento e o material publicitário que eles produzem.

Nas palestras, os produtos são tratados como verdadeiros remédios. O “Aloe Lips”, no catálogo, é definido como um “bastão de aloe vera com jojoba para os lábios. Hidrata e protege do ressecamento, do frio e do sol”. Até aí segue em concorrência com diversos hidratantes labiais. Mas, segundo o líder que presidiu o treinamento de vendas, no qual

eu estava presente como interessada em me tornar parte da empresa, o batom poderia ser usado para tratar herpes e hemorróidas. Ele conta uma história pitoresca com a moral “não use o batom alheio, você não sabe em que lugar ele está sendo usado”.

Segundo a dermatologista Tatiane Kitamura, a aloe vera não cura essas doenças. “A herpes é uma infecção viral, portanto deve ser tratado com medicamentos antivirais. E a hemorróida é uma alteração venosa na região anal, que usa muitas vezes cirurgia como solução”, explica.

A médica esclarece que a planta tem propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes, hidratantes e calmantes e é reconhecida pelo uso fitoterápico, no entanto “não tem comprovação científica e não serve para tratamento de doenças”.

O “Aloe First”, tido no catálogo como “fórmula exclusiva para proteção da pele”, é indicado pelo líder para todo tipo de ferimento. Isso mesmo. Qualquer um. Dores de garganta, ferimentos e espinhas. Uma senhora

“Não use o batom alheio, você não sabe em que lugar ele está sendo usado”

Líder após contar história cômica sobre *lipstick* que cura hemorróidas

interrompe para dizer que uma conhecida já usou em machucados depois que sofreu um acidente de carro e deu tudo certo. Os outros concordam, balançando a cabeça positivamente, enquanto o palestrante fala do cachorro da família que foi curado pelo “Aloe First” de uma ferida que não cicatrizava. Ainda há muitos outros exemplos, como creme hidratante facial que combate infecções de pele e gel de babosa que cura fungos e queimaduras solares.

Tirando todas as informações falsas que são repassadas, há um desa-

fio à lógica para vender os produtos. A febre entre os vendedores é o lançamento “Aroma Spa Collection”, uma coleção de produtos que inclui o creme “Relaxation Massage Lotion”. O creme é anunciado como um “três em um”. Ele perfuma, hidrata e tem propriedades terapêuticas. Mas hidratar e perfumar é justamente a função comum dos hidratantes. É particularmente difícil encontrar um hidratante sem cheiro. Mais difícil ainda um hidratante que não hidrate. Esse tipo de construção é comum para se convencer os clientes.

Além de produtos inócuos serem tratados como remédios, há discrepâncias em algumas informações repassadas. A “Forever Marine Mask” é descrita no catálogo como uma máscara argilosa com “profunda penetração”, e isso é bem amplo, não sendo de todo incorreto. Na palestra é dito que há penetração na derme, “a camada mais profunda”, explica o líder. Mas, segundo a dermatologista Kitamura “de forma alguma loções hidratantes

alcançam a derme”.

A falta de conhecimento científico aliada a uma enorme vontade de vender faz com que os líderes divulguem inverdades. E os vendedores não parecem ser criteriosos a ponto de irem pesquisar sobre aquilo, simplesmente compram a versão de seus chefes.

Dai surgem os rumores sobre os funcionários terem sofrido lavagem cerebral. A companhia incentivava todo o tempo a venda e a conquista de novos clientes, dizendo “vocês vão crescer com a empresa”, e implanta uma ideologia de “eles” e “nós”. Quem não é funcionário não entende os esquemas de crescimento empresarial, assim como não entende como a empresa vende e não sabe nada sobre seus produtos.

Os funcionários querem muito conseguir novos clientes. Mas, quando surge a oportunidade de conseguir um novo patrocinador, é que as coisas esquentam. Na sede da empresa, um palacete em Botafogo, tombado pela Secretaria Municipal de Urbanismo, há uma grande movimentação de

pessoas. Ao chegar para obter informações o interessado é atendido por duas recepcionistas que entregam vários formulários e tratam de encontrar um vendedor para explicar como tudo funciona. No hall, é possível ser abordado por funcionários, perguntando se você está à espera de alguém específico. “Vem comigo”, “não, não, vem comigo”. Todos querem ser patrocinadores.

Os vendedores têm duas formas de lucrar em cima de porcentagens pré-estabelecidas: eles podem comprar e revender os produtos, e podem, além disso, criar uma rede de vendedores. Toda pessoa que entra na empresa tem que ser “indicada” por alguém que já é funcionário. Você tem que adquirir uma cota mínima em produtos de 60 reais. Se você não tem indicação, simplesmente se encaminha até a sede e procura alguém disposto a te patrocinar, e basicamente qualquer um estará. Esse patrocínio é meramente simbólico. O vendedor explicará como o método funciona e ajudará durante o processo de formação da sua rede.

Essa rede é feita de forma que cada vendedor ganhe uma porcentagem em cima do produto. Ao comprar os produtos, ganha-se um desconto de 43%, ou seja, na hora de vender, você lucra essa porcentagem. Quando você cadastra uma pessoa, é o patrocinador dela. Portanto, tudo que essa pessoa vende gera um bônus entre 3% e 13% para você. E toda vez que essa pessoa que você patrocina chamar alguém para a própria rede, você também lucrará sobre as vendas dos novos vendedores.

É um sistema complexo de entender à primeira vista, e causa desconfiância pelas promessas. Os funcionários exaltam o tempo todo como você pode “viver só disso”, e ficar rico. “Eu comprei um Fox zero esse ano só vendendo os produtos”, “fui para Cancún, de graça, pela empresa”, “comprei uma casa e nem vendo nada, só tenho uma ótima rede”. Essas são frases ditas antes do “Bom dia”,

O que é que ele tem?

Glucorolactona
É daqui que vem a Energia.
Diminui a fadiga muscular e melhora a performance.
Contém 645,6 mg, dez vezes mais que seu principal concorrente.

Taurina, Cafeína e Inositol
Aumenta o estado de alerta, velocidade de reação, vigilância, concentração e resolução de problemas.
Estimula a queima de gordura durante a malhação.

Exclusivo do FAB
Mistura de Extrato de Frutas
Extrato de Gramberry
Extrato de Acerola
Extrato de Açaí
Extrato de Guaraná

Complexo B
Esse grupo de vitaminas mais do que poderosas combate o cansaço e garante mais tempo às claras.
Ajudam no desempenho físico e mental. E são elas:
B2, B3, B5, B6 e B12

269 ml.

Embalagem com 12 unidades

O “Fab” e o “Forever Bright”: marketing excessivo?

O melhor gel dental do mundo!

O nosso Gel dental possui características e benefícios geniais:

- * Contém Aloe vera, própolis, menta, Hortelã e clorofila;
- * Branqueia sem ajuda de agentes abrasivos;
- * Acalma as infecções de gengiva com sua ação bactericida;
- * Ajuda a melhorar as aftas e os sangramentos;
- * Evita as placas; Não contém flúor;
- * Contém 130 g.

Produto Importado

quando se entra na sede, em Botafogo. Ser indicado, formar uma rede e ficar rico parece coisa de sociedade secreta. Mas na verdade qualquer um pode entrar, e formar a rede é parte do sistema de lucros da empresa. Ficar rico é, como em todo ramo profissional, consequência somente para alguns.

As surpresas ficam por conta das verdades. As cápsulas “Fields of Greens”, de acordo com o catálogo, “incorporam os benefícios nutricionais dos brotos verdes da cevada, alfafa, folha de trigo, pimenta caiena e mel”. Segundo a nutricionista Natália Farias, “todas essas substâncias auxiliam de alguma maneira no controle do ganho de peso. Muitas delas contêm antioxidantes, auxiliam na redução do colesterol, são diuréticas e auxiliam na digestão.” Em um dos folhetos é informado que o produto “aumenta a temperatura corporal”, ou seja é termogênico. A pimenta

poderia fazer isso.

“Com o aumento da temperatura corporal, o organismo vai gastar muito mais energia, ou seja, vai queimar calorias”, confirma a nutricionista. Em outro folheto, a bebida “FAB” (Fell Fabulous) é anunciada como o novo produto da marca. Ela foi lançada logo depois de a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) proibir a venda de alimentos e bebidas à base de aloe vera, em 2011. Os “sucos feitos com puro gel de aloe vera” da empresa não podem mais ser importados nem produzidos. O lançamento é um energético que contém taurina, cafeína e o inositol, presentes em quase todos os produtos do gênero, e que realmente fazem efeito.

Segundo Natália, a cafeína também é termogênica. “A taurina ajuda na degradação de proteínas e o inositol neutraliza o colesterol”, explica a especialista. “O uso deles em conjunto ocasiona o acele-

ramento do metabolismo, o que leva a transformação de gordura em energia”, explica. “Mas esse processo químico só ocorrerá em atividades físicas intensas”, alerta.

Segundo um dos panfletos, a quantidade presente de Glucorolactona no “Fab” é dez vezes maior do que no seu principal concorrente. A substância é aclamada por diminuir a fadiga muscular. Ainda segundo a nutricionista, “alguns fabricantes afirmam que a glucoronolactona aumenta a excreção das substâncias tóxicas adquiridas em exercícios físicos intensos, com isso diminuindo a fadiga. Mas essa afirmação ainda não foi comprovada”.

Um dos produtos do catálogo, o “Forever Bright Toothgel”, é indicado num dos folhetos como o “melhor gel dental do mundo”. O palestrante afirma que é só “colocar lá no Google que aparece”. Sim, aparecem vários vídeos feitos

por adeptos da empresa e vários blogs sem nenhuma credencial para afirmar isso. Nenhuma pesquisa oficial, nenhum concurso.

No blog “dicasodonto-lógicas.com.br”, o dentista blogueiro é claro: “O melhor gel dental? O mais barato!” Ele segue a lógica de que o creme dental não é o mais importante na escovação. Segundo o dentista Waldeck Devulsky, a pasta de dente é um coadjuvante. “Na verdade o importante mesmo é a ação mecânica da escova e do fio dental na remoção do bio-filme (placa bacteriana)”, explica ele.

O gel da Forever é anunciado pelo palestrante com a grande vantagem de ser “natural” porque não contém flúor. O benefício de não conter flúor seria não causar fluorose, uma alteração nos dentes devido ao excesso do elemento. “Um creme dental com flúor, potencialmente, pode provocar fluorose se for ingerido com frequência, o que é mais provável em crianças e deficientes mentais. Fora isso não há vantagem no creme dental sem flúor”, ressalta o dentista. A fluorose pode ocorrer com qualquer outra fonte excessiva de ingestão de fluoretos como na água ou no sal. No fundo, o melhor gel do mundo é só mais um no mercado.

Claramente nenhum dos líderes está a par dessa situação relativa: as verdadeiras utilidades dos seus produtos. O que seria um hidratante eficiente se transforma num “remédio” que pode colocar em risco a saúde das pessoas. E um produto diferente no mercado perde credibilidade porque lança mão de um marketing excessivo.

A empresa usa um modelo comercial parecido com o “esquema pirâmide”, que foi febre nos anos 1990. Como não era sustentável, acabava sendo um golpe, no qual só os primeiros investidores tinham lucro. Porém, quando esse sistema de redes é sustentável, evolui para marketing de rede. Justamente o caso da Forever. A sociedade não é secreta, mas não está a par do bom-senso do marketing.

Prevenção de perdas em Orlando

A rotina dos seguranças à paisana que flagram turistas roubando as lojas dos parques



Foto: Vinicius Emerick

Só a Universal Studios Store, maior loja de lembranças do parque Universal Studios, na Florida, registra cerca de 41 produtos roubados por dia

Isabela Kuschnir

Um dos destinos preferidos dos brasileiros, Orlando, na Flórida, normalmente não oferece grandes riscos aos turistas. Nem quem tem medo de montanhas-russas e

simuladores radicais corre real perigo. Um risco que muitos desconhecem, porém, vem com a empolgação e a sensação de liberdade: ser pego pelas equipes de prevenção de perdas, o vulgar furto. Muitos convidados

- como são chamados os visitantes dos parques da região - têm mão leve quando vão visitar as lojinhas e atrações dos complexos de diversão. Para eles, acaba sobrando a abordagem dos seguranças e até a eventual prisão

pela polícia da cidade.

Como *team member* - codinome para "funcionária" - da maior loja do parque *Universal Studios*, o primeiro da *Universal Orlando Resort*, acabei me infiltrando no dia a dia do chamado *loss prevention*, um time formado por seguranças à paisana muito bem treinados.

A equipe é formada por um grande número de homens e mulheres de diferentes biotipos e idades, vestidos com camisas da *Nike*, bolsas de personalagens e tênis de marca. Todas as lojas do complexo e também do *Disney World* são repletas de câmeras, porém todas camufladas. Eu mesma, como vendedora, ficava surpresa com a localização de algumas delas.

Em nenhuma porta o convidado encontra detectores magnéticos e as lojas quase sempre estão cheias, principalmente

nos horários de entrada e saída dos parques. Com produtos variadíssimos, coloridos e pequeninos, os estabelecimentos são o sonho de qualquer cleptomaniaco. Nesse ambiente, a sensação de que ninguém observa suas atitudes prevalece. Essa falsa ideia não é implantada por acaso: os parques ganham muito dinheiro quando pegam algum convidado com a "mão na massa".

Sendo uma das únicas funcionárias a falar português na loja que ficava mais perto do escritório da *loss prevention*, fui convidada em algumas ocasiões para traduzir a entrevista de brasileiros que levaram produtos sem pagar. Quem já viu qualquer filme policial já viu também o escritório - que pode ser classificado melhor como sala de interrogatório: espelho falso, luz forte na cadeira do entrevistado e parede com faixas pretas

para tirar fotos do rosto do "suspeito". Poucas pessoas imaginam que exista um ambiente como esse em um parque de diversões. O espaço fica camuflado atrás de armários que todos os convidados podem alugar.

Durante o treinamento, que durou uma semana, recebi orientação sobre a presença dos seguranças, mas mesmo dentro da loja não devemos saber quem eles são. Na verdade, é dever da *loss prevention* fiscalizar o comportamento dos funcionários também. Segundo Glenn

Adams, gerente do Três Vassouras, o único restaurante do queridinho *Wizarding World of Harry Potter*, no parque *Islands of Adventure*, uma das principais causas de demissão de *team members* é roubo de dinheiro do caixa, seguido por roubo de produtos do estoque.

Quando perguntei para o meu chefe se um rapaz que já tinha visto mais de uma vez na loja - é fácil imaginar que a rotatividade de convidados é enorme, daí o estranhamento quando se vê pessoas "repetidas"

- era um dos seguranças misteriosos, recebi em resposta um curto e grosso: "Pode ser, assim como pode não ser, continue seu trabalho".

De qualquer forma, quando precisaram de tradutora, me chamaram. Fiquei tão surpresa quanto a acusada da vez, uma mulher paraense que não entendia uma palavra de inglês, ao descobrir que um cara de boné do *Orlando Magic* era na verdade um segurança em horário de trabalho. As filhas da moça, de 7 e 10 anos, tinham pego vários chaveiros das prateleiras e colocado as bugingangas diretamente na bolsa entreaberta da mãe.

Assim que colocou o pé fora da loja - mais tarde, um *team member* da *loss prevention* explicou que eles só podiam abordar os clientes fora da loja, para que o roubo tivesse sido concluído e evitar argumentos do tipo "eu ia pagar" -, a brasileira foi convidada a acompanhar o segurança até a saída do parque. Um susto evitável e um mico inesquecível. Em outras ocasiões, brasileiros de 15 anos em excursão - o terror dos funcionários - também acharam que afanar produtinhos seria fácil. Uma menina, que colocou apenas um chaveiro no bolso, foi perdoada do banimento, mas nunca da dívida. Envergonhada e tremendo, ela acabou comprando o chaveiro.

Já um menino abusado tentou levar duas camisas, chaveiros e um óculos. Claro que sofreu todas as consequências do parque e ainda foi expulso do grupo de excursão. Segundo a guia responsável, todos os jovens tinham sido informados que roubos não seriam tolerados. E, conversando com os *team members* da *loss prevention*, fui informada de que é procedimento padrão da *Universal* avisar às empresas de turismo do mundo inteiro para instruírem os clientes sobre o rigoroso sistema de segurança. Por mais que os brasileiros tenham má fama



Vendedores também aprendem técnicas para evitar roubos

as crianças) foram acompanhados pelo segurança até a saída do parque. Um susto evitável e um mico inesquecível.

Entre os funcionários dos parques, por causa da grande quantidade de adolescentes desacompanhados, da cantoria, do barulho e, infelizmente, da falta de educação - segundo os *team members* de restaurantes do complexo, se a bandeja foi deixada suja em cima da mesa é certo que quem esteve sentado ali era brasileiro -, nós não somos os maiores ladrões. De acordo com a *loss prevention*, os próprios americanos roubam mais.

Os seguranças ninjas e anônimos também não são os únicos que ajudam a prevenir as perdas de produtos. Vendedores, como eu, também são orientados a simplesmente serem simpáticos e falar com cada um dos convidados e, assim, passar a ideia de que estão de olho. Mesmo assim, cerca de 41 produtos eram roubados por dia só na *Universal Studios Store*, onde eu trabalhava. Os dados são da própria gerência do departamento de *merchandising* da empresa. No topo da lista de objetos mais roubados estão chaveiros de personagens, broches e bijuterias.



Com produtos variadíssimos, coloridos e pequeninos, os estabelecimentos são o sonho de qualquer cleptomaniaco. Chaveiros e pins estão entre os objetos mais furtados



Um novo olhar sobre a favela

No complexo da Maré, o Programa Imagens do Povo transforma a realidade de moradores



Foto: Renan Otto Fontes

Em uma das primeiras aulas, alunos construíram suas próprias câmeras escuras, aparelhos que serviram de base para a invenção da fotografia

Katryn Kischlat Dias

O que é preciso para ser um bom fotógrafo? Ingressar num curso caro, comprar uma câmera importada e fazer muitos cliques? Não. Há oito anos instalado dentro do complexo de favelas da Maré, o Programa Imagens do Povo vem mostrando que um curso gratuito pode ser a melhor opção, tanto para moradores de comunidades populares, quanto para pessoas com maior poder aquisitivo. O curso é uma experiência de vida que vai muito além da mera técnica fotográfica.

Criado pelo fotógrafo João Roberto Ripper, o Imagens do Povo é parte do programa sócio-pedagógico do Observatório de Favelas e tem como missão a “documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho”, como anuncia em seu site. Para os alunos, isso significa uma oportunidade de entrar em contato com a fotografia e, mais do que isso, ter assegurado um espaço de trabalho ao se formarem.

Isso porque o Programa Imagens do Povo é consti-

tuído por diversos projetos, entre eles a Escola de Fotógrafos Populares, o Banco de Imagens, Agência Escola – onde os fotógrafos trabalham em pautas en-

comendadas –, o Curso de Formação em Educadores da Fotografia, as Oficinas de Fotografia Artesanal (pinhole) e a Galeria 535. “Ou seja, é uma escola de fotógrafos seguida por um banco de imagens e uma agência. Todos os fotógrafos que se formam aqui assinam um contrato para fazer fotos para a agência e, assim, continuar trabalhando”, explica Léo Lima, fotógrafo formado pela escola em 2009 e atual monitor das Oficinas de Pinhole.

O conteúdo programático da Escola de Fotógrafos Populares é de dar inveja em muita universidade

federal por aí. Entre aulas práticas e expositivas, os alunos participam de discussões com temáticas como direitos humanos, análise crítica da mídia e

teoria das representações sociais. O suporte pedagógico fica a cargo de Dante Gastaldi, fotógrafo profissional e professor da UFF e da UFRJ. As aulas são ministradas por dois professores permanentes, Fábio Caffê e Rovena Rosa – ambos formados pela própria escola –, auxiliados por palestrantes convidados. Os encontros acontecem às terças, quintas e sextas, das 8h às 12h30, e aos sábados são programadas saídas fotográficas e visitas a exposições. O curso dura em média 10 meses, com início em março.

Durante as saídas, os alunos têm a oportunidade de colocar em prática tudo o que aprenderam em sala e ainda podem usar as câmeras digitais profissionais da escola, adquiridas em 2006 graças ao apoio da Unicef. Este ano, a turma já participou de aulas práticas em diversos pontos da cidade, como o Piscinão de Ramos, a Quinta da Boa Vista e a feira da Rua Teixeira Ribeiro, uma grande feira popular realizada em frente ao Observatório de Favelas na Maré.

Em uma dessas aulas na feira, um grupo de aproximadamente 30 pessoas se espalhou entre as barracas com câmeras em punho e à procura de novos ângulos e novos personagens. Atrás, o professor Fábio Caffê ia orientando entusiasmado. “Galera, não chega direto tirando foto. Se apresenta primeiro, pergunta se pode fotografar. O legal é trocar uma ideia com as pessoas, conhecer um pouquinho de cada história”, ensina.

Para muitos alunos – e também para os fotógrafos já formados – as câmeras da escola são a forma que encontraram de documentar a sua própria realidade, que a grande mídia tanto

insiste em deixar de lado. Esse é o caso de Léo Lima, que fotografa a comunidade do Jacarezinho onde mora e documenta o processo de remoção de casas nas favelas do Rio. Ele conta que nunca gostou de fotografia, mas quando entrou na Escola de Fotógrafos ficou apaixonado:

“Eu percebi que também podia falar do lugar onde eu moro, que a outra imagem podia ser mostrada”. Mas apesar de já ter fotos integrando diversas exposições coletivas, até mesmo em Nova York, e uma exposição individual inaugurada em maio na Galeria 535, ele ainda encontra algumas dificuldades. “Até hoje eu não tenho equipamento próprio. Toda vez que saio para fotografar eu tenho que agendar aqui no Observatório com antecedência para pegar a câmera emprestada”, conta Léo.

Também formada pela Escola, na turma de 2009, e atualmente trabalhando como indexadora do banco de imagens, Monara Barreto é outro exemplo. Ela costuma fotografar no Morro do Alemão para mostrar ao mundo toda a beleza que vê por lá.

“Gosto de documentar nas favelas a peculiaridade e a essência de cada morador e mostrar, através da minha fotografia, o grande valor e a beleza que eles têm. Tento ajudar na luta pela valorização da comunidade local e na luta contra estereótipos estabelecidos pelas mídias hegemônicas”, explica a fotógrafa.

Mas nem só de moradores da Maré é constituída a escola. Sabendo da qualidade do curso, alguns alunos vêm de fora. A jovem Naiara Fouraux, moradora de Santa Rosa, Niterói, é uma das exceções. Ela ficou sabendo do curso através de um amigo e fez a inscrição imediatamente: “Eu tive certeza que era isso que eu precisava para ser mais feliz, por realização pessoal e profissional”. E em nenhum momento ela se arrepende: “O curso foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. É maravilhoso estar lá, é um curso onde além de fotografia, você aprende questões da vida, como respeitar ao próximo, entender a necessidade do outro, se expressar melhor, abrir os olhos para a realidade e para o que realmente importa”.

Para fazer parte desse restrito grupo de alunos, é necessário passar por um processo seletivo muito concorrido que acontece a cada início de ano. A seleção inclui uma pequena entrevista e dinâmicas de grupo. E a prioridade é sempre para moradores de favelas, claro. “O fato de [o curso] estar em uma favela e ser direcionado, primeiramente, a moradores de comunidades é muito importante, pois gera visões contra-hegemônicas, que abalam os olhares dominantes: é a favela vista por ela mesma”, explica Gustavo Cunha, que chegou ao curso através da “apresentação apaixonada” do professor Dante Gastaldi em uma aula na UFF.

Por ser de fora, ele enxerga outras vantagens em ser aluno da Escola de Fotógrafos Populares: “Outro ponto positivo do curso é que ele agrega pessoas de diferentes lugares da cidade, não apenas de favelas. Isso permite muitas trocas

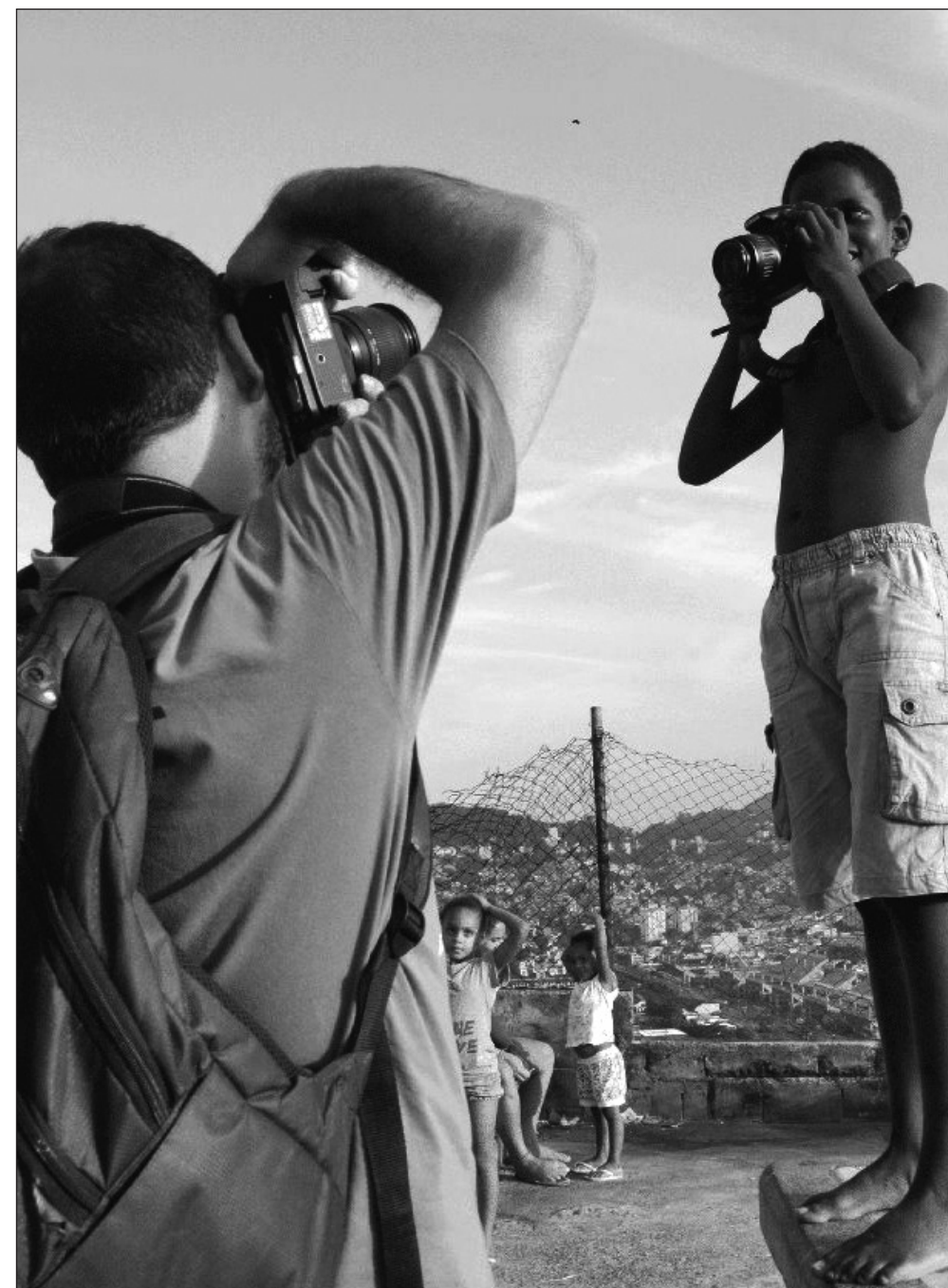


Foto: Naiara Fouraux

Em visita ao Morro da Providência, alunos levam a arte da fotografia aos moradores

culturais, que muitas vezes não aconteceriam em uma cidade supostamente partida”, conclui.

O Programa Imagens do Povo é complementado pelas Oficinas de Pinhole, voltadas para crianças e adolescentes de comunidades populares entre 9 e 15 anos. Na oficina, as crianças têm o primeiro contato com a fotografia artesanal e aprendem a construir suas próprias câmeras com materiais alternativos, como latas de alumínio ou caixas de papelão. Além disso, elas também têm a oportunidade de conhecer um pouquinho mais sobre fotografia. As oficinas acontecem às segundas e quartas em dois turnos, manhã e tarde, e contam com o apoio do Criança Esperança.

Na aula realizada no dia 4 de junho, o monitor Léo Lima, com a ajuda do professor Fagner França, contou a história da primeira fotografia feita por Joseph Niépce, em 1826, e a partir dela instigou os alunos a saírem para foto-

grafar nos arredores. Mas além de fotografar durante as aulas, eles têm levado suas pinholes para casa. A ideia é que toda semana

as crianças fotografem o seu cotidiano e, no final do semestre, tenham um projeto individual para mostrar sobre a sua casa.

Por trás da reportagem

Quando contei à minha mãe que iria fazer uma reportagem na favela da Maré, sua primeira reação foi rir. As gargalhadas, ela exclamou: “Ficou maluca?! De jeito nenhum! Você não vai entrar lá sozinha.” Dei à minha mãe 15 dias para que absorvesse a ideia. Claro que não foi fácil, precisei reunir argumentos, guardar recortes de jornal e, principalmente, comprovar que eu tinha contatos dentro da comunidade que garantiriam minha “segurança”.

Por fim, ela concordou em me levar até a Passarela Nove da Avenida Brasil, numa ensolarada manhã de sábado, certa de que lá estaria um representante da Escola de Fotógrafos Populares à minha espera. Com coração na mão, ela se despediu. Saltei do carro e fui à procura do meu guia. Olhei por todos os lados e nada.

Ah, se minha mãe soubesse que eu entrei na Maré sozinha e sem conhecer ninguém! Tudo o que eu tinha eram um nome e um endereço rabiscados num papel. Nem foi tão difícil. Encontrei o portão e fui entrando. Perguntei por um tal de Dudu, que me recebeu com um sorriso e logo me apresentou os professores. Em questão de minutos eu deixava de ser a “forasteira” e passava a ser mais uma entre dezenas de alunos.

Rapidamente pude perceber que por lá é assim, todos, independentemente de onde vieram, são sempre muito bem-vindos. Simpatia, amizade, responsabilidade, vontade de aprender e de transformar. Essas são as boas vibrações que eu levo da Escola de Fotógrafos Populares da Maré.

Apesar de toda a dificuldade encontrada pelo programa, como a necessidade de correr atrás de patrocínio todos os anos, o Imagens do Povo está mostrando que tem força e capacidade para se tornar um grande núcleo de produção fotográfica no país. “O financiamento é independente, por isso a importância de fazer uma escola bem feita a cada ano”, explica Léo Lima.

Não é para menos que ainda em 2004, ano de sua criação, o projeto recebeu o Prêmio Cultura Nota 10, oferecido pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, e em 2007, o Prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo. Em 2010, tornou-se Ponto de Cultura, passando a ser apoiado financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura. Em junho de 2012, conseguiu lançar seu primeiro livro, juntando o registro do cotidiano de espaços populares feito por diversos fotógrafos do programa.

Muito mais do que apenas uma escola e uma agência fotográfica, o Programa Imagens do Povo é um coletivo. que carrega um sonho e uma vontade: mostrar a favela como ela é, além das visões estigmatizadas, e lutar para transformar essa realidade tão difícil. “O Programa tem um nome forte e é bastante conhecido. O meu desejo é que o Imagens do Povo cada vez mais colabore nas lutas por uma realidade mais solidária e justa, pois tem uma grande importância na luta pela construção de meios de comunicação que respeitem as diversidades existentes no Brasil e no mundo”, conta Monara Barreto.

Esta iniciativa pioneira de um fotógrafo visionário está transformando as perspectivas profissionais dos moradores de comunidades. Cada foto tirada por um fotógrafo da Escola Popular da Maré traz consigo um viés crítico e, sobretudo, a vontade de mostrar para o mundo que a que favela não é lugar só de violência e tráfico de drogas, mas também é espaço de produção cultural e reflexão social.

Dentro e fora da sala de staff

Os bastidores dos congressos do Rio de Janeiro escondem mais histórias do que se imagina.

Elisa Ferreira

“Tira todo mundo dessas duas salas. O secretário está chegando, essas duas salas são dele”, esbravejou o segurança e chefe de gabinete de turismo do Rio de Janeiro, José Marcius (nome fictício*). Explodia a primeira confusão do evento. A estrutura montada para o Salão de Turismo de 2011 era uma tenda em lona nas areias da Praia de Copacabana. O espaço era aberto ao público em geral, com palco, estandes e salas com palestras. Para assistir às palestras só era preciso uma inscrição, que poderia ser feita na hora, em um balcão no canto direito do palco. Nesse espaço das salas, dois ambientes em um corredor escondido com banheiro químico exclusivo, estavam separados: as salas VIPs.

Congressos e eventos costumam receber palestrantes ou convidados especiais que, normalmente, recebem tratamento diferenciado para estar ali. Em alguns casos, esses privilégios são exigidos; em outros, apenas oferecidos, para garantir privacidade. Os ambientes são salas exclusivas ou divididas para essas “celebridades”. No local, a refrigeração é melhor, assim como o atendimento. Seguranças na porta, recepcionistas exclusivas, além de pequenos lanches. Café, chá, água e biscoitinhos são os mais comuns. No Salão de Turismo, tinha também sucos em caixinha, refrigerantes e chocolate quente. Para comer, mini-sanduíches de diferentes sabores, *petit fours* (biscoitos que acompanham o café) e empadinhas. O serviço na sala era reposto e tudo deveria ficar arrumado: nenhum copo sujo espalhado, espaços vazios nos tabuleiros de alimentos, lixo superlotado. Para evitar que isso aconteces-



Recepcionistas e organizadoras na entrada do Salão de Turismo, em outubro de 2011: rotina de responsabilidade

se a sala VIP contava com um garçom exclusivo.

Os dois ambientes reservados no Salão de Turismo estavam divididos. O maior, com um ambiente social e uma sala reservada, com mesa de reunião, ficaria para o Secretário de Turismo do Rio de Janeiro, Ronald Ázaro. Já o segundo, mais no começo e um pouco menor, seria dos palestrantes e alguns visitantes ilustres. “Quem inventou isso? Os dois são para ele. Para a família, reuniões, encontros”, desesperou-se Marcius, como pediu para ser chamado. Preocupado, ele mudava todas as ordens passadas pela organização para as recepcionistas.

Confusas, as duas recepcionistas se dividiram. Uma ficaria responsável por acompanhar Marcius e verificar todas as suas solicitações. Já a outra foi atrás das organizadoras, suas chefes diretas, com intuito de resolver o mal-entendido. Ao voltar com Cristina Castro*, uma das sócias da empresa organizadora, o cenário era caótico. Marcius continuava esbravejando e os

garçons estavam revoltados, uma vez que estavam sendo culpados por liberar o lanche aos palestrantes.

Ainda no meio da tentativa da busca de uma solução, Ronald Ázaro chega. Com o início da palestra, as duas salas VIPs estavam vazias. O secretário foi encaminhado para a segunda sala. Ele aceitou que a outra sala fosse dividida com alguns palestrantes, “até porque eles não ficam por lá muito tempo. Apenas aguardam o momento em que vão dar suas conferências e ainda posso conversar um pouco com esses convidados”, finalizou, calmamente, Ronald.

A ex-candidata a presidência do Brasil e ex-senadora Marina Silva é figura comum em eventos. Entretanto, Marina requisita diversos cuidados especiais. No congresso da Fundação Thomson Reuters, “Energia Limpa: Oportunidades e Desafios no Brasil”, a ex-senadora solicitou uma sala exclusiva para terminar de montar a apresentação que usaria em sua conferência. Contudo, simpática com todos

e preocupada apenas com o sucesso da palestra, os empecilhos não estavam nessa questão. A maior exclusividade para Marina era no que se refere a sua alimentação. Aos 15 anos ela contraiu hepatite – que os médicos diagnosticaram como malária. Desde então, Marina Silva tem diversas restrições alimentícias. Por isso, antes do início do congresso, uma lista de alimentos foi passada para a organização do evento para que ela fosse atendida.

Marina não pode comer alimentos industrializados, por causa do corante, derivados de leite ou alimentos que contenham mercúrio. Sua refeição diária no congresso era arroz integral, caldo de feijão e legumes, variados. Também foi oferecido a ela carne branca, entretanto, a ex-senadora recusou. Ao contrário de alguns convidados especiais, Marina Silva deixou claro, através de sua assessoria, nos dias que antecediam o congresso, que não deixaria de participar, caso não fosse possível criar um cardápio diversificado. “Nada

é impeditivo para ela. Ela não deixa de estar presente por isso e deixou bem clara essa situação. Afinal, ela participa de tantas coisas que já deve ter um plano B”, explicou Cristina Castro.

Alguns eventos não têm necessidade de instalar um espaço exclusivo para celebridades, pois, muitas vezes, elas estão apenas de passagem. Foi o caso do evento paralelo à Rio+20 no armazém 4, mais anexo, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação no Pier Mauá.

As estruturas dos galpões eram apenas para visitação, com palestras de instituições. No caso, alguns artistas famosos passaram por lá durante as duas semanas que esteve aberto, mas nenhum espaço VIP foi construído. Pelo contrário, todos os estabelecimentos eram abertos ao público e as filas, principalmente para visitar o barco do Greenpeace, era a mesma para todos. Com isso, aconteceram alguns problemas, como com o estande que distribuía aperitivos típicos do norte e outro que tinha amostras grátis

de café e suco orgânico. Após algumas confusões com o público, as distribuições gratuitas foram cortadas. “Parecia um bando de malucos, faziam fila, pediam para levar para casa e a atendente dizia que era amostra grátis, que tinha que ser servida no copinho”, afirmou assustada a recepcionista Paula Carvalho.

Assim como as diferentes formas com que visitantes, palestrantes, membros ou autoridades são tratados, o trabalho de recepcionista muda bastante de um evento para outro. Algumas regras são básicas, como a educação, a vestimenta completa, os cabelos penteados. Entretanto, recepcionista possuem diversas funções. Segundo o dicionário Aurélio: **Recepcionista**: Bras. Empregado de hotel, etc., incumbido de recepção (2). **Recepção**: sf. 1. Ato ou efeito de receber. Sendo assim, recepcionista seria o encarregado por “bem receber”.

No caso dos eventos, os recepcionistas são o primeiro contato com o cliente, público ou particular, e, por isso, deve ser bem trabalhado para ser a primeira “boa impressão”. “Vocês são a boa impressão do evento. Desde a forma como estão arrumados até a maneira como falam com o público: para receber ou para ajudar. O recepcionista é o primeiro passo para a boa impressão da organização e qualidade do evento”, afirma a organizadora de eventos Miriam Branco*.

Os mais comuns são os recepcionistas da entrada. São aqueles que ficam à porta dos eventos, recebendo os visitantes. Precisam estar bem informados para direcionar de forma correta e poder esclarecer dúvidas em geral, como transporte, banheiros, localização das palestras, horários. Em alguns eventos, especialmente os de grande porte, há mais uma entrada. No caso do Pier Mauá, alguns recepcionistas ficavam na entrada, recebendo os

carros e, principalmente, vans escolares. Outro grupo se encontrava junto às roletas instaladas na entrada, controlando os visitantes com uma pulseira de papel colorida, de acordo com o dia. Além desses, na entrada de cada galpão, um recepcionista recebia e dava as primeiras explicações sobre as atividades que aconteciam naquele espaço.

No quarto dia de evento, uma das recepcionistas, Daiane Cruz, sofreu um acidente de trabalho. Enquanto ajudava crianças de uma creche a entrar na van, a professora, sem perceber, bateu a porta de correr do veículo e prendeu o dedo de Daiane. Com um grito, que alcançou todos os galpões, a jovem foi rapidamente atendida pela equipe médica que estava de plantão. Primeiro foi levada para a sala do departamento médico no Pier Mauá. Recebeu o primeiro atendimento, com gelo, pomada e gases. Daiane estava sentada em uma cadeira de rodas. Muito nervosa, ela chorava e estava preocupada com o dedo roxo, inchado e um pouco torto. Junto dela estavam três enfermeiros, dois médicos, duas recepcionistas, a diretora da empresa para a qual trabalhava e o seu supervisor.

A superlotação do local parecia assustar ainda mais a moça. “Vamos levá-la para o Souza Aguiar”, afirmava uma das médicas. “Precisamos levar alguém?”, indagou a enfermeira mais jovem. “Querida, você tem plano de saúde? Talvez seja melhor não ir para um hospital público se você tiver plano de saúde”, completava a diretora da empresa. “Acho melhor ligarmos para o marido”, sugeriu a outra recepcionista, sua parceira no atendimento.

Após algumas discussões sobre para onde iriam levá-la. A jovem foi acompanhada por Luana, a outra recepcionista, até o Hospital Miguel Couto, na Lagoa, Zona Sul carioca. Dois

recepcionistas correram para pegar os pertences das duas. Elas seguiram para o hospital de ambulância, com a sirene ligada. Depois do susto e muitos comentários entre os outros recepcionistas, a preocupação era com o estado de Daiane e os próximos dias, uma vez que o evento ainda duraria uma semana. “Precisamos ver se será necessário arrumar outra pessoa. Acho que a responsabilidade do acidente de trabalho, nesse caso, é nossa e não da contratante da empresa.” Daiane não trabalhou, mas recebeu normalmente e não foi necessário colocar ninguém no lugar, segundo a contratante.

Além das recepcionis-

“O
recepcionista
é o primeiro
passo
para a boa
impressão da
organização e
qualidade do
evento”

Miriam Branco*,
organizadora de
eventos

tas de entrada, também são comuns as funções de secretaria. Nesse caso, elas costumam ficar atrás de um estande montado para credenciamento. Em diversos eventos, a organização divide o local entre “inscritos”, “novos inscritos”, “pagamento”. A função em “inscritos” é encontrar o nome da pessoa e pegar o material dela, seja apenas o crachá ou a pasta com material do participante, como bloco de notas, programação, caneta. Já em “novos inscritos” o recepcionista costuma entregar uma ficha para o participante preencher com os seus dados. Em alguns casos, ele transcreve essa ficha para a internet ou banco de dados no computador.

Em outros, apenas recebe a ficha. Na hora é feito um crachá e o material do evento também é entregue. Em “pagamento” costuma estar um recepcionista de confiança e ágil, visto que ele mexerá com o dinheiro do congresso. Seja para o pagamento dos novos inscritos ou, em algumas ocasiões, da compra de pacotes de turismo ou cerimônias extras dos eventos, como jantares ou recepção de confraternização do evento.

Por fim estão os recepcionistas de sala. Esses se dividem em três categorias: de porta, de sala e de palco. Os primeiros são aqueles que, assim como os da entrada, recebem os participantes nas salas das palestras. Ficam responsáveis por abrir e fechar a porta, controlar a entrada, em alguns casos ajudar a encontrar lugar para sentar e, em outros, controlar a temperatura da sala. Já os de sala ficam do lado de dentro e, normalmente, estão encarregados de dar maior atenção aos palestrantes. Precisam colocar ou trocar a placa com o nome de cada palestrante, repor água e copos, controlar o horário de palestra, levar os microfones para os participantes no momento de perguntas e manter contato com a equipe de projeção e audiovisual para qualquer emergência.

Além dessas funções, em algumas empresas é necessário que eles preencham relatórios sobre as palestras: duração, dinâmica adotada, uso de slides ou vídeos, garrafas de água utilizadas, atrasos, observações sobre os palestrantes daquela sessão além de comentários com problemas, dos faltosos a acontecimentos fora do planejado, tanto positivos quanto negativos. As recepcionistas de palco são aquelas que, quando tem uma palestra de mais destaque, como cerimônia de abertura, acompanham os convidados ao palco ou ficam perto – na descida ou em cima – para qualquer assistência que seja necessária.

As principais diferenças são nas vestimentas e no tempo que o recepcionista ficará em pé. Os de palco costumam ser do sexo feminino, estar mais arrumadas e, na maioria das vezes, é obrigatório um salto, mesmo que pequeno. Enquanto os de entrada, de sala e secretaria usam calça social; blusa do evento ou branca; blazer, quando requisitado; e escarpin. Os que mais precisam ficar em pé são os da entrada, porque estão sempre recebendo os participantes. Neste caso, costumam ser do sexo masculino para agüentar ficar em pé sem reclamar tanto, por causa do sapato. Os de palco também ficam em pé durante a cerimônia. Já os de sala podem sentar durante a palestra, enquanto não fazem atendimento. Os recepcionistas que ficam à entrada das salas, na maioria dos eventos, também podem pegar uma cadeira e colocar junto à porta enquanto a palestra acontece.

Além de recepcionistas, a maioria dos grandes eventos conta com supervisores. Esses são encarregados de resolver problemas de última hora e organizar os recepcionistas. Eles controlam os horários de entrada, saída e almoço dos recepcionistas e muitas vezes os rendem nos seus postos de trabalho. Precisam conferir se todas as salas estão arrumadas conforme solicitado. Nos primeiros dias do congresso, dividem os recepcionistas por postos e/ou funções junto com os organizadores. Se ao longo do evento for necessário trocar, eles comunicam aos superiores. Os supervisores são os olhos da empresa organizadora durante o congresso, já que nem sempre é possível que os organizadores estejam lá ao longo de todo o evento.

Os bastidores precisam sempre estar bem arrumados e programados. É preciso que todos cheguem, pelo menos, quinze minutos antes do horário combinado. As-



O supervisor e Marina Silva no evento “Energia Limpa: Oportunidades e Desafios no Brasil”

sim, os últimos detalhes são vistos e no momento em que começa um novo dia em um evento, está tudo arrumado e todos em seus postos. Ao longo do dia os recepcionistas fazem revezamento, tanto para comer quanto para ir ao banheiro ou dar uma descansada.

No horário do almoço, em alguns casos, a empresa promotora do evento disponibiliza para os trabalhadores um ticket para comerem, em outros casos, é preciso comer perto do local do evento ou levar comida. A organização possui uma sala, onde ficam as bolsas, às vezes, microondas, geladeiras e máquinas de café. A saída para o almoço é programada de acordo com o horário das palestras. Por isso, é raro uma hora de almoço para cada um e os recepcionistas costumam sair em grupos de, pelo menos, três para comer. “Esse é o momento de descansar, falar besteira e sentar”, afirma Carlos Tarragô, supervisor.

Em alguns congressos, principalmente nas cerimônias com festas e jantares, que costumam acontecer à noite, a empresa promotora disponibiliza lanches para os recepcionistas. Quando os participantes têm refeição incluída, diversas vezes costuma sobrar o número de refeições contratadas. Sendo assim, os recep-

cionistas, supervisores e organizadores conseguem se alimentar, já que o buffet cobra um mínimo de refeições. Em outros casos, como na rede de hotéis Windsor, o gerente de eventos do hotel disponibiliza o refeitório dos funcionários para atender ao congresso. Entretanto, o almoço é pago e custa, aproximadamente, R\$ 20.

No evento do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe) da UFRJ, “O futuro sustentável – A Coppe na Rio+20”, o estande oferecia um serviço de buffet contratado, já que havia lançamentos de livros, de projetos e do ônibus a hidrogênio, com participação de acordo com o horário das palestras. Por isso, é raro uma hora de almoço para cada um e os recepcionistas costumam sair em grupos de, pelo menos, três para comer. “Esse é o momento de descansar, falar besteira e sentar”, afirma Carlos Tarragô, supervisor.

seram. “Aí eu tive que comprar seis quentinhas para toda a nossa equipe. Eram aqueles pratos feitos com feijão, arroz, batata, que vinha tudo naquele contêiner laminado. Todo mundo se deliciou”, divertiu-se Cristina Castro. “O mais

“A hora do almoço é o momento de descansar, falar besteira e sentar”

Carlos Tarragô,
supervisor

surpreendente foi que todos quiseram: segurança, moça da limpeza, pessoal da Coppe. Estavam todos com saudade de comer feijão, arroz, carne. Não foram só os meus seis, encomendamos para todos: 15 quentinhas!”

Além disso, esse é momento da interação. Os recepcionistas costumam fazer amizades e, em alguns casos, iniciar relacionamentos amorosos durante o trabalho. Foi o caso do evento no pavilhão do MCTI no Pier Mauá. Um casal foi formado no terceiro dia do evento, que durou duas semanas. Entretanto, o relacionamento só

pode acontecer fora do horário de expediente e, dependendo da duração do congresso, os recepcionistas criam laços e marcam de sair depois ou quando o evento acaba.

“A gente fica meio acabado trabalhando quase 12 horas por dia. Ficamos amigos, mas sair depois é muito raro, só uma vez ou outra. Mas no último dia, ou dia seguinte ao final (do congresso), a gente tenta se reencontrar. Vimos quase família”, diz Amanda Nogueira, recepcionista. Contudo, em alguns casos o clima não é sempre ameno.

Assim como se formam amizades, diversos recepcionistas costumam criar rixas ou “não ir com a cara do outro”, opina Luiz Fernandes, recepcionista. Essa impressão, normalmente, é por causa do trabalho e não pela personalidade do companheiro. “Alguns ficam lá conversando, tentando sentar o tempo todo, saem para almoçar sem avisar ninguém”, explica.

Outro caso amoroso fruto dos congressos no Rio de Janeiro foi o de Ana Lima e Rubens de Almeida. Eles se conheceram em 1997 em um congresso promovido pela Unimed em Cabo Frio. Na época, Ana tinha 21 anos e Rubens 23. Ficaram amigos e mantiveram contato, principalmente por telefone. Os dois trabalham de recepcionista, como única função remunerada, e por isso costumam atuar em cerca de cem eventos por ano. Em alguns desses congressos eles tiveram a oportunidade de trabalhar juntos. A partir de então, Ana e Rubens começaram a sair para tomar um chope ou para algumas festas. Em 2000 eles começaram a ter uma relação amorosa. Entretanto, Ana sempre foi muito responsável com o trabalho e evitava que os colegas recepcionistas soubessem do envolvimento dos dois.

Dois anos depois, Ana e Rubens foram morar juntos e, no ano seguinte, se casaram. Em 2005 nasceu Maria Clara. Durante esse período, Ana teve que parar de traba-

lhar como recepcionista e Rubens dobrou a carga de trabalho, já que não existe licença maternidade para essa categoria profissional. “Ainda discutem, inclusive, se é uma profissão. Eu sempre considerei. Afinal, era o que fazíamos. E a Maria Clara foi sustentada com esse dinheiro”, opina Ana Lima. “Foi uma época muito difícil, porque ela precisou parar (de trabalhar) quando estava com quatro meses, que foi quando a barriga apareceu. E só voltou quando a Maria estava com cinco meses”, lembra Rubens.

Em 2010, Ana e Rubens se separaram e, no começo, a relação dos dois era bastante complicada, já que era preciso que eles trabalhassem em diversos congressos juntos. “Teve uma época que eu evitava pegar o evento porque sabia que ela estaria lá. Por mim não tinha tanto problema, mas era melhor não misturar”, diz ele. Os dois trabalharam juntos, pela primeira vez após a separação, quase um ano após o fim do relacionamento. “Foi engraçado. Eles mandavam várias indiretas”, diverte-se Rafael Rangel, recepcionista que trabalhou com os dois pela primeira vez nesse congresso. “Mas nem dava para perceber que eles foram casados, só soube quando ele me contou”, admitiu.

Por trás dos congressos, além da correria para que dê tudo certo, amizades, romances e histórias engraçadas acontecem. Enquanto palestrantes e participantes assistem ao evento e esperam o melhor dele, os organizadores cobram esforços, responsabilidade e força de vontade. É preciso um grande trabalho em equipe para fazer um evento acontecer, não importa o porte. Porém, nem sempre essa equipe é tão unida e sociável quanto nas fotos e nos estandes. Para saber isso, é preciso cruzar a porta da sala do staff.

***os nomes foram trocados para preservar a identidade dos envolvidos**

A estética da dor

A construção do corpo ideal vale qualquer esforço, até o mais intenso dos exercícios

Matheus Paiva

“No pain, no gain”. Quem hoje deseja um corpo esteticamente bonito ou mesmo em boa forma sabe que essa citação, que significa “sem dor, sem ganho”, precisa ser um mantra, repetido quantas vezes forem necessárias até que um resultado, no mínimo satisfatório, seja alcançado. A busca pelo corpo perfeito tem se tornado cada vez maior e mais intensa, fato comprovado com o aumento de pessoas que frequentam uma academia.

O número de academias no Brasil já passou dos 16 mil desde 2007, segundo o jornal “O Estado de S. Paulo”. O setor gerou receitas de US\$ 1,11 bilhão só em 2010. E para conferir como se dá esse processo da construção do corpo ideal através da dor, me matriculei na academia Inove, em São Gonçalo, para estudar o comportamento dos frequentadores de academia e, principalmente, para experimentar “na pele” o que é se expor ao constante desgaste físico.

Foram cerca de três meses de infiltração realizando a atividade de musculação. Consultando as filas de matrículas na academia, pode-se notar que os homens são maioria na musculação. Já as mulheres se concentram mais nos exercícios que envolvem respiração, como as sessões de ergometria e as aulas de spinning.

Segundo o professor de Educação Física e instrutor Ivo Mendonça, essa divisão acontece porque pessoas de cada sexo querem resultados diferentes uns dos outros. “Os rapazes ficam mais na área de musculação porque querem basicamente ganhar músculos. Já as meninas ficam mais na bicicleta, na esteira, porque isso está diretamente ligado à perda de gordura e à to-



nificação das pernas e do bumbum”, avalia.

Durante a incursão na academia, as mulheres se mostraram bem dispostas. Muitas delas complementam os exercícios com uma série de musculação. “Obviamente elas não querem apenas perder peso. Pelo contrário, o objetivo da maioria aqui na academia é definir o corpo. E isso só se consegue com a musculação. O esforço é bem grande”, argumenta Ivo.

“O pessoal pode ser narcisista e teimar em pegar mais peso, mas sempre pede nossa orientação”

Ivo Mendonça,
professor de Educação Física

Um dos principais exercícios praticados pelo sexo feminino era o *spinning*. A atividade, uma espécie de ciclismo *indo-*

or que simula percursos retos, sempre alternando a velocidade, é o exercício com presença majoritária feminina, e, no entanto, a maior vítima de reclamações de ser “terrível”. Muitos ao término da aula nem prosseguem com outras atividades, tamanha a exaustão. “Menino, essa aula não é de Deus. Cansativo demais. Mas o que eu não faço para ficar mais bonita?”, relatou uma das alunas.

Mas os homens não ficam para trás quando o assunto é gastar energia. Embora o público feminino realize uma variedade maior de exercícios, a parte masculina dos frequentadores da academia se exercita em séries, geralmente bem extensas, de musculação. O objetivo é que todos os músculos importantes do corpo sejam trabalhados. E com o passar das semanas, a série é trocada por uma de nível superior para forçar ainda mais a musculatura dos alunos.

De acordo com outro instrutor da academia, o professor de Educação Física Irineu Rodrigues, há reclamações se as séries ficam fáceis. “O pessoal, principalmente aqueles mais velhos, não gosta quando passo uma

série fácil. Sempre tento arrumar exercícios complicados se o aluno tem capacidade para tanto. E eles conseguem, mesmo fazendo cara feia e errando algumas vezes a postura”, afirmou.

Na hora de malhar, os erros são muito frequentes, principalmente porque uma boa parcela dos alunos quer melhoras imediatas na forma física. O excesso de carga e de intensidade e a falta de postura são os problemas mais comuns. “Muitos querem pegar mais pesos ou fazer de qualquer forma só para mostrar que são fortes. Não é bem assim. Essa atitude pode acabar gerando problemas de saúde”, afirma o professor Ivo.

Na ansiedade de acelerar os resultados da musculação, os erros podem causar lesões nos músculos. Segundo um dos proprietários da academia, o educador físico Ivan Lopes, os exercícios devem ser bem orientados para não causar sequelas. “O movimento errado feito repetidamente pode causar problemas na coluna, como hérnia e alteração da curvatura normal das costas. No caso dos adolescentes, pode também prejudicar

o crescimento e comprometer futuras atividades desportivas”, explicou.

A questão, porém, é contornada com a presença constante dos instrutores – na academia que frequentamos são cinco durante o dia, quatro à tarde e cinco à noite – circulando nos ambientes onde são realizadas as atividades.

Muitos dos frequentadores sabem dos limites de seus corpos e que eles devem ser ultrapassados aos poucos para obter bons resultados e com segurança. “O pessoal pode ser narcisista, nunca mais sair da frente do espelho e teimar em pegar mais peso, mas sempre pede nossa orientação e nos chama para que verifiquemos se a postura está adequada. E é nosso trabalho sempre corrigir quando eles estiverem errados. Afinal, antes de tudo, somos professores”, defende Irineu.

O repórter que escreveu esse texto percebeu leves resultados. Mesmo sofrendo com os horários e com seu condicionamento físico, a disposição em permanecer praticando a musculação permanece. Não para continuar com a pesquisa, mas sim por pura vaidade.

Morro Santo Amaro é tomada pela Força Nacional

Os bastidores da ocupação da comunidade que foi considerada a maior crackolândia da Zona Sul do Rio de Janeiro

Pablo Jacob/O Globo



Além de aumentar o policiamento, estado terá 100 câmeras e cinco bases móveis de videomonitoramento para o combate ao uso e venda do crack

Raquel Tavares

O funcionamento da crackolândia do morro Santo Amaro, no Catete, não se restringia apenas ao perímetro da comunidade, que chegou a ser considerada o principal centro distribuidor de drogas da Zona Sul após o processo de implementação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas principais favelas do Rio de Janeiro. A venda e o consumo de drogas ocorriam — sem cerimônia — em todas as vias que levavam ao morro. Na Rua Pedro Américo, por exemplo, a existência da 9ª Delegacia Policial não era capaz de inibir a frequente ação de traficantes e meninos de rua que revendiam drogas pela região. Até que a comunidade recebeu a ocupação da Força Nacional, que instalou uma base permanente para o atendimento e encaminhamento

de dependentes de crack a entidades de acolhimento. Dois consultórios móveis foram disponibilizados para garantir a atuação de médicos, psicólogos e assistentes sociais em favor da comunidade do Santo Amaro. Trata-se de um investimento federal de R\$ 240 milhões no estado, que prevê, dentre outras iniciativas, a compra de 100 câmeras e cinco bases móveis de videomonitoramento.

Incursão

Para chegar até o morro Santo Amaro, existem algumas opções. Pode-se fazer o caminho pela escadaria ou pela ladeira da Rua Pedro Américo, subir pela Rua Santo Amaro, ou optar pela Rua Benjamin Constant, na Glória, onde é possível realizar o trajeto por meio de uma kombi. Foi assim que subi.

Chegando à parte mais alta do morro, tive medo. Já passavam das 10h da

noite. Como estava cada vez mais perto, preferi me concentrar e elaborei mentalmente as perguntas que faria aos soldados da Força Nacional, que ocuparam a favela uma semana antes. Ao todo, foram 150 homens enviados de todo o país para permanecerem no local por tempo indeterminado, até que seja implementado o programa “Crack, é possível vencer”. O projeto-piloto do governo federal tem o objetivo de promover a recuperação e reinserção de dependentes químicos da comunidade, que conta atualmente com 1.500 famílias.

A picape da Força Nacional, estacionada no ponto final da kombi, funcionava como uma espécie de bandeira de marcação de território dos soldados. Junto a ela, havia dois ‘consultórios móveis’ que, na prática, são dois grandes contêineres. Destacada em

vermelho, a mensagem impressa no metal lembrava que “é possível vencer o crack”. Os três soldados que lá encontrei estavam de costas para mim, sorrindo para um quarto oficial, que endureceu sua expressão quando me aproximei.

Perguntei sobre o projeto e sobre a previsão da implementação da UPP, entre outras dúvidas que me ocorreram na hora. O quarto soldado desconhecia maiores detalhes dos projetos sociais que seriam instalados no morro e disse apenas que estavam encarregados de garantir que a ordem se estabelecesse. Enquanto perguntava, tentei não olhar para as armas que eles carregavam. Perguntei se podia tirar uma foto. O soldado que parecia ser o líder consentiu, mas com a ressalva de que ‘os seus homens’ não aparecessem com as armas. Antes que eles começassem a

me interrogar, agradei a atenção e segui rumo ao interior da favela, cujo acesso não permite a entrada de carros.

Apesar de já ser tarde, ainda havia uma grande movimentação de pessoas nas pequenas biroskas e bares, que podiam ser vistos a cada 50 metros. Andando pelos becos, algumas portas abertas revelaram salas bem equipadas, com televisões modernas e muitas antenas de TV por assinatura. Em cada esquina, novos soldados apareciam, e mais uma vez, portando suas armas. Sempre em dupla e com um semblante sério, de expressão indecifrável. O comentário que mais se ouvia era o de que eles recebiam uma remuneração consideravelmente maior do que os policiais que antes faziam negócios com os traficantes instalados ali.

Em uma das biroskas, sentei para conversar

com alguns moradores do morro. A satisfação era unânime, mas junto a esse sentimento também havia uma desconfiança, a insegurança de que essa realidade de paz poderia mudar com o passar da Copa e das Olimpíadas. “Fazer uma maquiagem no Rio de Janeiro é muito fácil. Quero ver fazer isso durar. Quem vai me garantir?”, indagou Francisco Gomes, 66 anos, residente no morro há 25.

Inclusão

A ocupação do morro atraiu o comércio. No dia seguinte à incursão dos soldados, havia estandes de empresas como a Sky e a Embratel, oferecendo pacotes de canais de televisão por assinatura. A comunidade tem o desejo de ser bem-vista, mas não apenas pelo mercado. “Ainda falta muito para ficar bom. Os bandidos saíram, mas as marcas do tráfico ainda estão aqui”, contou a estudante de Ciências Contábeis Marcela Marques, 23, que sempre viveu na favela. Ela falou da dificuldade que os adolescentes têm em relação ao acesso à educação e atendimento médico de qualidade. A estudante conseguiu ingressar em uma universidade pública, mas a maioria dos jovens residentes na comunidade não tem a mesma sorte. Poucos chegam ao ensino superior e muitos não conseguem terminar o ensino médio. Foi o caso de sua irmã, por exemplo, que engravidou aos 17 anos e deixou de estudar para poder trabalhar. “Essa realidade está longe de ser incomum”, reforçou.

Para Marcela, engravidar não é o maior problema de um jovem na favela. Em comparação a um adolescente que se torna dependente químico, ou ainda, que vê no

tráfico sua única oportunidade de escalada social, o despreparo da irmã — e de outras adolescentes — torna-se apenas um reflexo do abismo social que há entre a favela e o asfalto. “Tem muita gente boa aqui. Acho que ocupar é preciso, mas investir no ensino básico e criar oportunidades para quem nunca teve atenção do governo é a questão mais prioritária agora”, conclui.

Existe uma iniciativa municipal, feita em parceria com o Instituto Pereira Passos (IPP), que organiza o planejamento e desenvolvimento local após a ocupação da comunidade: a UPP Social. Depois de implantada a Unidade de Polícia Pacificadora, a sua atuação no território é oficializada com a realização de um fórum que reúne lideranças comunitárias, representantes da UPP e órgãos de várias esferas do governo para que se consiga firmar um diálogo em que moradores e autoridades debatam soluções conjuntas para questões da comunidade pacificada.

“Um dos eixos de ação da UPP Social é a produção de conhecimento sobre os territórios, permitindo que esses locais, que por tanto tempo foram ignorados ou alvo de noções preconcebidas, sejam percebidos na sua diversidade e complexidade. Só assim poderemos produzir ações realmente transformadoras”, disse o presidente do IPP e coordenador da UPP Social, Ricardo Henriques.

A moradora Maria do Carmo Rodrigues, 52 anos, já começou a pensar na especulação imobiliária que a ocupação propiciará. “Estava pensando em vender minha casa esse ano, mas seria mau negócio. Daqui a dois meses já vai estar valendo o dobro. Lá, eu

tenho vista para o Pão de Açúcar”, declarou.

A casa de Dona Maria pode até não vir a valer o dobro daqui a dois meses, mas a disparada dos preços do aluguel na comunidade, bem como a cobrança de serviços

de água, Internet e TV por assinatura, que antes eram operados clandestinamente, encareceram consideravelmente o padrão de vida na favela.

Essa tendência é boa e ruim. Arrecadam-se mais impostos, criam-se novos

empregos. Mas cresce, também, o êxodo de moradores que não conseguem mais arcar com os custos do estilo de vida que foi criado com a chegada de ocupações como a da Força Nacional ou das UPPs.

Fotos: Raquel Tavares



“Projeto-piloto do governo federal prevê a recuperação e reinserção de usuários de droga



Arte urbana em grafite, realizada por moradores da comunidade, que querem pas

A religião da vida real

O que acontece no budismo Nitiren Daishonin, a filosofia do emocional, material, do aqui e do agora

Laís Frota

O catolicismo vem perdendo força no Brasil. O número de católicos no país diminuiu 6% em um período de seis anos. Esse declínio não significa, no entanto, que o povo brasileiro esteja menos espiritualizado. Ele está apenas mais diversificado. As religiões “alternativas”, como são chamadas pelos censos, vêm crescendo e tomando um espaço só seu. Hoje, concentram mais 2% de brasileiros adeptos que em 2000, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas.

Essa reorganização religiosa de nossa população pode parecer insignificante. Afinal, o que são 2% de uma população em comparação aos quase 69% de católicos? Mas o movimento de diversificação religiosa no Brasil é um processo em rápido crescimento. A “orientalização” está presente por toda parte, em especial nas metrópoles. Há muito tempo restaurantes japoneses, tailandeses e indianos viraram moda. Agora, é a vez das religiões.

Por não serem (ou não chegarem ao Brasil) tão rígidas ou exclusivistas, as religiões orientais tornam-se cada vez mais populares. Contando com um empurrãozinho determinante da auto-ajuda, que incentiva a espiritualização rápida e metódica utilizando preceitos dessas religiões, o orientalismo tem ganhado um espaço significativo. Quantos não são os livros em que se estampam um Dalai Lama sorridente na capa? Quantas não são as casas de massagem e terapias orientais espalhadas por aí? Ou as academias de ginástica que incluem a yoga em suas aulas?

No entanto, essas práticas são tão originais quanto o sushi que leva cream cheese e fritura e têm um determinante toque brasileiro. Como seria, então, conhecer a



O altar budista abriga o gohonzon - pergaminho que não pode ser revelado em fotos, e ainda os elementos fogo, terra, água e ar

expressão de uma realidade religiosa oriental no Brasil, tão pura quanto pode se manifestar em uma outra nação?

Revelador e instigante. Curioso, no mínimo. Falo do budismo **Nitiren Daishonin**, uma filosofia de vida com jeito de religião (ou seria ao contrário?). É praticada nas entranhas do Rio de Janeiro, por milhares de cariocas, com uma descrição realmente japonesa. Tanto que nunca tinha ouvido falar, até que uma amiga tornou-se adepta. Movimenta as mais diferentes pessoas, de crianças de 4 anos a enfermas seniores de 80, todas felizes de falar sobre sua fé.

As maneiras que esse budismo acontece debaixo de nossos narizes são variadas. Pense em uma sala de um apartamento em Copacabana: seis mulheres, que se embalam a um só som esquisito, nada familiar, cada uma visualizando seus desejos e objetivos. Ou um am-



biente muito maior, num prédio sem nome em Botafogo, em que quase uma centena de pessoas entoam o mesmo som, sem sentido para o visitante de primeira viagem. Ou um quarto com uma só menina em Ipanema. Mais algumas centenas de pes-

soas no Méier. Adultos em uma outra sala de casa de família, novamente em Ipanema. Todos recitando o mesmo mantra. Voltando um pouco a fita. O budismo é uma das religiões que mais crescem no ocidente. Tem numerosas ramificações

e espalha-se por todo o mundo. Somente no Rio de Janeiro, há mais de 30 sedes de exercício e isso porque muitas reuniões se dão nas casas dos membros. Ironicamente, há uma grande contradição relativa à natureza da prática: se uns a consideram religião, outros a rotulam como “filosofia de vida”. De vida, é importante frisar, já que o budismo é voltado para o que construímos hoje, neste mundo. Como explica o site Estado de Buda, “os verdadeiros ensinamentos do budismo não são escapistas nem relativos ao além-túmulo”.

A realidade do aqui e agora é essencial para os budistas seguidores de Nitiren Daishonin, que representam um número expressivo de cariocas. As reuniões de ensino e prática Nitiren Daishonin no Brasil são realizadas e propagadas por meio de uma Organização Não Governamental chamada Brasil Soka Gakkai In-

ternacional. Organização mundial com sucursal no Brasil, por isso o nome do país no começo. É uma ONG por motivos ideológicos e, digamos, políticos. Não deseja afiliar-se ao Estado e receber isenção de impostos. Paga suas taxas com contribuições de membros e muito trabalho em equipe, que é computadorizado e disponibilizado em extrato on line para membros. Os prédios da organização são construídos por ela mesma ou doados por membros, e então efetivamente considerados da organização depois de dez anos, período em que o doador deve mostrar-se financeiramente estável e apto a realizar essa doação sem danos para si mesmo, evitando problemas tanto para a organização quanto para os membros.

Nas reuniões nas sedes ou nas casas dos membros, foram incontáveis as vezes em que ouvi explicar que a vida era “daqui para a frente”. O passado ficara para trás e cabia a nós transformar o futuro a partir do momento presente. São muitos os aspectos a serem frisados neste ensinamento. Primeiramente, deve-se explicar que em poucas ocasiões ouvia-se o tom imperativo, frequentemente utilizado por religiões mais tradicionais.

As exceções eram poucas. A primeira era que os ali presentes praticassem o Daimoku, entoando o Nam Myoho Rengue Kyo, sempre que pudessem. Difícil ler e pronunciar, mas tudo bem, porque desta vez realmente estamos falando japonês (e ele ainda vem misturado com sânscrito). Tudo bem, também, porque a explicação é descomplicada e clara, assim como quase tudo no budismo: o Nam Myoho Rengue Kyo é o mantra sagrado entoado pelos praticantes do budismo Nitiren Daishonin. Em uma tradução mais simples, ele significa a devoção incondicional à lei de causa e efeito, lei principal do budismo que explica que o presente é efeito da conjunção de causas passadas. Da mesma

maneira, o futuro será efeito das causas (ou fatores, situações e escolhas) presentes. Assim sendo, podemos transformá-lo com o objetivo de encontrar a felicidade. E aí está a segunda exceção, a maior regra do budismo Nitiren Daishonin. Regra implacável, impositiva, forçosa, condição única e invariável para ser budista: a felicidade. É para isso que se entoa o Nam Myoho Rengue Kyo, diariamente, em frente ao gohonzon – o pergaminho sagrado que cada budista possui em casa, depois de comprometer-se com a religião. É para isso que se frequenta as reuniões e que se batalha para transformar a vida, para encontrar a felicidade. Os budistas acreditam piamente que a felicidade existe, assim como acreditam que a encontrarão. A diferença desta para a grande maioria das outras religiões é que a felicidade não é um presente divino, mas algo construído por meio da persistência de cada um e alcançada, insistentemente, pela entoação do Nam Myoho Rengue Kyo. Para o budismo de Nitiren Daishonin, o mantra não concede dádivas, mas revela o caminho a ser trilhado.



que deseja? Sem problemas. A filosofia de Nitiren Daishonin diferencia três tesouros: há os tesouros do cofre, relativos a bens materiais, os tesouros do corpo e os tesouros do coração. Os últimos são, sim, considerados os mais importantes. Mas isso não quer dizer que os outros não existam ou devam ser ignorados.

Explicados tais preceitos, podemos voltar às reuniões, que são o complemento essencial à entoação do mantra e à prática individual. São esclarecedoras e têm clima informal. Não há uma hierarquia rígida ou evidente.

O esclarecimento dos preceitos da filosofia para aqueles que as frequentam é considerado crucial. Primeiramente, porque acredita-se que uma informação mal passada pode ser deturpada e maléfica para a religião.

Os praticantes budistas não desejam que seus ensinamentos sejam transformados em algo ruim ou mentiroso. Por isso, também, a informação sobre o budismo Nitiren Daishonin é encontrada com dificuldade na internet. Você deve saber onde procurar e como. Dados

institucionais sobre a organização só estão disponíveis na internet para membros já iniciados, em uma extranet do site oficial da organização no Brasil. Os grupos de discussão em redes sociais são fechados e neles só entra quem possui senha. O acesso ao site revela desde questões administrativas, como reservas de salas, busca de membros e aluguel de gohonzon (os oratórios) a textos e impressos explicativos. Nada polêmico. A restrição é puro cuidado.

Poder parecer contraditório que uma religião que preza pelo esclarecimento e pela iluminação pareça tão fechada. Mas esse aspecto se resume à publicação informal de dados. Nas sedes e reuniões, todos são bem recebidos e as perguntas são respondidas com empolgação. O budismo é, afinal, uma religião missionária, que procura agregar membros sempre que possível. No de Nitiren Daishonin essa agregação é especialmente valorizada. Um novo membro é o “chakubuku” de alguém. Isso significa que foi apresentado à filosofia por um membro mais antigo. Um chakubuku é sempre motivo de orgulho e honra.

Outro símbolo da valorização do conhecimento é a lista de livros indicados por Ikeda Sensei, atual líder do budismo Nitiren Daishonin e responsável por sua popularização pelo mundo. Nessa lista, encontra-se de Leon Tolstói a J.D.Salinger, passando por Gustave Flaubert e até Jorge Amado.

Há várias divisões dentro do budismo de Nitiren Daishonin exercido pela Organização Soka Gakkai Internacional, como a Divisão Feminina de Jovens e a Divisão de Universitárias. Cada uma dessas apresenta referências culturais para membros, discussões, relatos e blogs. Há também, por vezes, “murais da vitória”, em que os membros contam sua história bem sucedida. Apesar de sua descrição, vale a pena conhecer o budismo de Nitiren Daishonin.



Líder da organização é Daisaku Ikeda, conhecido como o Sensei. O personagem-chave do budismo Nitiren Daishonin foi o grande responsável pela sua popularização em todo o mundo e é, inclusive, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Já recebeu também a maior honraria da ABL, a medalha Machado de Assis e o título de Doutor Honoris Causa, concedido a personalidades eminentes pela UFRJ.

Eu sou o povo

Ícone do jornalismo investigativo no Brasil, Tim Lopes foi morto durante uma infiltração



Tim, o terceiro da esquerda para direita, entre os colegas na redação do Jornal do Brasil. Em momento de descontração da equipe durante um plantão

Lorena Ferraz

Com a matéria “Inferno no Metrô”, publicada em 1978 no jornal popular Repórter – o equivalente ao atual Meia Hora –, Tim Lopes lançava mão pela primeira vez do método que seria a marca de suas reportagens: a infiltração. No canteiro de obras do metrô do Rio de Janeiro, Tim se passou por peão e revelou as precárias condições de trabalho daquele local.

Para garantir a qualidade da apuração e denunciar a realidade dos setores marginalizados pela sociedade, Tim radicalizou o conceito de que “lugar de repórter é na rua”, infiltrando-se em várias situações e lugares. Com isso, se tornou uma das principais referências

do jornalismo investigativo no Brasil até morrer em junho de 2002, aos 51 anos, barbaramente assassinado durante uma investigação sobre exploração sexual de crianças na favela Vila Cruzeiro, no Complexo do Alemão.

Colega de trabalho de Tim no extinto Caderno Cidade do “Jornal do Brasil”, a jornalista Celia Abend confirma a vocação do amigo para a investigação. “Tim Lopes inovou completamente na forma de apurar suas matérias, infiltrando-se entre as pessoas, criando verdadeiros personagens para ter acesso à realidade crua, sem filtros e sem qualquer risco de manipulação por quem quer que fosse.”

Foram muitos os personagens encarnados por Tim ao longo de sua carrei-

ra. Além de ter se passado por peão nas obras do metrô do Rio de Janeiro, ele viveu entre a população de rua do Largo do São Francisco, ficou internado em uma clínica de recuperação para drogados e foi até Papai Noel em uma matéria transmitida pelo “Jornal Nacional”, da TV Globo.

O jornalista Alexandre Medeiros, com quem Tim começou a escrever o livro “Eu sou o samba” antes de seu brutal assassinato, lembra uma das reportagens do amigo. “No jornal O Dia, ele se passou por um sem-teto para denunciar a venda ilegal de lotes na Zona Oeste. Ficou lá um tempão, morando com os caras em barracas. Escreveu a história e o jornal publicou. No dia seguinte, a polícia foi lá e acabou com a farra.”

Com a série “Feira das Drogas”, exibida no Jornal Nacional, Tim conquistou um Prêmio Esso de Telejornalismo. Apesar do sucesso das reportagens feitas para a televisão, ele ganhou notoriedade com as matérias publicadas no impresso.

“A importância dele para o jornalismo investigativo está no que ele fez em jornal, não na TV. O que se faz hoje com câmera escondida – e eu não chamo isso de ‘desenvolvimento do jornalismo investigativo’ –, qualquer um faz. Não precisa ter um repórter por trás da câmera, basta ter um operador. Quando o ‘desenvolvimento’ chegar ao ponto de termos uma câmera remota, aí nem operador precisará ter”, critica Alexandre.

“Foi o Tim que descobriu que o grande Aniceto do Império, um baluarte do samba brasileiro, estava morrendo à míngua.”

Alexandre Medeiros, jornalista

A questão social

O forte senso de justiça, uma característica marcante da personalidade de Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, refletia nos temas de suas reportagens. É bom lembrar que Tim era o apelido, uma alusão a sua semelhança com o cantor Tim Maia. É provável que a indignação de Tim com a injustiça social fosse fruto de sua origem simples. Embora tenha nascido no Rio Grande do Sul, ele foi criado no morro da Mangueira, no Rio de Janeiro.

Alexandre, que foi chefe de Tim em O Dia, lembra que importantes matérias dele surgiram da sua revolta com as injustiças. “Foi o Tim que descobriu que o grande Aniceto do Império, um baluarte do samba brasileiro, estava morrendo à míngua. Foi lá, contou a história e o JB deu em uma página. Com a iniciativa dele, o Aniceto ao menos teve um fim de vida digno.”

Companheiro de redação de Tim na época do JB, Aydano André Motta confirma a preferência do repórter pelas notícias de cunho social. “Ele fazia pouco a investigação no sentido governamental, investigava pouco a obra superfaturada. Ele acreditava muito mais nas matérias que afetavam diretamente as pessoas”, afirma. “Tim Lopes optou por ser um repórter que denunciava a condição do sofrido povo brasileiro”, comenta Celia.

As ruas

O hábito de estar sempre próximo das fontes e freqüentando diferentes locais da cidade rendeu pautas exclusivas ao jornalista, que entrou para a imprensa como office-boy da revista Domingo Ilustrada, de Samuel Wainer. Mulato, bonachão, tinha um biotipo de homem do povo, fácil de se misturar.

Durante suas incursões nas favelas cariocas, Tim fez muitas descobertas. “Um dia ele chegou na redação do JB e comentou que um outro repórter parecia um ‘mauricinho’. Ninguém nunca tinha ouvido aquilo. Aí eu falei:

‘Tim, o que é isso?’. Ele explicou: ‘Mauricinho é como os garotos da Cruzada chamam os meninos do Leblon’. Aí ele fez uma matéria e o JB foi o primeiro a falar sobre essa gíria que existe até o hoje”, conta Aydano.

Tim não hesitava em ir para a rua e, por isso, sempre tinha histórias interessantes para contar. “Ele vivia nos lugares mais improváveis, fazia os programas mais inacreditáveis e de lá trazia pautas superinteressantes”, conclui Aydano.

Além das gírias, Tim também estava por dentro dos hábitos alimentares dos morros cariocas. “Ele sabia tudo o que tinha de bom nas comunidades, muito antes das UPPs. Pouco antes da tragédia da sua morte, ele escreveu o roteiro de comida de favelas para o Guia Rio Botequim, editado pela prefeitura”, ressalta Celia.

Apesar de tratar de assuntos sérios, Tim Lopes era conhecido pelo seu alto astral. É com carinho que Celia descreve os piqueniques feitos na

companhia de Tim e de outros colegas da redação do JB durante os plantões nos finais de semana, no número 500 da Avenida Brasil. “Eram momentos de confraternização muito especiais e o Tim era sempre um dos mais animados”, lembra.

“Era um cara muito simples, gostava de balcão de bar, de praia e de roda de samba”, diz Alexandre.

Aydano conta que todos os dias de trabalho de Tim pareciam o primeiro e que sua paixão pelo jornalismo era inegável. “Eu

não tenho uma lembrança dele triste. Tenho lembranças dele indignado. Acho que a indignação é uma característica absolutamente inerente ao jornalista. O jornalista que não se indigna está morto.”

A generosidade era outra marca da personalidade de Tim, como lembra Aydano. “Ele não tinha preconceito com nada. O que é uma coisa muito rara nos jornalistas, a gente é muito etnocêntrico. Tim Lopes não era assim.”

Memória documental



Em 2 de junho de 2002 foi anunciada a morte de Tim Lopes. O jornalista Bruno Quintella, filho de Tim, está produzindo um documentário sobre a vida do pai. Mais que uma homenagem a Tim, “Histórias de Arcanjo – um documentário sobre Tim Lopes” é um importante relato sobre a carreira e a vida de um dos principais repórteres investigativos do Brasil.

Leia trechos da carta em que a TV Globo confirmou o assassinato de Tim Lopes. O texto tem autoria do Diretor da Central Globo de Jornalismo, Carlos Henrique Schroder, e foi divulgado em 09 de junho de 2002.

“É com um profundo sentimento de pesar e, ao mesmo tempo, de revolta e indignação que a TV Globo comunica: a polícia confirmou hoje oficialmente que o repórter Tim Lopes, um de seus jornalistas mais premiados, foi de fato brutalmente assassinado durante a

realização de uma reportagem sobre bailes funks nos subúrbios do Rio de Janeiro, domingo, dia 2.

O brutal assassinato de Tim Lopes deixa consternados todos nós, seus companheiros de trabalho, e todos os jornalistas brasileiros e cidadãos de bem desse país.

O jornalismo investigativo tem prestado um inestimável serviço ao país, com a denúncia contundente de crimes, corrupção, prevaricação de autoridades e serviços mal prestados aos cidadãos. Seja usando as técnicas usuais da apuração jornalística ou se valendo de aparatos eletrônicos, como uma microcâmera de vídeo, no caso da Globo, ou microcâmeras fotográficas ou microgravadores, no caso de jornais, revistas e emissoras de rádio, grande parte da imprensa brasileira tem se dedicado a esse trabalho.”

Um marco no jornalismo investigativo

Antes da morte de Tim Lopes, os repórteres investigativos não tinham um órgão representativo. Foi o profundo sentimento de indignação pelo assassinato de Tim que uniu a categoria e possibilitou a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI).

As condições da morte de Tim Lopes, que foi “julgado”, torturado e assassinado a mando do traficante Elias Maluco, quando investigava denúncias de exploração sexual de crianças em um baile funk na favela da Vila Cruzeiro, levaram à criação do Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo. A iniciativa premia matérias que denunciavam todos os tipos de abusos cometidos contra menores.

“Sua morte trouxe luz ao debate sobre o papel da imprensa no Brasil e o jornalismo investigativo ganhou força”, reconhece Celia. Já Alexandre ressalta o pioneirismo de Tim na área. “Ele fazia reportagem investigativa quando ela ainda não tinha esse nome, não tinha a Abraji e nem essa badalação de agora. Fazia isso com o intuito de repórter que vai fundo para apurar a matéria”, explica.

Quatro histórias de amor

Vasco, Botafogo, Flamengo e Fluminense são o centro de uma história de amor e idolatria



Louise Rodrigues

Paixão, amor, gritos, gemidos, orgasmo. Essa é a sequência perfeita para descrever os momentos que antecedem um gol. O brasileiro ama futebol, não mais por uma questão de qualidade, nem por uma questão de tradição. O amor que une o povo à bola é quase erótico de tão quente. Fabrício da Silva Mascouto, Wesley Santos Costare, Eduardo Monvisin e Victor Abraão nunca se viram, mas há um elo entre esses quatro: a paixão pelo futebol.

O Vasco de Fabrício, o Flamengo de Wesley, o Fluminense de Eduardo e o Botafogo de Victor são os principais times do Rio de Janeiro. A rivalidade entre os quatro grandes clubes é histórica e, a cada clássico, milhares de torcedores fanáticos lotam as arquibancadas e cadeiras do estádio, embalados pelo hino oficial do clube ou pelas músicas da torcida.

As chamadas ‘torcidas

organizadas’ fazem parte do cotidiano dos clubes. Os associados têm lugar certo em qualquer jogo e são os responsáveis pelas músicas e pela bateria que levanta a torcida.

Flamengo x Vasco

No clássico de maior rivalidade do futebol carioca, Flamengo x Vasco, duas figuras se destacam na torcida que lota o Engenhão, estádio do Botafogo. Fabrício e Wesley: a Força Jovem do Vasco contra a Urubuzada. Fabrício tem 18 anos. Vascaíno desde pequeno, o pacato garoto de Nova Friburgo se transforma em um monstro quando entra no estádio para ver seu time jogar. Wesley tem 22 anos. O flamenguista de voz calma e comportamento tranquilo vira um titã quando o juiz apita o início da partida.

Antes do jogo, Fabrício começa seu ritual. Usando a roupa que vestia quando o Vasco ganhou o título da Copa do Brasil em 2011, a camisa retrô; uma bermuda preta, meia do Vasco; um tênis branco

e um boné preto, ele reza dois pai-nossos e uma ave-maria em um terço personalizado com o escudo do Vasco.

“Saí da Força Jovem há dois meses por causa da violência, mas continuei acompanhando os jogos. Sinto saudade, mas sei que fiz o melhor”, conta, quando a bandeira da torcida passa pelas filas de entrada.

“Sou aficcionado pelo Vasco. Sempre que posso venho ao estádio porque é mágica a sensação de estar perto de seus ídolos, de pessoas que você admira. Assistir a uma partida de futebol do Vasco com São Januário lotado é uma das experiências mais incríveis que já passei”, conta. Fabrício explica sua paixão por assistir de perto os jogos do time da Cruz de Malta: “Estar perto do anel quando a torcida começa a cantar e ver aqueles milhares de braços levantados apoiando sua maior paixão é lindo demais. E a emoção de comemorar um gol? Inexplicável, é uma euforia total, pesso-

as que você nunca viu na vida te abraçando e comemorando uma felicidade em comum”. À medida que o jogo se aproxima, Fabrício vai ficando mais emocionado. Na porta do estádio ele grita: “Ser Vasco é uma das maiores felicidades e orgulhos que carrego comigo, seja de alma ou fisicamente com a camisa mais bonita de todas”.

“Ser Vasco é uma das maiores felicidades e orgulhos que carrego comigo, seja de alma ou fisicamente com a camisa mais bonita de todas”

Dentro do estádio está Wesley e seu uniforme completo do Flamengo. “Escolhi a melhor das 50 camisas que eu tenho e vim ver o Flamengo ser campeão”, ele conta já aos berros, animado pela bateria da Urubuzada.

“As pessoas falam que a gente é violento ou que só tem briga e pancadaria. Meu amigo, eu te convi- do a vir um dia assistir ao vivo o Flamengo dar seu show”, ele provoca quando um torcedor do Vasco passa perto da concentração da Urubuzada.

A poucos minutos do começo do jogo, Wesley está tomado por muita emoção. Ele diz: “No estádio você sente a energia do jogo, eu sou capaz de sentir que um gol está prestes a sair só pela respiração das pessoas ao meu lado, e é muito bom comemorar esses gols abraçando os amigos e muitas vezes até mesmo pessoas desconhecidas que estão ao seu lado. A Urubuzada é assim: só amor, só companheirismo”

Fabrício, Wesley e as poucas unhas que ficaram inteiras, mostram que torcedor também é técnico e, nesse posto, o amor fica de lado e vira razão para fazer uma análise fria do time. “O técnico do Vasco, além de ser muito covarde, também é um pouco burro.”, analisa Fabrício.

Já Wesley tenta ser mais sucinto: “O Fla ainda não está jogando bem, mas conta com um elenco forte e que, se conseguir entrosar e estiver em boas condições físicas e médicas, pode disputar todos os títulos da temporada. Estou satisfeito”.

O amor do flamenguista não consegue ficar calado por muito tempo e ele emenda: Odeio e amo todos os jogadores, mas com o Fla é só amor, paixão, carinho... quase minha namorada”.

Botafogo x Fluminense

Duda é um fanático tricolor de 24 anos. Vestindo uma camisa do Fluminense, ele se concentra horas antes do estádio abrir para receber a torcida. Ele segura a bandeira da Fiel Tricolor com o amor de uma mãe segurando o filho recém-nascido. “Comecei na Young-Flu em 2003, era moleque, então queria ir aonde estava o problema. Parei de participar da Young em 2008 por já ser mais inteligente e saber



que aquilo lá não era lugar para mim, tenho muito amor à minha vida e não quero morrer de boeira. De 2008 até o final de 2011 fiquei indo a jogos apenas como um torcedor normal, no início de 2012 entrei para a Fiel Tricolor, uma torcida com os ideais totalmente diferentes das outras organizadas, uma outra etapa que já está sendo muito boa pra mim”, ele conta.

Duda diz que tem mais de 30 camisas do Fluminense e que dedica tempo, amor e dinheiro ao clube, principalmente nos dia de jogo. “Todos em casa, é obrigação de torcedor comparecer. Ou seja, tá no Rio, tem que ir, sem desculpa. Fora de

“O momento do gol é o mais belo do espetáculo, quando você abraça ou é abraçado por sei lá quem, todo mundo naquele êxtase. É muito bom!”

casa também costume ir bastante, conheço esse Brasil quase todo graças ao Fluminense”, afirma.

Quando a Fiel Tricolor começa a se preparar para entrar no estádio, consideravelmente longe do lugar cativo da Young Flu, Duda ainda diz, emocionado: “Cada jogo é um momento único. É provado por estudos que ir ao estádio torcer e gritar, faz bem para as pessoas e diminui em sei lá quantas vezes as chances de infarto. O momento do gol é o mais belo do espetáculo, interage com todo mundo naquele êxtase. É muito bom! Bom demais!”

Do lado de dentro do estádio, sentando e

levantando repetidas vezes, está Victor. Segurando o tarol que compõe o conjunto da bateria da Fúria Jovem, ele parece totalmente tomado pela emoção nos segundos que antecedem o jogo. “Eu vivo o Botafogo. Essa aqui é a minha casa, a minha vida. Eu amo a Fúria”, diz. “Depois que o time entra em campo, eu me fecho e fico assim até o final do jogo. Só me concentro no Botafogo. Então eu toco, canto, grito, mas tudo sobre e para o Fogão. Sou da Fúria desde moleque. Entrei com 10 anos e 15 já se passaram. Isso é amor: um sentimento que não diminui, só cresce”, conta Victor com os olhos marejados.

Paixão de Tocerdor

“Desde que me entendo por gente sou Vasco. Recordações, fotos e vídeos de bebê... até hoje. Não importa o que se tenha que fazer, assistir a um jogo do Vasco é muito mais importante. Visto a camisa do time quase que diariamente, sem me importar aonde vou e com quem vou. O prazer de poder usar o manto é indescritível e motivo para muito orgulho. Muitos falam de times europeus, que são isso e aquilo, para mim nada disso importa, o que importa é o Vasco. Estudei em salas que eram tomadas de flamenguistas e presenciei uma década de total decadência formada pela má administração do clube e fatores extra campo, mas nada disso fez o amor pelo time diminuir. Para boa parte das pessoas, quando o time ganha ou perde, não muda muita coisa, mas para quem vive futebol, para quem é apaixonado, um passe errado pode levar à loucura e te deixar triste ou indignado pelo resto da semana. Se pode contestar, xingar, chorar, mas nunca deixar de apoiar e amar.”

(Fabrício da Silva Mascouto - 18 anos - Vascaíno)

“Ser flamenguista é o maior orgulho que alguém pode ter. Sou flamenguista e me sinto feliz, completo. O meu time é o melhor do mundo, tem a maior torcida do mundo! Eu vivo pelo Flamengo, mesmo com os erros frequentes. Não ligo para quem diz que é time de bandido. Não quero nem saber. Eu quero é ver o meu Mengão vencer e, essa alegria, graças a Deus, eu tenho muitas e muitas vezes. Está no

sangue, na alma e no peito. Sou Flamengo até morrer e vou continuar sendo depois de morto.

(Wesley Santos Costare - 22 anos - Flamenguista)

“Futebol é tudo. Fluminense é religião, é prioridade. Já perdi mulher, eventos de família e muita coisa por, simplesmente, preferir ir a algum jogo. Eu amo minha torcida, minha camisa, minha bandeira, os momentos únicos de viajar ao lado de pessoas iguais a mim por dez, 15, 20 horas de ônibus ou duas, três, quatro horas de avião fazendo festas únicas por onde passamos. Enfim, eu amo tudo que envolva o Fluminense. Nada me irrita, nem mesmo a perda de um título. Posso ficar triste, mas irritado nunca. Atualmente o Fluminense está dando certo com o bom e velho esquema tático 4-4-2. Meu time só me dá alegria, é a minha paixão. Eu amo o Fluminense, eu amo demais.”

(Eduardo Movisin - 24 anos - Tricolor)

“Eu não sou feliz por abrir os olhos todo dia, por ter o que comer, ter o que vestir, ter amigos, ter família. Não é nada disso que me faz feliz. Eu sou feliz porque vivo em um mundo onde existe o Botafogo. Se o meu Fogão não existisse, eu inventava. Não existe nenhum outro clube que me faça feliz. Eu abro mão de tudo, mas não abro mão do meu Fogão. É como diz o hino: ‘na estrada dos louros, um facho de luz, tua estrela solitária me conduz!’”

(Victor Abraão - 25 anos - Botafoguense)

Meu Carnaval já começou

Repórter lembra primeiro ano no Sargento Pimenta e a dificuldade de botar o bloco na rua

Luiza Miguez

Não há experiência que pudesse me preparar para o trabalho no Carnaval do Rio de Janeiro. Há mais de um ano trabalhando no Bloco do Sargento Pimenta, aprendi que não basta botar o bloco na rua. Por trás de cada fanfarra, trio elétrico e agremiação existe uma teia de criadores, patrocinadores, músicos, realizadores, verdadeiros apaixonados pela semana momesca. E há também os problemas, um monte deles.

Tudo começou lá pelos 10 anos de idade, quando já entendia a música que meus pais colocavam para tocar durante os finais de semana; quase sempre Beatles. Sem que me desse conta, o quarteto inglês fazia, cada ano mais, parte de minha vida, fosse na cantoria de chuveiro, ou na espera do ônibus. É natural, portanto, que ao ver o primeiro desfile do bloco, em 7 de fevereiro de 2011, nas ruas de Botafogo, meu coração beatlemaniaco parasse, desse duas voltas e meia e só se aquietasse quando eu estivesse finalmente com as baquetas em mãos. Levou ainda alguns meses, mas em agosto do mesmo ano eu já era um dos responsáveis pela levada da caixa (tipo de tambor, característico das marchas militares) e produtora de conteúdo nas redes sociais do grupo, uma jornalista no Sargento Pimenta.

O Bloco nasceu no início de 2010, em meio a um descontraído encontro de amigos. O encontro levou a deliciosos drinques, os drinques para a programação do Carnaval que já chegara e o Carnaval para uma ideia ambiciosa. “Por que não fazermos o nosso próprio bloco?” O grupo era formado por médicos,



O Sargento Pimenta reúne mais de 100 mil foliões que curtem ouvir Beatles em ritmos brasileiros

engenheiros, advogados e outros profissionais, mais longe impossível do corpo musical acostumado a levar o ziriguidum para as ruas da cidade. O primeiro impasse era definir a temática do bloco, músicas judaicas, outras bandas de rock, mas os Beatles foram unanimidade. Para preparar o arranjo e a bateria, quatro diretores musicais foram chamados e divididos em responsáveis pela banda e pelos percussionistas.

“Viramos foliões profissionais. A prefeitura não dá nada, além de conceder o local do desfile. Se você quer fazer algo acima de uma bagunça, precisa de carro de som, músicos ensaiando, água, segurança, equipamentos, isso só para começar”, explica Gustavo Gitelman, fundador e um dos produtores do Bloco. Médico formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, GG, como é chamado pelos Pimentas, divide-se entre plantões de 48h em hospitais e baquetas quebradas, peles de surdos faltando, preço de paetês e

a oficina de percussão com 120 alunos que coordena. “São muitos problemas, mas o grande diferencial foi que eu sempre acreditei muito no projeto. Se existe uma coisa que vale a pena no mundo, é criar um bloco de Carnaval.”

O entusiasmo e a energia do fundador refletem no envolvimento dos ritmistas. Bastaram poucos ensaios para que eu percebesse uma união e alegria pura que se formava entre o grupo. Quarta-feira tornou-se o dia favorito da semana e até quem enchia os ouvidos de algodão para abafar o som alto nos ensaios não podia negar que bom mesmo era fazer muito barulho. Quando chegava em casa, minha preparação para o Carnaval ainda não tinha terminado. Era hora de fazer pesquisas de ima-

gem, escrever nas redes e responder inúmeras mensagens e comentários. Vivia Sargento Pimenta *full time*.

“Se existe uma coisa que vale a pena no mundo, é criar um bloco de Carnaval”

Gustavo Gitelman,
fundador

Pimentas que vivem para lá e para cá, sempre com pouco tempo e muito para fazer. Diretor musical do bloco, é responsável por dar arranjos com ares tropicais ao quarteto inglês e pelas aulas das oficinas de percussão. Busca inspiração na obra de Lenine, nos ritmistas de Pernambuco, nos Novos Baianos, Caetano e Gilberto Gil para combinar o rock e suas guitarras com xote, maracatu, baião e mais. Tem critérios próprios quando vai compor para o bloco.

“Escolho músicas conhecidas pelo público, a gente quer agradar. Também seleciono as que gosto, ou as que acho que funcionam melhor. Agora, tem música que eu adoro, só que não consigo ter nenhuma ideia”, conta. Acontece até com os mais criativos e entendidos em Beatles.

Quem assiste aos shows do bloco fica intrigado com os passos insistentes da bateria, dois para frente, dois para trás. Não se trata de hiperatividade coletiva. O processo de musicalização escolhido para nos ensinar percussão em seis meses, partindo do zero, foi o método d’O Passo, criado pelo professor de música Lucas Ciavatta, em 1996.

O trabalho impressiona; somos orientados a utilizar o corpo como partitura musical, ligando batuque com posicionamento dos pés. A levada de funk, por exemplo, é simples, toca-se mais forte nas segunda e quarta pisadas. Outras são mais complexas, como a frenética quadrilha que mesmo hoje, após vários calos e

tentativas, não sei dizer se realmente aprendi.

Luana Duarte, 27 anos, faz parte dessa bateria andante, que toca *All my loving* contando na cabeça a posição do próprio pé. É formada em publicidade, mas admite que dividindo o naipe das caixas com os Pimentas encontra sua verdadeira realização.

“Sempre fui apaixonada por Beatles e percussão, o Sargento para mim foi unir o útil ao agradável.” Assim como eu, Luana também entrou no bloco antes mesmo de preencher a ficha de inscrição. No Carnaval de 2011, era uma das 60 mil pessoas em Botafogo se espremendo para cantar *Yellow Submarine* em ritmo de ciranda. “Fiquei muito frustrada de não ter conseguido chegar perto dos músicos. Resolvi que faria o que pudesse para tocar com eles e funcionou!”, conta rindo.

O bloco está repleto de histórias do mesmo tipo. De senhores mais velhos a jovens colegiais, pais e filhos, casais. Moças pequenas carregando surdos enormes e até um rapaz na feminina pandeírola. Acumulamos estatísticas importantes: dois noivados, uma dúzia de namoros, três rompimentos e um bebê. “O mais difícil é conciliar o trabalho do dia a dia ao estudo que o Bloco requer, fica cansativo. Mas vale muito a pena ao vermos a resposta positiva do público, cada vez que a gente se apresenta é maravilhoso”, diz Luana, que antes de entrar para o Sargento Pimenta “nem frequentava tanto assim o Carnaval”.

Treze era o número dos fundadores do bloco, o número da sorte no Carnaval carioca. Quando surgiu a música dos Beatles em ritmos brasileiros era só do que se falava nas redes sociais, e festas lotadas nas principais casas do Rio davam o tom do enorme público que se podia esperar na segunda-feira de Carnaval. Corríamos para afinar a bateria, “ganhar

braço”, na linguagem musical, e ensaiar todos os arranjos. Ensaios apenas nas quartas-feiras já não bastavam, o grupo agora entrava em período crítico, com ensaios de até 5h, inclusive aos domingos.

Nas redes, como dedicada jornalista, cui-

val 2012, mas foi batendo de porta em porta que descobri que o envolvimento das empresas em produções culturais, além de ser instável, não chega nem perto de ser prioridade. Ouvimos sim, não e talvez, mas no dia do desfile não tínhamos, essencial-

e coroa na cabeça. Eu era Lady Madonna. Antes de ir, uma espiada na página de Facebook do bloco, que não deixava dúvidas: o público seria enorme. Por volta de meio-dia, já havíamos lotado o Aterro e a pressão para começarmos era eviden-



Em pouco tempo, eu já tocava na bateria do bloco e cuidava das redes sociais



Ao som de All my loving, casamos um de tantos casais beatlemaniacos

dava para fazer o maior burburinho possível, lançando promoções, inventando vídeos, coreografias, criando manuais para os foliões e o que mais viesse à cabeça. O trabalho incluía buscar patrocínio para o Carna-

mente, ninguém ajudando. Era bloco pelo Bloco. O dia 20 de fevereiro de 2012 começou com muita ansiedade e, na porta de casa, minha mãe fotografava uma garota de peruca loira, com microfone falso, botas vermelhas

te. Bateria posicionada, público aguardando, apito dos diretores musicais, vamos. Calma, problemas com o carro de som alugado. Certo, agora vamos.

Estudante de Comunicação, nerd inveterada e a sem jeito desde o ma-

tornal, eu, Luiza Miguez, tocava para uma multidão de 100 mil foliões. A emoção, como afirmam GG, Luana e também os outros 119 Pimentas, é quase transcendental. Nada importa, trabalho, estresse, cansaço, aqueles calos; Carnaval, percussão e Beatles com uma ajudinha dos novos amigos é tudo que você precisa.

No fim das contas, tivemos muita dificuldade com o áudio do desfile. A empresa que cuidava do som cometeu falhas incontornáveis e muitos no público não conseguiram escutar nosso batuque emocionado. A jornalista dedicada voltou aquela noite para casa e teve que ler, cuidadosamente, cada folião revoltado.

“Acho muito caro alguém ter saído de casa para um evento que organizei e essa pessoa ter uma experiência ruim, quero que essa pessoa tenha a melhor sensação do mundo”, diz GG. As dificuldades do desfile do bloco evidenciam, na opinião do fundador, o despreparo da cidade em organizar o Carnaval. “O Réveillon, que dura apenas um dia, gera mobilização muito maior da Prefeitura. O Carnaval envolve bem mais gente e é subestimado em termos de estrutura”, afirma.

Quarta-feira ainda é dia de Beatles e música brasileira para mim. Foi no 7 de maio de 2012, dois meses após o Carnaval, que o bloco retomou seus ensaios. Quarenta novos integrantes entraram e neles eu pude me ver. A gente chega lá no fim da noite, cabeça cansada de um longo dia de faculdade e trabalho. O surdo dá para escutar de longe, tem sempre alguém afinando o instrumento até o último minuto antes de batucarmos. A bateria se ajusta e podemos sentir a mão na baqueta, ansiosa para tocar. Os diretores musicais se alinham e o apito toca; nosso Carnaval já começou.

O homem invisível

O jornalista do Fantástico que não pode mostrar seu rosto

Maria Clara Modesto

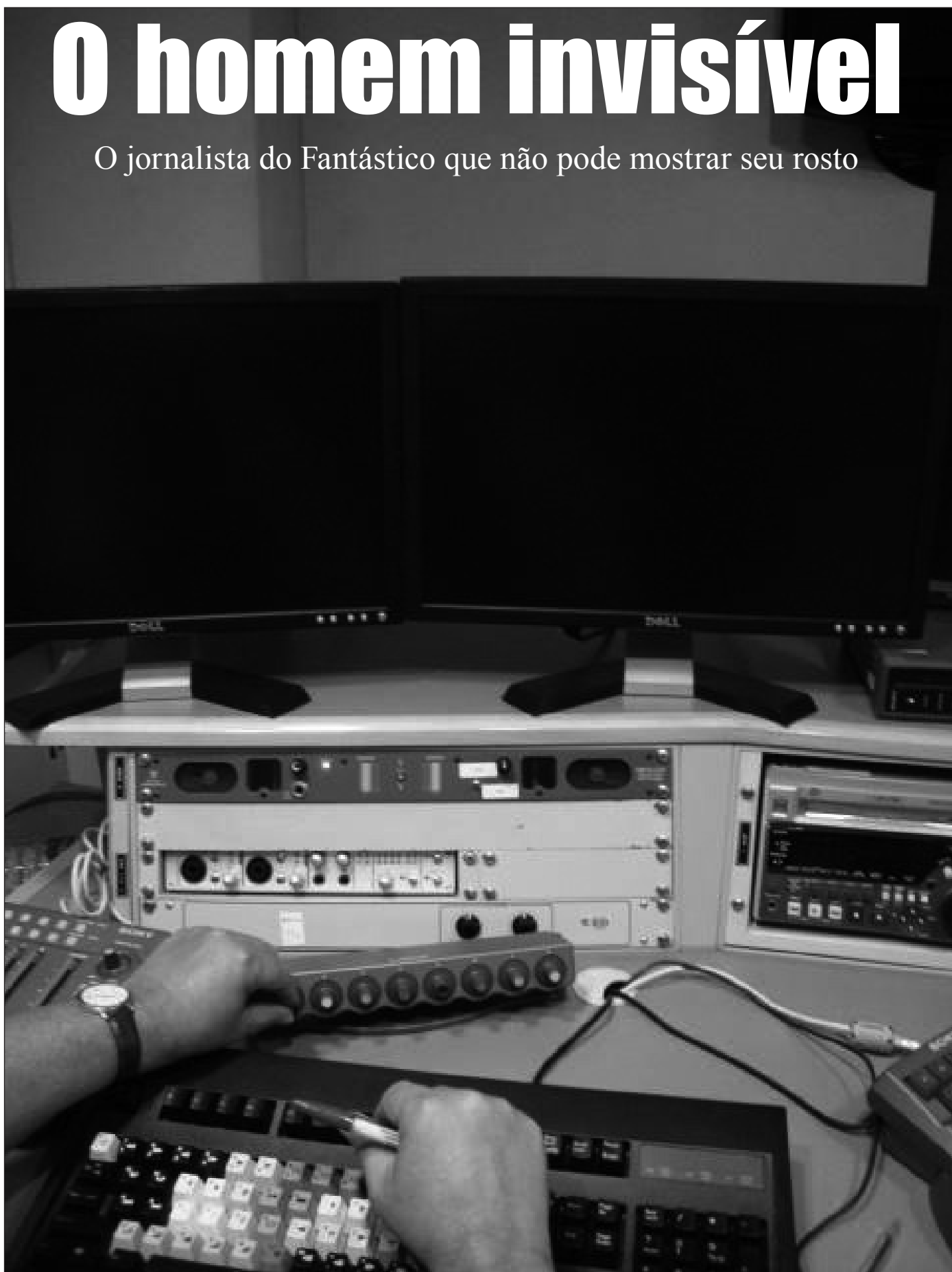
Se um dia você encontrar com ele na rua, passará direto. Dono dos principais prêmios dedicados à imprensa brasileira (Esso, Embratel, Libero Badaró, Direitos Humanos de Jornalismo, entre outros), Eduardo Faustini é lembrado no Brasil inteiro por suas reportagens no Fantástico, mas poucos conhecem seu rosto. Por medida de segurança, ele não pode exibi-lo.

Na sede da Rede Globo, onde trabalha, basta dar uma volta para ver como ele é querido por seus colegas. Não há um que não pare para cumprimentar. O reconhecimento é justo. Faustini é um dos principais jornalistas do país e autor de grandes reportagens investigativas na TV. Em uma das mais famosas, ele se passou por um gestor de compras do Hospital de Pediatria da UFRJ e flagrou, com suas câmeras escondidas, esquemas de propina e manipulação de resultados em licitações na área de saúde. Seu objetivo, ele garante, não é punir nem prender alguém, “mas sim informar”. A punição ele deixa com a polícia.

Faustini também já mostrou a falta de preparo dos principais aeroportos brasileiros, ao despachar em uma mala uma réplica de AR-15, um pacote de açúcar simulando cocaína e R\$100 mil em notas falsas. Não foi parado em nenhuma das viagens.

O jornalista recebe ameaças diárias e não pode deixar a sede da emissora sem a presença dos seguranças que o acompanham 24h por dia. Quando faz uma grande reportagem, é obrigado a sair do país por tempo indeterminado. Nessa entrevista, Faustini não conta detalhes de sua vida pessoal, família e intimidade. É a sua vida que está em jogo.

Como você começou no jornalismo? Chegou



Crédito da imagem: Maria Clara Modesto

As mãos de Faustini são uma das poucas partes de seu corpo que podem ser expostas por medidas de segurança

a cogitar outro curso?

Sempre quis fazer jornalismo. Trabalhei em jornal, fiz um pouco de esporte. Estou há 18 anos no Fantástico,

mas passei pelo SBT e Manchete também. Fiz o programa Documento Especial, que tinha uma audiência muito grande. Lá era a notícia que chamava a atenção, o repórter não mostrava seu rosto.

Como é o processo de criação de suas matérias? Você que surge

com uma ideia e faz uma pauta ou aceita sugestões dos outros jornalistas?

Noventa e nove por cento das pautas são minhas, eu mesmo que sugiro. Preciso acreditar muito na minha pauta, mas quando geralmente a escolho é porque já pesquisei bastante e sei como fazer. Recebo muitas sugestões por e-mail, redes sociais e pelo de-
[nuncie.eduardofaustini@gmail.com](mailto:eduardofaustini@gmail.com). Às vezes, uma pequena denúncia é

um *start* para algo maior. Gosto muito do que está no imaginário popular: todo mundo sabe que existe, mas na TV é a primeira vez em que é mostrado. A força da imagem e do vídeo é muito grande. Tudo o que eu falo tenho que mostrar.

Quanto tempo você gasta em cada uma de suas matérias? Você trabalha exclusivamente nela?

Em média, dois meses trabalhando exclusivamente em cada matéria. O jornalismo investigativo demanda muito tempo e nem sempre traz resulta-

dos. Já teve uma vez em que fiquei 12 horas num lugar para fazer uma imagem de 15 segundos.

Você tem preocupações sobre qual roupa vestir em determinadas ocasiões, de acordo com a matéria?

Você é o que você veste. O visual é muito importante. Preciso estar vestido de acordo como que faço, com o ambiente frequentado.

Quais “infiltrados” brasileiros você admira?

Em revista são vários. Mas sei mais de TV, porque é o que acompanho.

Gosto do Giovanni Gri-zotti, (RBS); do Tyndaro Menezes (Rede Globo), que trabalha mais com os bastidores; do Rubens Valente (Folha de São Paulo); do Amaury Ribeiro Jr (autor do livro “A privatária Tucana”) e do Caco Barcellos (Rede Globo).

Qual a diferença entre o jornalista investigativo e os demais tipos de profissionais dessa área?

O jornalista investigativo nunca está satisfeito com a apuração. Ele não se conforma só com o que, quem, quando, onde, como e por quê. Ele quer mais. O jornalista investigativo não investiga para punir, nem prender, mas para informar. Quem investiga para punir é a polícia. Não quero saber se o ministro vai cair, se o dono da empresa vai ser preso...

A morte de Tim Lopes foi marcante. A partir daí, surgiu uma nova forma de tratamento entre repórteres e traficantes e um maior investimento em equipamentos de segurança. Desde então, o que mudou efetivamente em seu trabalho e no jornalismo investigativo?

A morte do Tim é um divisor. Ela jogou luz numa atividade que era feita na sombra, de forma solitária. Algumas pessoas pensavam que esse tipo de jornalismo estaria fadado ao fim. Mas aconteceu o contrário. O jornalismo investigativo ganhou muita visibilidade e se fortaleceu. Surgiu a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e a melhora nos equipamentos de segurança. Contudo, essa visibilidade me preocupa. O repórter não é artista, nem celebridade.

Você se sente incomodado em não poder receber pessoalmente seus prêmios?

Fico vaidoso e guardo todos os meus prêmios. Já ganhei todos eles. Só não posso é buscar. Mas não faço matéria para ganhar

prêmio, nem acredito que alguém faça isso.

Não mostrar seu rosto dificulta o reconhecimento das pessoas ao seu trabalho?

As pessoas não me conhecem, mas acompanham meu trabalho e rezam por mim. É uma relação de família. Elas me alimentam. Gosto muito desse retorno do público.

Dois advogados (Bruno Silva Rodrigues e Diego Tebet da Cruz) escreveram um artigo após sua mais recente matéria (em que atua como gestor da UFRJ e mostra as fraudes nas licitações da saúde) dizendo que o que você faz não é constitucional. Você tomou ciência desse material?

Pergunto a serviço de quem eles fizeram isso. Não entro na questão jurídica, pois não sou advogado. Faço isso (trabalho com câmera escondida e jornalismo investigativo) em TV há quase 30 anos e nunca fui processado. Ao contrário: sou sempre escolhido como testemunha do Ministério Público e da Polícia Federal.

Pratico o jornalismo investigativo com responsabilidade social. Durmo tranquilo, porque sei que estou fazendo a coisa certa. Eu faço apenas, não coloco no ar. A direção aprova e coloca na TV.

No mesmo artigo, eles reclamam do uso da câmera escondida...

A microcâmera é meu último recurso. Sempre me pergunto se não é possível usar a câmera aberta. Até porque elas costumam ser de péssima qualidade, você não sabe o que está filmando. É como um voo cego. Em casa com a TV em HD, o telespectador sente a diferença na qualidade das imagens.

Não dá um certo nervosismo quando você faz essas matérias de denúncia? Como você lida com o medo?

Não é só o medo do perigo. É o medo de não dar certo. Sem ele, você não tem parâmetro e coloca a equipe em risco. Mas o medo geralmente eu só sinto depois, quando meu corpo reage e fico com febre. Na hora eu tenho que falar firme. Não sinto fome, nem sede. Desenvolver esse domínio sobre o corpo é fundamental. Ninguém fica nervoso no dia a dia. Se eu tremer ou gaguejar, ponho tudo a perder. Sinto-me mais tranquilo fazendo uma matéria do que sendo entrevistado.

De todas as suas reportagens, em qual você sentiu mais medo?

Foi quando estive dentro do “caveirão” da polícia. Senti muito medo. Seria a única matéria que não faria de novo. Eram

“Eu me sinto mais tranquilo fazendo uma matéria do que sendo entrevistado”

12 homens dentro de um carro atirando, na mesma favela em que o Tim tinha sido morto. Me senti como um patinho no parque.

Como você reage às ameaças que recebe?

Isso acontece em qualquer matéria. Já mando entrar na fila para me matar. Não é deboche. As pessoas ligam aqui para a redação e eu escuto aquele bando de besteiras. Na maioria das vezes, é um desabafo. A própria família do acusado não mais do que ninguém delas. Mas me dedico muito e sou um apaixonado pelo que faço. Não tenho privilégios, sou como qualquer um na redação.

Em entrevista à Revista Trip você contou como é difícil a sua rotina e de sua família fora do ambiente de trabalho. Você comenta em casa sobre as matérias que está apurando?

Não comento com ninguém sobre minhas matérias. Mas, pela chamada, minha família já sabe quando é o meu material. Antes meus vizinhos me ligavam depois da reportagem ir ao ar,

perguntando o porquê de continuar fazendo aquilo. Mas não adianta: não consigo parar. É o meu vício.

Como é a relação com sua família e filhos? O que gosta de fazer nas horas de folga?

Não tenho problemas com minha família. Consigo acompanhar bem os meus filhos. Gosto de ir ao restaurante com eles, de viajar, assistir aos jogos do Vasco... Tento fazer da minha casa um lugar aconchegante.

O jornalista Regis Rösing diz que você é Deus. Você é reverenciado por todos. Mas como você se definiria, Eduardo Faustini por Eduardo Faustini?

Isso é uma brincadeira do Regis, que é meu amigo. Sou um repórter com muitas limitações e sei mais do que ninguém delas. Mas me dedico muito e sou um apaixonado pelo que faço. Não tenho privilégios, sou como qualquer um na redação.

Há alguma nova matéria que você ainda gostaria de fazer?

Tenho o projeto de entrar com microcâmeras em vários lugares, onde ninguém desconfia. O maior castigo que Deus poderia me dar é a doença de Parkinson. Aí não teria como eu realizar essas matérias.

Quais dicas você daria para um repórter que quer se infiltrar?

Nenhuma faculdade forma jornalista investigativo. Isso é uma coisa que se conquista no dia a dia. A primeira coisa é você gostar do que faz. Pensar se gostaria de estar naquele lugar e naquelas condições. O jornalismo é um trabalho de risco, sem glamour. O Brasil tem uma grande quantidade de jornalistas mortos. Depois, é necessário se dedicar, procurar equipamentos e conhecimento. Hoje as pessoas têm seu espaço mesmo sem aparecer no vídeo. Nenhuma matéria vale uma vida, mas você não pode deixar de ter um risco calculado.



Faustini esteve “infiltrado” em várias coberturas, como na Guerra Civil Angolana

Os filhos do Dono

Jovens contam como escapam do estereótipo da juventude evangélica em pleno século XXI



Diversas igrejas evangélicas foram representadas por milhares de fiéis que se reuniram nas ruas do Centro do Rio de Janeiro em uma manifestação pela fé

Rafael Gonzaga

Uma crítica comum à geração Y, dos jovens nascidos nos anos 1990, é a falta de direcionamento ideológico. Os mais velhos dizem que falta jovens nas ruas desafiando o sistema, se manifestando em prol de melhorias na política e tomando a dianteira dos rumos do país. Mas se esses jovens não estão nas ruas, onde podemos encontrá-los? A resposta, como apontam dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indica que um lugar onde esse grupo de pessoas pode ser encontrado facilmente é dentro das igrejas.

Segundo as estimativas desse estudo, mais de 90% dos jovens brasileiros entre 20 e 24 anos têm alguma crença, o que coloca o Brasil na terceira posição mundial da fé, perdendo apenas para os nigerianos e guatemaltecos. Indo mais além, os

dados informam que 65% se consideram profundamente religiosos. Estamos diante de uma nova geração que tem como uma das principais características, a fé.

O mapa de religiões da Fundação Getúlio Vargas aponta outras novidades interessantes nas características dessa juventude religiosa. De acordo com o estudo, a proporção de jovens católicos entre 16 e 29 anos no Brasil caiu 9%, passando de 74% para 67%, na medida em que houve aumento na proporção de evangélicos no país (de 17% para 20% da população). Ou seja, uma nova juventude evangélica vem se formando, com novos valores.

Os jovens que dedicam seu tempo à religião já não têm as mesmas características que seus pais e pastores, desenvolvem um contato maior com o mundo externo, decidem o que é ou não melhor

para eles, adaptam tanto suas vidas à igreja quanto a igreja a suas vidas. Mas essa novidade comportamental acaba ficando retida entre eles mesmos, enquanto o restante da sociedade mantém um rótulo estereotipado de como eles andam, falam, se vestem, se comportam ou pensam.

Uma coisa é certa: jovens têm uma vitalidade própria, gostam de participar e de se envolver ativamente. No dia 19 de maio de 2012, ocorreu no Rio de Janeiro o evento evangélico intitulado Marcha para Jesus. A Marcha, que começou por volta de 14h30, reuniu entre 200 e 300 mil fiéis que caminharam da Central do Brasil, no Centro do Rio, até a Cinelândia. O evento mostrou o tamanho que o grupo religioso expressa, e contou com a presença de diversos cantores do universo gospel, assim como pastores

“Procuró ser exemplo, fazer o bem sem olhar a quem, até porque Deus nos ensina a amar o próximo como a mim mesma.”

Mayara Salles, estudante

e líderes que estiveram acompanhados de nada menos do que sete trios elétricos.

A marcha trouxe temáticas polêmicas como a defesa da liberdade de expressão religiosa, vida e família tradicional, englobando a PL 122, a lei da homofobia, que na passeata foi retratada por

oradores como “uma lei para botar mordaca na sociedade, de modo que ninguém expresse opinião contra os homossexuais.”

Para entender melhor como funciona o pensamento e o comportamento dessa juventude engajada na missão de propagar sua religião, me ofereci para acompanhar a ida de um grupo de jovens à Marcha para Jesus, com o pretexto de conhecer um pouco mais a doutrina de forma genérica.

Introduzido no grupo através da estudante de pedagogia Mayara Salles, de 20 anos, conheci também Jônatas Ricardo, de 21. Mayara e Jônatas, apesar da idade, já estão noivos há quase um ano. O grupo contava ainda com Igor Gonzaga, 19 anos, Ivana Mello, 21, Mariana Mello, 17, e Abner de Souza, 18.

Sentados em uma mesa do McDonald's próximo à praça da



meu coração.”, discursa a jovem. Mayara fala também sobre a influência da Igreja sobre ela: “Na Bíblia, há um versículo que fala para não nos embriagarmos, portanto, não bebo, logo, não frequento bares nem coisas parecidas. Procuró ser exemplo, fazer o bem sem olhar a quem, até porque Deus nos ensina a amar o próximo como a mim mesma.”

“Lá na Igreja, e não só lá como também em outras que meus amigos frequentam, o pessoal é muito ligado à música, entende? Muita gente ainda bate na tecla de que crente-fala-que-rock-é-música-do-capeta, mas fecha os olhos para ver o cenário gospel musical”, conta Abner. Realmente, o cenário musical religioso se diversificou muito nos últimos anos. Se algumas décadas atrás os evangélicos mais conservadores torciam o nariz para determinados estilos musicais, como o rock com suas guitarras e baterias, hoje eles são contemplados. A Oficina G3, banda de metal gospel, já se apresentou nos estádios do Maracanã,

Pacaembu e Canindé, tendo nos três concertos um público superior a cem mil pessoas, e foi a única banda de música cristã a tocar no Rock in Rio III. E eles não são os únicos a fazer sucesso: grupos como Rosa de Saron, Trazendo a Arca e Diante do Trono lotam em público as suas apresentações, e os seus álbuns conseguem números de venda que ultrapassam os seis dígitos.

Abner continua discorrendo sobre sua posição quanto ao assunto: “Tem gente que ainda torce o nariz pra essa demanda musical mais diversificada, com a produção de música gospel que vai do axé ao eletrônico. Acredito que a música gospel o é por passar mensagens de louvor a Cristo, e se através de ritmos diferentes conseguimos levar a palavra até pessoas que não seriam atingidas pelos ritmos mais tradicionais, não vejo o que pode haver de mal nisso.” De fato, hoje em dia as letras que falam de Jesus e enaltecem a doutrina evangélica estão acompanhadas dos mais diversos ritmos, tais como o hip-hop, o pagode e o funk, motivo das principais controvérsias sobre o assunto.

Quem também acaba se interessando por esse tema é Igor Gonzaga. Estudante de Comunicação Social, o jovem já foi também produtor da extinta Banda Sheeps, uma banda de rock gospel que já esteve inclusive em programas de televisão. “A gente da Sheeps não se intitulava gospel, e sim uma banda de rock cristão. A ideia era romper mesmo com essa imagem que as pessoas têm de gospel, essa coisa meio Aline Barros, que as próprias pessoas da Igreja constroem em torno do que se chamaria gospel. A gente lutava pra ter uma coisa diferente, que chamasse mais atenção dos jovens e adolescentes, tendo como base até os EUA, onde o que existe efetivamente é o *Christian rock*, *Christian pop*, *Christian screamo*.”

Enquanto Mayara e Jônatas se mostram muito mais caseiros, Abner faz questão de deixar claro que a religião não o impede de sair e se divertir com os amigos. “É questão de consciência”, explica o jovem. “Não vejo problema em sair para festas, até porquê depois que você entra na faculdade é difícil manter um círculo social se você vive recluso. O que conta no fim é você ter a responsabilidade de saber como se portar, o que fazer e o que não fazer de acordo com os ensinamentos da Bíblia. Todo mundo tem direito a se divertir, o importante é respeitar aquilo em que você acredita.”

Outra coisa que mudou foi a programação

cultural e de lazer voltada para esse público. Se antes a ideia que tínhamos do evangélico ficava restrita às quatro paredes da igreja – ou no máximo a algum praticante mais fanático realizando pregações dentro de transportes coletivos – o que é proibido por decisão do 12ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio – hoje em dia eles têm muito mais eventos voltados para atender suas demandas, principalmente buscando o público mais jovem. Shows de ídolos da música gospel e encontros marcados por redes sociais são alguns dos elementos que têm se tornado parte do dia a dia dessa juventude evangélica.

Mas, enfim, segundo esses jovens, qual o papel da Igreja em suas vidas? Igor acaba falando um pouco a respeito: “Cara, a Igreja tem o papel de ser uma espécie de renovação, um lugar para estar em paz com amigos e tal. Eu frequento porque me sinto bem no geral, ouço coisas boas.” Dando continuidade, é Ivana quem encerra de forma espontânea nossa conversa. “É lá onde eu aprendo mais sobre a palavra de Deus, é um lugar onde dedico tempo para louvor e adoração a Ele. As pessoas dizem que isso pode ser feito em casa, e no fim das contas realmente pode. Mas geralmente em casa ninguém faz, na Igreja eu estou em um ambiente onde as pessoas têm o pensamento voltado para a mesma direção e procuram seguir o mesmo caminho que eu. É um lugar onde toda a atenção, na maioria das pessoas, está voltada o tempo todo para Deus.”

No final do dia ainda rolou até mesmo um convite para o Gospel in Rio, evento que aconteceria dia 13 de julho no Luso Brasileiro Tênis Clube, em Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro. O festival de música gospel conta com ídolos da juventude evangélica como Fernanda Brum, Thalles Roberto, Gabriela Rocha e Bruna Karla.



Mayara Salles e Jônatas Ricardo fizeram questão de participar da Marcha para Jesus

Quero ser Miss Brasil

Uma visita ao mundo colorido e agitado das candidatas ao título de mais bela do país

Tais Carvalho

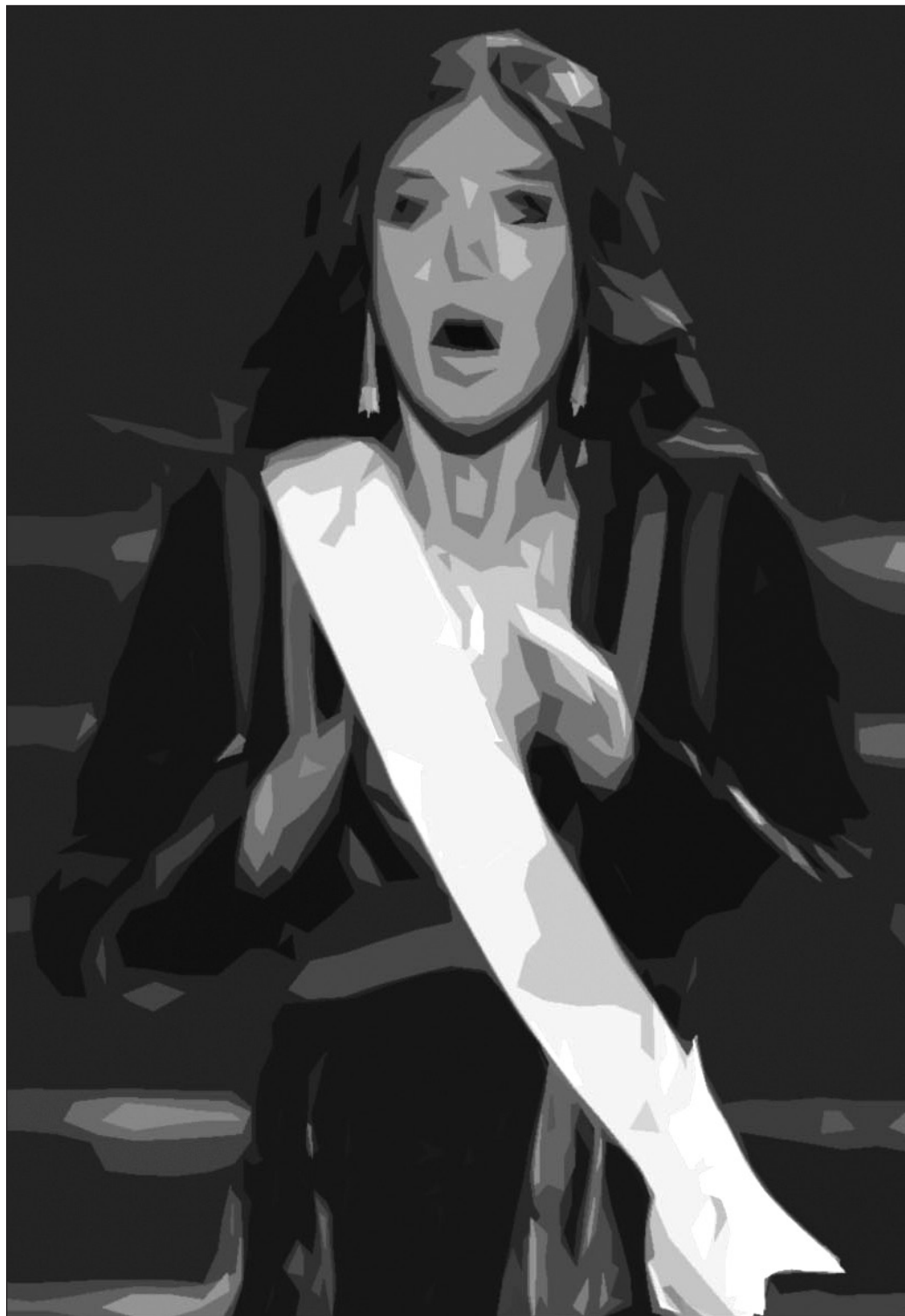
Um mundo de glamour, viagens, fotos, entrevistas, etc. Quem não quer ser Miss Brasil? Grazi Massafera, que já foi miss Paraná e ficou em terceiro lugar no concurso nacional, declarou em uma entrevista: “Ser modelo é chique, ser miss é brega”. Na verdade o concurso já teve seu auge e há tempos tenta recuperar um prestígio que talvez não volte mais. Minha mãe trabalhou 18 anos na organização do evento e ela mesma foi miss em 1955 representando Alagoas, um ano antes de Martha Rocha, a miss brasileira mais famosa de todas, ganhar o título da mais bela mulher do país. Desde pequena assisti a muitos concursos de miss em suas várias etapas e colecionei algumas histórias.

O concurso antes da fase nacional que estamos acostumados a ver na televisão geralmente começa na cidade da candidata. Por exemplo, uma miss que ganha o título de Miss Teresópolis, está classificada para o Miss Rio de Janeiro e, se vencer, finalmente chega à etapa nacional representando o estado na disputa para ser a Miss Brasil. Existem 5.565 municípios em todo território nacional, então para chegar a ser uma das 27 candidatas na reta final, a moça deve deixar muitas concorrentes para trás. Só este número já gera um exército de candidatas, mas para aumentar a conta existem muitos concursos com o nome Miss Brasil: Mundo, Beleza Internacional e tantos outros, ou seja, é comum encontrar mais de uma ou duas Miss Brasil por ano. Mas o tal concurso “oficial” é uma franquia, cujo dono é Donald Trump, e quem ganhar pode participar do Miss Universo, o “Oscar” das misses.

O concurso começou a ser realizado no Brasil em 1954, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis. O grupo “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand, começou a promovê-lo em 1955 e a festa alcançou o posto de segundo evento mais visto no Brasil: só perdia para a Copa do Mundo de futebol. Em 1973, o concurso foi transferido do Maracanãzinho para a capital Brasília. Durante a ditadura, a festa sofreu cortes, pois os números musicais eram de artistas considerados subversivos, como Raul Seixas. Em 1977, a Rede Tupi fez a última transmissão ao vivo e o concurso seguiu na emissora até a sua falência, em 1980. Silvio Santos comprou os direitos do concurso e criou o mito de festa brega. Silvio vendeu o concurso em 1990, e os direitos rodaram por muitos donos até que em 1994 Paulo Max os adquiriu e produziu a festa por muitos anos, até a sua morte. Hoje em dia, os direitos pertencem à Rede Bandeirantes.

Quando minha mãe começou a trabalhar com Paulo Max, na década de 90, o concurso passava por dificuldades financeiras e todos tinham que fazer de tudo um pouco. A estrutura permanecia a mesma: concursos locais até a etapa nacional e depois todos os envolvidos focavam em preparar a ganhadora para o Miss Universo. Para driblar a falta de grana, minha casa muitas vezes virava um albergue de mulheres. Minha mãe se ocupava em dar aulas de passarela e postura na sala, enquanto eu ganhava muitas amigas mais velhas e esportinhas que eu.

Lembro de uma moça do Rio Grande do Sul que em 1995 ganhou um concurso equivalente ao que hoje seria o Next Top Model, de uma grande agência de modelos que



Arte: Guilherme Monteiro

Nos concursos de Miss, o inesperado pode estar tanto na votação dos jurados...

existe até hoje e mantém o porte de maior do Brasil. Na época, ela tinha sido advertida por indisciplina alimentar. Na minha casa ela tinha o hábito de comer batata frita no café da manhã, vomitar tudo, fumar bastante e sair com homens casados. Balanço dessa amizade: o péssimo hábito de fumar e o bom hábito de manter distância de homens casados. Mas o tempo passou bem para a moça. Ela não ficou nem rica nem famosa, mas continua bonita. De vez em quando a vejo em editais de moda de revistas femininas. Ela só queria de divertir um pouco, nada era sério para ela.

Mas, para algumas, ser

miss é algo muito sério. As cirurgias plásticas e os tratamentos estéticos exóticos são comuns. Pode acreditar que 99% são operadas. Uma das coisas mais estranhas que já vi foi uma miss que passava vaselina no corpo todo e a mãe enrolava ela em papel celofane para perder gordura. Ela chorava de dor, mas a mãe não tirava a coitada de lá. Além disso, ela já operado o nariz, tirado umas costelas para afinar a cintura, feito lipoaspiração, perdido dez quilos. Até a gordura localizada nas axilas ela retirou. Acho que de natural ela só tinha o cabelo, negro, liso e brilhante. Resultado: foi muito bem classificada no concurso,

casou-se com um homem bem mais velho e rico e sofre de dores musculares insuportáveis por conta das cirurgias que fez e ainda faz.

Mas existem operações que mudam para melhor a vida das candidatas. Uma miss que era uma das poucas não operadas causou ciúme nas candidatas na fase nacional. A razão: a sua beleza natural era a favorita daquele ano para levar o título. Ela foi muito hostilizada pelas outras candidatas. Comia isolada, ninguém falava com ela, a companheira de quarto a tratava mal, rasgavam suas roupas e quebravam seus sapatos. Mas ela não entendia o



... quanto na queda da coroa ou no tombo feio de uma das candidatas durante o desfile na passarela

porquê, já que se achava muito feita e incapaz de ganhar o concurso. Um acidente de carro matou seu namorado e destruiu seus seios, e ela usava enchimento para disfarçar. Mas a derrota estava na sua cabeça, pois ela achava que todos percebiam os seus defeitos e não a sua beleza. Um médico entrou em contato com a produção e se ofereceu para fazer uma cirurgia reparadora gratuita na moça. Com a operação bem-sucedida, ela pode se olhar de outra forma e cheia de confiança tornou-se a Miss Brasil daquele ano.

Muitas misses já me surpreenderam por quebrarem estereótipos.

Uma das mulheres mais inteligentes que conheci já foi Miss Brasil. Formada em duas áreas, uma humana e outra tecnológica, lia todos os jornais diariamente, falava fluentemente várias línguas e, por conta do concurso, rodou o planeta aprimorando ainda mais sua visão de mundo. Hoje ela é jornalista de uma grande emissora da televisão. Nesta época, o concurso já tinha dado um salto de qualidade e conquistado patrocinadores, graças ao segundo lugar que a mineira Natália Guimarães alcançou no Miss Universo.

O concurso tirou muitas meninas da miséria absoluta. Uma miss que

representou um estado do Nordeste chegou à fase nacional por que concorreu na fase local com o apoio dos amigos, que emprestaram roupa e maquiagem. Ela não tinha nada quando chegou a São Paulo para concorrer ao título nacional. Mas seu carisma era tão contagiante que todos os coordenadores contribuíram para o seu desfile. Um deu sapato, outro vestido, outro fez a maquiagem, e assim ela chegou ao incrível terceiro lugar e foi para o Japão trabalhar como modelo, o que mudou sua vida e a de sua família.

Sim, existem prostituição, brigas, distúrbios alimentares, egos in-

flados. Mas há também histórias de superação de quem soube usar a beleza como trampolim para mudar sua vida. Ser miss não significa ter alma de miss. Estar em cima de uma passarela de biquíni não significa que você é apenas aquilo. E, para as que são apenas aquilo, não existe nada mais triste do que o fim do “reinado” e a passagem do tempo no rosto e no corpo. Ter uma beleza acima do que a sociedade considera como média, cobra o seu preço se você acreditar que aquela passarela não tem fim.

Para as que sonham com o concurso, fica a dica: aproveitem e depois, esqueçam!



GLOSSÁRIO DE MISS

Biônica

Miss que está representando um Estado, mas não mora nem vive nele. Costuma ser mal vista pelos organizadores.

Operada

Como o próprio nome diz, já fez muitas operações plásticas, o que não é proibido. As venezuelanas são famosas pelas plásticas e títulos de Miss Universo.

Reprisada

Já perdeu a conta de quantas vezes já participou de um concurso. Costuma ser mal vista pelas candidatas, pois tem mais “experiência” que as outras.

Missólogo

Frequenta todos os concursos e é uma enciclopédia ambulante sobre o assunto. Costuma bater boca com outros missólogos defendendo a sua candidata.

Chaperona

Representante da empresa que não desgruda da miss, vulgo “babá de miss”.

Coordenador

Geralmente é quem desce e leva a Miss para a etapa final. Prepara a candidata, cuida de sua dieta, cabelo, postura, etc. Faz parte da organização do concurso.

Virgindade

Antigamente a Miss tinha que ser virgem, mas isso não faz sentido hoje. Ela só não poder ser nem ter sido casada. Para ser Miss tem que ter entre 18 e 25 anos.

Desfile

A Miss, no concurso nacional e internacional, desfila obrigatoriamente em traje de gala, típico e em traje de banho.

A cartomante

Como trazer a pessoa amada em sete dias? O repórter tenta descobrir

João Victor Mello

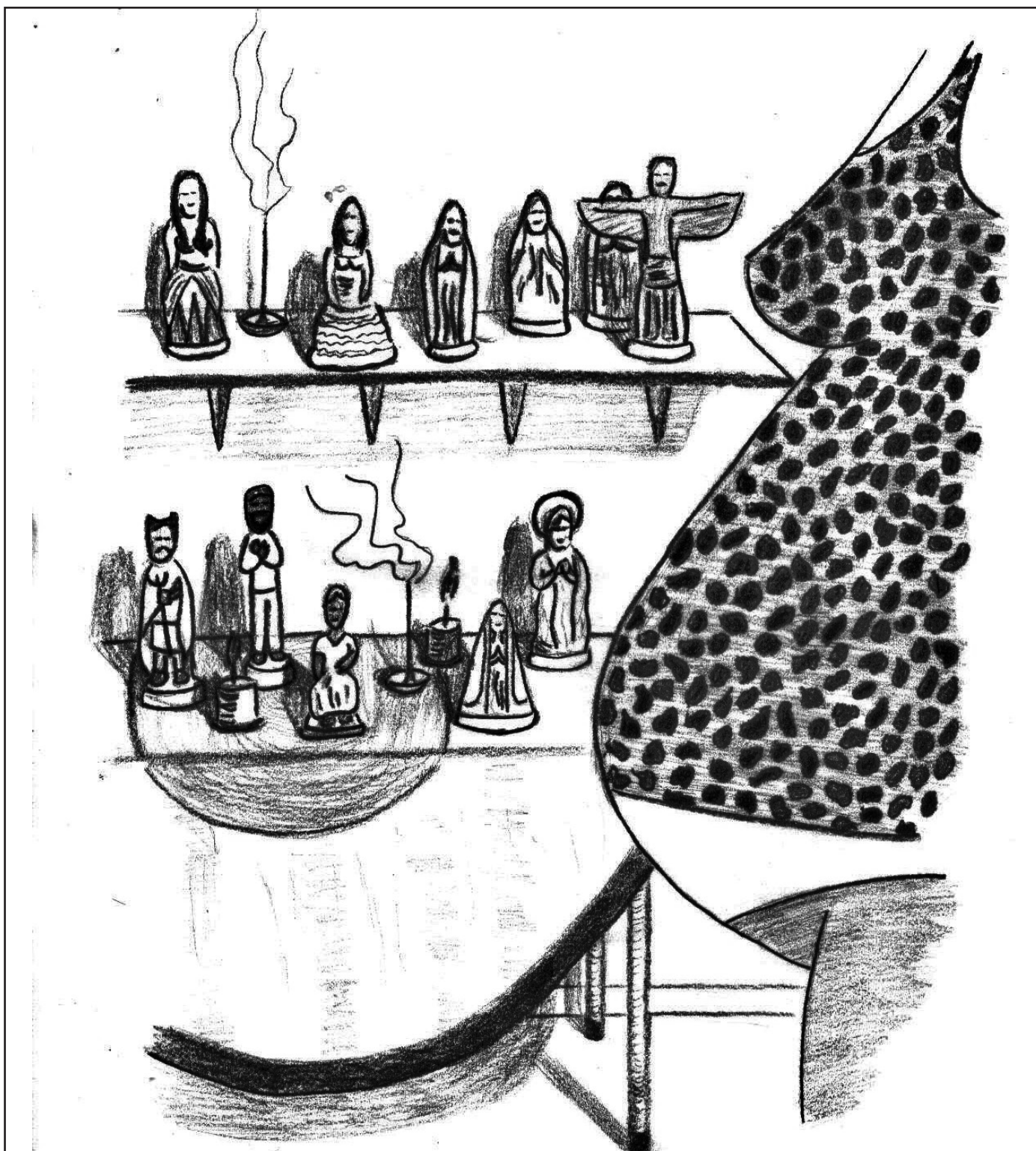
O classificado anuncia: “Trago a pessoa amada em sete dias”. No outro lado do telefone, uma voz mansa agenda o horário da consulta. O valor já não é o pacote de velas da semana anterior, quando o anúncio foi veiculado num jornal. O período promocional passou. “Era um agrado a um preto velho”, explica. Os preto-velhos são entidades de religiões de matrizes africanas, como o Candomblé e a Umbanda, que ligam os Orixás aos humanos.

Em um prédio comercial em Niterói, quem recebe é uma moça de 26 anos, de cabelos escuros, olhar forte e oito meses de gravidez, cobertos por uma estampa de onça. “Já está para nascer”, diz. Com cerca de 1,60m de altura, a juventude e a roupa não dão credibilidade à primeira vista.

Ela serve um copo de água. Percebe o nervosismo, mas não o gravador no bolso. Passando por um pequeno corredor, cheguei à sala da consulta. Uma mesa com uma toalha branca e um altar contornando toda a sala compõem o cenário. Os orixás ficam dispostos mais à frente na mesa, próximos à cartomante, enquanto os preto-velhos e as pomba-giras ficam atrás.

Dona Ivana pega o baralho, e começa a cortar as cartas, rearranjando-as de múltiplas formas. Enquanto isso, faz uma prece baixa com os olhos fechados.

Um barulho de marreta a cada minuto interrompe a consulta. O barulho vem dos funcionários que preparam um novo altar. O negócio parece estar indo bem. “Eu, minha mãe e minha avó firmamos casa em Belo Horizonte, São Paulo e Brasília”, comenta. A consulta de Dona Ivana



na está a um preço bem abaixo das demais, apenas R\$ 20.

No setor místico do jornal, os atendimentos variam entre R\$ 120 e R\$ 600, com os trabalhos já



Cobra e urso juntos, sinônimo de olho gordo

inclusos. “Não atendemos sem trabalho!”, grita a secretária de um dos locais de atendimento. O amor aqui tem preço. Em um caso, o pai-de-santo aceitava até cartão de crédito, com parcelamento sem juros. Perto de suas grandes propagandas nos jornais com foto e produção, o pequeno anúncio de Dona Ivana pareceu tímido, mas as cartas mostrariam que a primeira impressão nem sempre é a que conta.

Tento falar sobre o problema, queria meu amor de volta. Mas Dona Ivana interrompe e pede que eu não diga nada, as cartas diriam. Ou sua memória. Ao ligar para marcar a consulta, dois dias antes, o motivo da visita a Ivana

havia sido revelado. Mas ela quer envolver o cliente. Dispõe as cartas em grupos de três ou quatro e começa a decifrá-las.

“O que sente por ti, um amor, um desejo. Realmente o carisma desse amor não é mentira”, diz Ivana, alternando os olhares entre mim e as cartas. A carta de Oxum, com um grande coração em chamas disposta no centro das combinações de cartas, indica o amor.

Dona Ivana tem algumas respostas para perguntas não feitas. Diz que, apesar de “criado em família de boa gente”, tenho um carma hereditário que impede relacionamentos bem-sucedidos. A historiadora Éricka Pinheiro, especialista

em religiões de matrizes africanas, explica que o carma pode ser entendido como um destino. “Você estaria predestinado a passar por determinadas situações, ou sofrer determinadas coisas”, diz.

Outro problema está na entidade que me acompanharia, uma pomba-gira. “Ela é uma pomba-gira de muita luz, que te acompanha. Só que ela está de costas para você”, diz Ivana. As pomba-giras, segundo a Umbanda, são prostitutas que viveram no passado e hoje realizam pedidos dos humanos, sem julgamento moral.

“É entendida como uma divindade bem próxima aos humanos, compartilhando, inclusi-

ve, de desejos parecidos. Seria uma forma de a mulher se libertar das restrições de uma sociedade machista”, explica Éricka. A pomba-gira é um tipo de Exu, a divindade que faz a comunicação entre os humanos e os Orixás. A sugestão sobre a entidade pode estar relacionado à sexualidade de seu cliente. Trata-se de um amor homossexual.

A vovozinha, outro Exu, que segundo Dona Ivana a companhia durante a consulta, indica que tenho uma espiritualidade muito forte. A cartomante aponta para a carta da Torre. Minha verdadeira identidade está por um fio. A carta, que pode indicar um lado espiritual poderoso, como Dona Ivana pontuou, também pode significar um aprisionamento interior, o esconderijo da verdadeira personalidade.

As cartas revelam outro artifício presente no discurso das cartomantes, o olho gordo. A carta do Urso, que indica amizades falsas, ao lado da cobra, que representa intrigas, combinadas indicam inveja de pessoas próximas.

“Há um carinho, um sentimento, mas tem al-

guma coisa ainda que ele falou que você não esperava. O que foi isso?”, diz Dona Ivana. Ela insiste, e mira em meu rosto. Digo que não há nada. Ela esperava uma afirmativa. Parte então para outra carta, a do Erê.

A imagem é de uma criança brincando em um balanço. Ela põe o dedo sobre a carta e diz que ainda tenho muito para viver, muitos amores: uma revelação feita a partir das palavras da entidade vovozinha, das cartas ou de olhar para o meu rosto e para minha idade, escrita em um papel no início da consulta.

Variando o discurso, ela sempre termina na mesma questão: encontrar um pivô. Cartas indicando homens e mulheres no caminho do amor desejado aparecem em todos os três jogos de cartas tirados por Dona Ivana.

A cartomante sugere que eu retorne para que ela incorpore uma entidade. Além de uma purificação espiritual, que inclui rituais como um banho de pipoca, Dona Ivana indica que eu faça uma oferenda a minha pomba-gira para que ela retorne a olhar para

frente e lutar por mim.

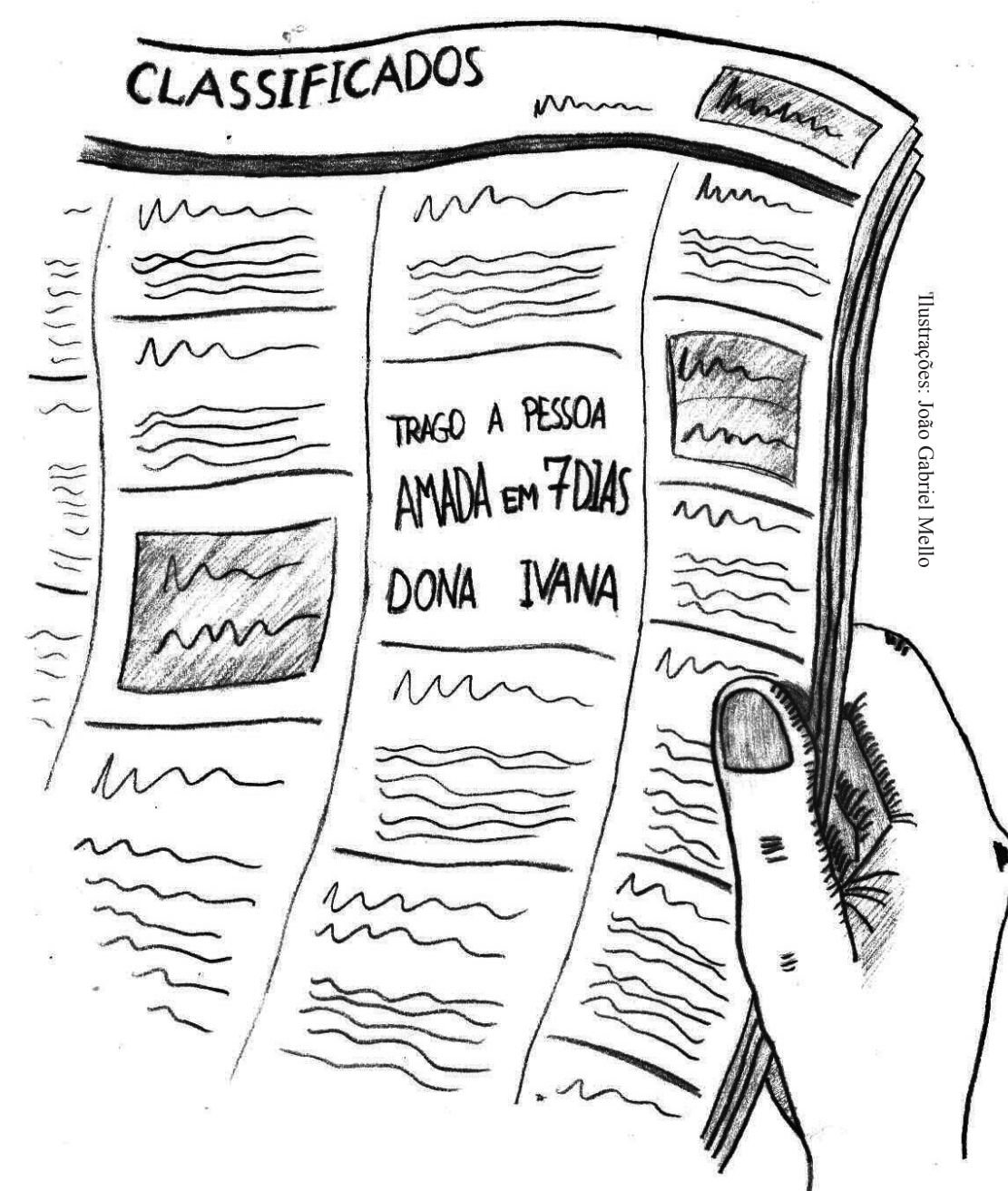
Dona Ivana não cobra pelo trabalho. É só levar o material e, depois do resultado, oferecer alguma contribuição em dinheiro

ou um agradecimento nos classificados. “Não faço por dinheiro. Tenho outras formas de viver. Faço pelo dom”. Ivana conta que tem a sensibilidade para os es-

píritos desde criança.

A consulta de meia hora termina com outro copo de água. Na volta para o Rio, o mar da baía reflete os meus pensamentos. Quando cheguei ao trabalho, em um escritório no centro da cidade, o cheiro do incenso forte ainda estava entranhado no nariz. Como se também sentisse o odor, uma colega pergunta: “Já foi em centro? Cara, fui na semana passada. E olha o que me disseram? Que eu tenho duas pomba-giras do meu lado!”, conta gargalhando. Com os olhos arregalados, apenas aceno em concordância.

Sem fazer o trabalho, o amor não bateu à porta, mas caiu na caixa de entrada. Uma semana depois da consulta com Dona Ivana, um novo e-mail chega às 7h30 da manhã. Amor ou não, era em quem tinha me inspirado para criar a história. É, existem mais coisas entre o céu e a terra. Talvez uma conexão wi-fi com o divino.



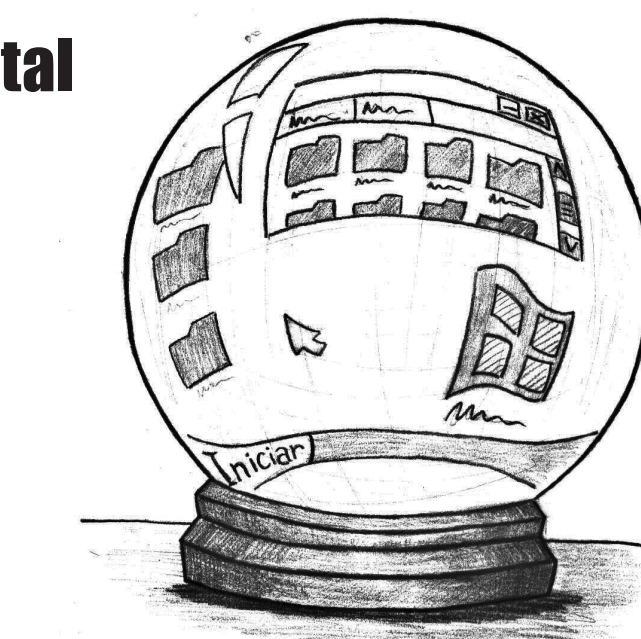
Ilustrações: João Gabriel Mello

Tela de cristal

De cristal, agora, só o monitor LCD. Consultas online se espalham pela rede. Desde atendimentos por troca de e-mails até transmissões dos trabalhos online pelo Messenger ou aulas no You Tube, a rede foi invadida por profissionais místicos.

A Mãe Preta de Iyalorixá que, segundo seu site na internet, mantém um terreiro com obras de caridade no interior da Bahia, depois de um e-mail insistente, desistiu da cobrança de R\$ 50 pela consulta. Segundo o site, o pagamento é para afastar os curiosos.

Por e-mail, Mãe Preta recomenda um trabalho sofisticado, com itens como acarás, peixe da



região amazônica, sete pombos brancos, 24 rosas brancas e dois tachos grandes compõem a lista, que chega a R\$ 612.

O site tarodomago.com faz o atendimento pelo Messenger. Depois de um primeiro contato com uma secretária, o cliente é direcionado ao místico.

Falar com ele pode ser bem complicado. Apesar de o perfil permanecer online durante todo o dia, quase nunca há resposta.

Gilberto, 48 anos, trabalha com outro tipo de vidência. O médium, que traz no currículo cursos da Federação Espirita de São Paulo, usa as energias do

universo para solucionar os problemas dos clientes. Através de troca de e-mails, ele tenta entender o caso e diz o seu preço, R\$ 400 com o trabalho incluso. No último e-mail, disse que ia consultar as entidades. Não respondeu mais.

Há aqueles que fazem os trabalhos diretamente com o diabo, como no caso de Mãe Cleide (www.youtube.com/watch?v=IOpZML9sCpo&feature=fvwrrel).

Muitos vídeos ensinam trabalhos na Internet. A maioria com objetivo de divulgar seus serviços. Afinal, toda amarração deve ser feita sob orientação adequada, apesar de todos o passo-a-passo disponível no You Tube (www.youtube.com/watch?v=y_9U2WjC0-M&feature=related).

Profissão de risco

Ficar conhecido por conta de uma matéria não é uma coisa necessariamente boa



Torcedores fazem fila para comprar ingresso no Engenhão. É neste momento, em geral, que cambistas oferecem entradas mais caras fora das bilheterias

Roberto Araújo

A hora de assinar a matéria é um dos momentos mais prazerosos para o jornalista. Assumir a obra. O sentimento é sempre de orgulho. Não, nem sempre. No caso de uma reportagem em que o repórter trabalhou infiltrado, assinar a matéria pode ser motivo de receio. Às vezes, o personagem pode acabar ofendido, sentir-se desmascarado, e isso pode ser perigoso. “Mas para fazer uma matéria que coloque em risco a minha segurança e de minha família, eu tenho que ser repórter de polícia, ou cidade”, acreditam muitos repórteres. Errado. Qualquer matéria de denúncia pode acabar envolvendo alguém perigoso. Inclusive no esporte.

Em outubro de 2011, Victor Machado, setorista de Flamengo dos jornais Marca Brasil e O Dia, fez uma matéria recomendada pelo próprio diretor dos veículos, sobre os cambis-

tas que ficavam ao redor do Engenhão. Para isso, Victor foi a dois jogos do “Mais Querido” vestido apropriadamente, exceto por um detalhe. Ele usava o “Manto Sagrado”, bermuda, tênis, óculos escuros, e carregava uma lata de cer-

veja. Tirando uma caneta dourada pendurada na gola de sua camisa, nada ali estava diferente de um dia normal em que o repórter tivesse ido

ao jogo com os amigos. “Sério, *brother*, quem é que vai ao jogo com uma caneta pendurada na camisa e não é jornalista? Vai pagar o ingresso com um cheque?”, brincou.

Victor contou o tempo todo com a ajuda do motorista da redação, Carlos Eduardo Santos, o Cadu. Sem ele a matéria não seria viável. O processo era

simples. Rodar em torno do estádio esperando ser abordado por um cambista, o que acontece com frequência. Naquele instante estaria documentada a existência de um esquema de venda de ingressos, verdadeiros, de maneira

ilegal. O próximo passo era conversar com os cambistas de forma que eles revelassem a origem dessas entradas. Até que em uma compra

feita no estacionamento do Engenhão, uma vendedora deixou escapar que os ingressos eram repassados por torcidas organizadas, que por sua vez os recebiam dos clubes.

Vídeos decupados, matéria escrita e revisada, fotos selecionadas e dia escolhido para a publicação da matéria. Em meio aos telefones tocando, teclados

sendo agredidos e as vozes que ecoam o dia inteiro em uma redação, ouviu-se o subeditor Marcelo Torres perguntando para o setorista: “Vai assinar com ou sem foto?” Aquela pergunta pegou Victor de surpresa. Ele nem sequer havia pensado se iria assinar ou não. O Flamengo não era o primeiro clube que Victor cobria como setorista. Ele já havia frequentado Fluminense e Botafogo, por outro jornal. As diversas histórias de violência protagonizadas por torcidas organizadas eram conhecidas de longa data.

“Eu sabia que a matéria era boa. Ela até foi comentada em um programa de televisão, era óbvio que eu queria assinar”, contou o pai de duas filhas pequenas. “Mas quando falei com minha mulher, ela pediu pelo amor de Deus que eu não assinasse. Toda hora eu estou indo no Engenhão para fazer jogo do Flamengo. Outro dia teve

um carro de uma emissora apedrejado lá. Vai que alguém me reconhece”, completou.

Victor acabou assinando. Aquele foi um furo de reportagem inclusive em redes de televisão, que estavam trabalhando durante cerca de três meses na mesma história. O diretor de redação na época – que já havia dito a Victor que se o jornal fosse um Estado, o setorista de Flamengo era o ministro da Fazenda, o homem que fazia o dinheiro entrar –, deu parabéns não só ao repórter, mas a toda a editoria que colaborou com aquela matéria.

Nada aconteceu com o jornalista desde o episódio. Ele ainda lida com líderes de torcidas organizadas e tudo na maior amizade. Deve-se lembrar, porém, que a polícia não conseguiu provar que os ingressos eram dados pelas torcidas organizadas, e, no final das contas, não houve sanção a nenhuma delas.

“Quem é que vai ao jogo com uma caneta pendurada na camisa e não é jornalista?”